

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO
BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares. Moacir Gracindo Soares Palmeira (depoimento, 2009 / 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (7h 15min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Moacir Gracindo Soares Palmeira
(depoimento, 2009 / 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir; Mário Grynszpan;

Levantamento de dados: Arbel Griner; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir; Mário Grynszpan;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Arbel Griner; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir; Mário Grynszpan;

Técnico de gravação: Ítalo Rocha Viana; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 09/07/2009 a 10/09/2012

Duração: 7h 15min

Arquivo digital - áudio: 7; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 9;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto terá vigência de dois anos, a partir de 01/01/2008.

Temas: Antropologia; Atividade acadêmica; Campesinato; Cândido Mendes de Almeida; Carreira acadêmica; Ceará; Ciências Sociais; Claude Lévi-Strauss ; Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) ; Convites; Ditadura; Economia; Ensino; Epistemologia; Estado e sociedade; Estado Novo (1937-1945); Estratificação social; Estrutura agrária; Estruturalismo; Família; Fernando Bastos Ávila; Fernando Henrique Cardoso; Florestan Fernandes; Formação acadêmica; Formação escolar; França; Fundação Ford; Gilberto Freyre; Golpe de 1964; Graciliano Ramos; Instituições acadêmicas; Intelectuais; Intercâmbio cultural; Literatura; Marxismo; Mato Grosso; Migração; Movimento estudantil; Museu Nacional; Nestor Duarte; Obras de referência; Pernambuco; Pesquisa científica e tecnológica; Pierre Bourdieu ; Política; Política agrária; Política científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Portugal; Produção intelectual; Questão agrária; Reforma agrária; Regime militar; Repressão política; Rio Grande do Sul; Sociologia; Universidade de Brasília; Universidade de São Paulo; Universidade Federal de Minas Gerais; Vítor Nunes Leal;

Sumário

1ª Entrevista: 09.07.2009 Origens familiares; influências do pai; convivência com a política; os irmãos; mudança da família para o Rio de Janeiro; primeiros anos de estudo; as férias da família em Alagoas; a escolha pelas Ciências Sociais; sua atuação em movimentos estudantis; aproximação com a Associação Metropolitana de Estudantes Secundários (Ames); vestibular para a Pontifícia Universidade Católica (PUC); anos de formação; anos de estudo na Pontifícia Universidade Católica (PUC); a importância da sua turma de Sociologia; militância estudantil; professores que marcaram a vida acadêmica; a importância do professor Fernando Bastos de Ávila (Padre Ávila) e dos professores Glaucio Ary Dillon Soares e Geraldo Semenzato, entre outros, durante a formação na PUC; o curso no Instituto de Ciências Sociais da Bahia; a criação do instituto e os primeiros alunos; o curso e os professores; as viagens com o pai que influenciaram nos trabalhos de campo; a experiência do Golpe Militar; a volta para o Rio de Janeiro; comentários acerca da rede de resistência à ditadura; o contexto político da época; a atuação na política estudantil; a aproximação com os estudantes da Nacional de Filosofia; menção as manifestações políticas durante o início dos anos 60 ; descrição da formatura; o trabalho na Editora Zahar; o trabalho com Cândido Mendes; participação em pesquisas; as coleções publicadas pela editora; militância profissional; marxismo e estruturalismo na década de 1960; a discussão sobre os temas no país; a viagem à França; as expectativas com a pós-graduação; menção à sociologia polonesa; a inconformidade com a ditadura e a ligação com a militância política no Brasil; comentários sobre a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO); os cursos no Instituto da América Latina e os professores que os ministraram; menção ao contato com os ingleses.

2ª Entrevista: 07.10.2009 O doutorado na França e os cursos com Pierre Bourdieu e outros professores; a amizade com Francisco José Paiva Chaves e o auxílio deste durante sua estadia na França; a aproximação com Pierre Bourdieu; a bolsa do Centre de Sociologie Eupéenne; o encontro de pesquisadores no Brasil organizado por ele e outros colegas; a opinião de Pierre Bourdieu quanto aos movimentos estudantis de maio de 1968; comentários sobre a influência teórica de Louis Althusser e Michel Foucault; o contato com Michel Foucault; o curso com Louis Althusser na França; a volta para o Brasil em 1969 e as aulas no Museu Nacional; o contato com Roberto Cardoso; o convite para participar do Estudo Comparativo de Desenvolvimento Regional; o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS); o papel da Fundação Ford no início do Museu Nacional; a

importância de Luiz de Castro Faria; a importância das obras escritas pelo chamado grupo de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP): Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, entre outros; Congresso do Centro Latino Americano de Ciências Sociais; o livro Capitalismo e escravidão de Fernando Henrique Cardoso; a formação em Antropologia e a aproximação da Sociologia; as diferenças entre a Antropologia na graduação e no mestrado; o pouco contato com as idéias de Claude Lévi-Strauss; o projeto da Plantation Canavieira, em Pernambuco : surgimento e formação do grupo de pesquisa; a importância do trabalho coletivo; as áreas de estudo dentro do projeto; o financiamento da Fundação Ford; o período de afastamento do projeto; aulas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); as motivações para sua entrada na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag ; a experiência com o trabalho de campo em Pernambuco; os sindicatos operários da época do Estado Novo; a experiência de convivência com os trabalhadores da federação; o convite para trabalhar na federação; os alunos que foram trabalhar em assessorias de movimentos sociais; o Núcleo de Antropologia Política (Nuap); o trabalho pedagógico na Contag; a discussão político-sindical no contexto político da década de 1980, no Brasil; a importância do trabalho de campo em sua experiência como antropólogo; a ligação entre teoria e prática de pesquisa; o interesse por uma sociologia da produção intelectual; a importância da leitura das obras de Vitor Nunes Leal e Sydel Silverman para sua pesquisa; a diversificação de autores; o curso do Padre Mrvack na PUC; o marxismo segundo Louis Althusser; referenciais teóricos e as obras literárias marcantes em sua vida: destaque para Reforma agrária, de Nestor Duarte; Alexandre e outros heróis, de Graciliano Ramos e Sobrados e Mucambos, de Gilberto Freyre; o contato com Portugal; o cientista social na atualidade; a ligação com o Ceará e com a Universidade Federal deste estado; a experiência com alunos de graduação e pós-graduação; a relação com a política científica; a democratização das universidades; ensino e pesquisa nas universidades.

3ª Entrevista: 10.09.2013 A pesquisa “Concepções de Política e Ação Sindical”, do final dos anos 1980; a criação do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP) em conjunto com professores da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Brasília; as pesquisas sobre política e lutas de família; o estudo sobre novas experiências e formatos de participação, no Brasil; as obras que influenciaram os estudos sobre as relações entre política e estratificação social no Brasil; o convite para escrever o prefácio da republicação da obra Engenho de açúcar no nordeste; a convivência com Manuel Diégues Junior; a

releitura da obra supracitada e sua contribuição para a pesquisa sobre política e lutas de família; o livro Impacto dos assentamentos de reforma agrária no Brasil resultante da pesquisa solicitada ao NUAP pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário; o seminário Memória Camponesa; o levantamento acerca da repressão no campo durante o regime militar brasileiro; o lançamento do livro “Retrato da Repressão Política no Campo – Brasil 1962–1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos”; a preocupação com questões agrárias do Brasil; os estudos acerca de Sociedade, Economia e Agronegócio no Brasil; a concentração de estudos em torno do Triângulo Mineiro e no Mato Grosso; o foco da pesquisa nas relações sociais em torno do agronegócio; o estudo sobre migrações no Brasil; os movimentos de migração entre o Rio Grande do Sul e o Mato Grosso; os movimentos de migrações de nordestinos; a influência teórica de Pierre Félix Bourdieu em suas pesquisas; a influência teórica de Claude Meillassoux; os diálogos dos autores com as obras de Karl Marx e Friedrich Engels; a importância da Antropologia ao longo de sua carreira; os recortes teóricos específicos da Antropologia; a epistemologia da Antropologia e a produção de conhecimento; a orientação teórica dos recortes antropológicos em suas pesquisas atuais; o contato com trabalhos de Sociologia e Antropologia de países fora das tradições europeias; a necessidade de revisitar os clássicos; a problemática das traduções dos clássicos da sociologia para outras línguas; a retomada de clássicos a partir de novos paradigmas; o ensino e a pesquisa em Ciências Sociais na atualidade; expectativas para o campo das Ciências Sociais.

1ª entrevista: 28/08/2019

Celso Castro – Moacir, para começar, nós sempre temos perguntado aos nossos entrevistados sobre a origem familiar, o nascimento, o ambiente familiar. No teu caso, a gente tem até medo de perguntar. [risos]

Moacir Palmeira – Por quê? [risos]

C.C. – Porque você tem uma família extensa, com muitas pessoas importantes. Senão nós vamos ficar a entrevista inteira. Mas, enfim, como é que você, tendo o seu ambiente familiar, você veria a importância na tua formação de cientista social, e as condições nas quais você foi educado e criado, até fazer a opção pelas Ciências Sociais, depois.

M.P. – Bom, nem tão extensa nem tão importante. [risos] Eu acho que essa opção pelas Ciências Sociais tem tudo a ver com a minha família, com o meu pai especificamente, que era advogado, mas advogado e jornalista – naquela época, todo mundo que escrevia regularmente em jornal era forma, jornalista – e político...

Karina Kuschnir – Pode falar o nome do seu pai.

M.P. – Rui Soares Palmeira. E político também, desde muito cedo: participou da Revolução de 30 em Alagoas; combateu a Revolução Constitucionalista de São Paulo, fazendo parte da Força Pública que veio de Alagoas; foi secretário, segundo dizem – eu nunca vi documentos e já ouvi informações contraditórias –, da Aliança Nacional Libertadora; e depois, na redemocratização, liderou a organização da UDN no estado e foi candidato a governador – e foi derrotado. Ele enfrentava a oligarquia de Góis Monteiro. A partir daí, foi eleito deputado – ele foi constituinte –, foi eleito deputado, teve dois mandatos de deputado, e depois, um mandato de senador, e morreu no meio do segundo mandato de senador. Mas essa coisa... Quer dizer, ele, como eu disse, tinha uma atividade intelectual intensa: ele participava de um círculo de intelectuais que, nesse momento, em Alagoas, teve um certo peso. Ele viveu muito aquele momento em que, em Alagoas, estava a Rachel de Queiroz; o José Lins do Rego; o Graciliano Ramos, que era amigo dele; o pessoal da terra, o Alberto Passos Guimarães,, o Noel Nutels andou por lá... Enfim, havia uma lista extensa. Bom, depois, o Valdemar Cavalcanti e

o Afrânio Melo, que viraram jornalistas importantes no Rio de Janeiro; o Manuel Diégues Júnior, com quem depois, anos depois, eu vim a trabalhar aqui e que foi meu professor. Bom, a lista é muito grande. Eu estou chutando, assim, os que vêm à cabeça. E ele escrevia. Ele tinha uma biblioteca realmente muito boa, e mesmo depois, sobretudo a partir do segundo mandato, quando ele passou a funcionar basicamente em torno da política, ele manteve essa preocupação de ter uma biblioteca, uma boa biblioteca, e de nos estimular a leitura. E era um... Ele tinha um estilo em casa de que as questões que ele estava vivendo eram discutidas, sei lá por quê.

K.K. – Vocês eram quantos?

M.P. – Nós éramos seis irmãos. A política estava muito no nosso dia a dia. E nesse período do Góis Monteiro... Alagoas sempre foi um estado meio violento, não é? Esse período do Góis Monteiro foi um período pesadíssimo, então, três por dois nós tínhamos que sair de casa porque na época, o Silvestre Péricles de Góis Monteiro, que já tinha brigado com um ou dois dos irmãos, ameaçava e dizia que, naquele dia, ele ia incendiar a casa de fulano de tal, e aí iam, e pega às vezes entre os capangas e a polícia, e cercavam a casa e tal. Ele mandava esses avisos e então ficava... A três por dois, tínhamos que sair de casa e dormir na casa do meu avô ou na casa de algum amigo. E esse tipo de experiência, eu acho que era uma espécie de estímulo constante para nós refletirmos sobre aquilo que estava acontecendo. Nesse primeiro período, também... O meu pai, como eu disse, apesar de ser filho de senhor de engenho, de uma família, naquela altura, de fornecedores de cana e ser proprietário, um dos proprietários da fazenda da família – que ainda existe hoje e é do meu irmão mais velho –, ele, nos anos 30 e 40, atuou muito numa linha mais à esquerda: como eu disse, ele participou da Aliança Nacional Libertadora; o maior amigo dele foi para o Partido Comunista e depois se elegeu deputado estadual nessa época – é o padrinho do meu irmão mais velho, que foi depois um político, digamos, conservador, não é?

C.C. – O Guilherme?

M.P. – O Guilherme. O André Papini de Góes, que era uma figura excepcional, era compadre do meu pai. E o André, também, quando houve a cassação dos deputados comunistas e a ilegalização do PCB, passou a viver na clandestinidade. Então, para nós,

por exemplo, era muito estranho aquilo. E nisso, até que o meu pai foi coerente: apesar de a UDN já estar começando a se encaminhar na outra direção, ele votou contra a cassação dos mandatos dos deputados comunistas e contra a ilegalização do PCB, manteve as amizades todas e tal. Então, eram pessoas próximas, não é? E depois, aí menos, porque ele é uma pessoa que eu vim a conhecer muito depois – mas eu conhecia os filhos e a esposa –, mas que era também uma referência, o Alberto Passos Guimarães. Nas festas da colônia alagoana, geralmente o Alberto não ia, a esposa e os filhos estavam, mas o Alberto estava na clandestinidade. Quer dizer, essas coisas eram muito presentes no nosso dia a dia.

K.K. – Você nasceu em que ano, Moacir?

M.P. – Em 1942.

C.C. – E sua mãe, Moacir?

M.P. – A minha mãe, o pai dela era advogado, foi professor da Faculdade de Direito lá, tinha sido juiz de direito. Apesar de ter morado no interior, chegou a ter uma fazenda, tinha um perfil mais urbano. E foi, uma época, deputado estadual, também. Aliás, tanto ele quanto...

K.K. – Quem foi deputado? O seu avô?

M.P. – O meu avô Inácio Gracindo, o avô materno. O meu avô paterno, eu não conheci.

K.K. – E sua mãe se chamava...?

M.P. – Gaby. Maria Gaby Gracindo Soares Palmeira. É uma coisa curiosa, porque o meu avô materno, o Inácio Gracindo, era casado com uma filha do Euclides Malta, que foi o cara que chefou uma das famosas oligarquias do início do século, e o meu avô era oposição, fazia oposição ao Euclides Malta. Acabou casando com a filha dele. E o meu avô paterno chegou a comandar uma revolução para destituir o Euclides Malta, que era uma figura... era ligado ao movimento civilista e tal. Bom, e os dois acabaram

participando... Aí, o meu pai, no caso, e o meu o avô paterno, ambos foram do Partido Socialista de Alagoas, nos anos 30. Bom, essas coisas que eu estou contando passam um pouco por isso, por ouvir falar. Não tomem isso como uma... Não é nada mais historiográfico; é porque eu ouvi falar, de conversas de amigos. Mas voltando ao ponto, então, havia essa coisa de a política, apesar de sermos crianças, muito pequenos, ainda muito pequenos, a política estava no dia-a-dia. À noite, a casa do meu pai, nesses anos 40, era uma casa de portas abertas, então... O dia todo, aquele negócio de chegarem as pessoas, durante o dia, para pedir sei lá o quê, mas à noite se reunia... Funcionava como uma espécie de quartel-general da UDN local. Então, tinha sempre dezenas de políticos que iam. E me lembro bem, tinha um amigo dele que tocava piano, outros declamavam... Era uma coisa meio política e cultural. Eram muito animadas. E nós gostávamos de ficar, de participar, de ficar ali vendo aquele negócio. Era muito animado.

C.C. – E sua mãe tinha alguma atuação?

M.P. – Não, não. A minha mãe era dona-de-casa...

K.K. – E você é qual filho, na...?

M.P. – Eu sou o terceiro.

C.C. – Qual é a ordem dos filhos? É o Guilherme...

M.P. – É o Guilherme; a Nádia, que é minha irmã que mora em Alagoas; depois o Vladimir, que vocês conhecem por ter se tornado figura pública e tal; depois tem o Miguel, que mora em Alagoas também e em certo momento foi deputado estadual e hoje está mais ou menos recolhido; e o Godofredo, também. Esse virou empresário, mas hoje também está... fica mais em casa, administrando de longe as coisas dele. Quer dizer, quem... Acabamos... Quer dizer, quem investiu mais na vida intelectual foi a Nádia, que foi professora da Universidade Federal de Alagoas e antes tinha sido professora aqui do Santa Úrsula e coisas assim...

K.K. – De que área é ela?

M.P. – Letras. Depois se afastou. Tinha até uma militância religiosa e tal. Bom, o Guilherme fez carreira política e o Vladimir. Os dois menores, os dois mais novos, depois que o meu pai morreu, alguns anos depois, voltaram para Alagoas com a minha mãe. Então, essa história, a gente... Por exemplo, o hábito de ler jornal: desde que eu me entendo de gente, eu leio jornal, e lia a coisa política. Aqui no Rio, nós morávamos em Copacabana, em um apartamento muito simples, alugado, então, realmente não...

K.K. – Por que a família vem para o Rio?

M.P. – Porque o meu pai foi eleito deputado. No primeiro mandato nós ainda ficamos em Alagoas, e no segundo mandato...

K.K. – Em que ano isso?

M.P. – No segundo mandato, a minha mãe, naturalmente, exigiu que ela viesse para cá. Nós viemos em meados de 1951. Então, aqui, lembro bem, todo dia de manhã era o *Correio da Manhã* e *O Diário de Notícias* – esse, todo o dia – e à tarde, *O Globo* e a *Tribuna da Imprensa*. Em épocas de crise, aí vinha a *Última Hora*, que era o jornal getulista. E depois, aos domingos, aí era impressionante, porque era *O Jornal*, o *Diário Carioca*... praticamente todos os jornais do Rio. E aquilo ficava... E nós gostávamos de ler a coisa da política, porque era um pouco... estava... era o que tinha a ver um pouco com o nosso cotidiano – o meu pai chegava em casa à noite falando de política, não é? Então, tinha figuras que eu nunca vi, mas que nós tínhamos uma certa intimidade, por conta dessa atividade dele.

C.C. – Mas isso você era muito novo. Você estava com o que, com nove anos?

M.P. – É. Eu vim quando eu estava de oito para nove anos. Eu sou de dezembro, eu não tinha completado nove anos.

C.C. – E colégio? Você estudava...?

M.P. – Lá em Alagoas, apesar do meu pai vir de uma tradição anticlerical, de liberais

do século XIX [risos], a minha mãe era católica e essa história toda, e eu então estudei no Colégio Marista, depois daquela coisa de... Naquela época, não tinha essa coisa que tem hoje de maternalzinho, maternal e não sei o quê, mas lá tinha o jardim infantil, como chamava, o jardim de infância, aqui no Rio. Então, eu tive uma passada lá pelo jardim de infância e depois o Colégio Marista. E aqui, ainda houve... A minha mãe queria que nós fôssemos para o Colégio Marista, que nessa época tinha só na Tijuca, mas, finalmente, não, estudamos... eu estudei o tempo todo no Colégio Mallet Soares, que é um colégio de classe média em Copacabana – ainda hoje existe – que disputava prestígio com o Mello e Souza, que era ali ao lado, não é?

C.C. – Qual foi a sua impressão, vindo para o Rio, de morar na cidade?

M.P. – Bom, de um lado, aquele deslumbramento. Uma coisa que eu tenho até hoje é a imagem do avião descendo no Santos-Dumont, aquela paisagem fantástica. Mas havia uma coisa cultivada, que era de nós continuarmos em função de Alagoas. Isso era cultivado pelo meu pai. Mesmo tendo morado muito mais tempo de vida no Rio de Janeiro, essa coisa de ser alagoano, de estar ligado a Alagoas, eu acho que todos nós ficamos... Os mais novos, os que já nasceram... O meu irmão mais novo nasceu em 1950 e veio para cá com um ano e meio. Esses que eram mais... Os dois mais novos eram mais cariocas, mas voltaram para Alagoas e, hoje, acho que são mais alagoanos do que todos. Então essa coisa era cultivada, a coisa de ser alagoano e isso e aquilo. Era, sei lá, um...

K.K. – Você desculpe perguntar, mas o seu pai era uma pessoa que era afetuosa? Ele era carismático com vocês? Ou era uma coisa mais distante?

M.P. – Não, ele era distante... Quer dizer, boa parte do tempo, o meu pai estava viajando. Passamos... Esse primeiro mandato dele, nós ficávamos lá em Alagoas com a minha mãe e o meu pai vinha e voltava e essa história toda. Depois, aqui no Rio, ele ia com frequência a Alagoas. Então, tinha um certo distanciamento. Mas era, por outro lado, digamos assim, uma referência muito forte – sempre estou me referido a ele. Ele era uma pessoa extremamente discreta e muito, realmente... Acho que foi uma batalha dele para combater qualquer forma de arrogância, isso era realmente uma coisa muito interessante. O meu avô materno já era mais... Era advogado e juiz e aquela coisa toda,

e cidade do interior, cultivava mais essa... O meu pai tinha horror a isso. Nós éramos proibidos de dizer que ele era deputado, numa época em que deputado não era desvalorizado como é hoje. [riso] Hoje, eu acho que, por medida de segurança... Não. Qual é a profissão do pai, “advogado.” No colégio mesmo, depois de anos, depois de muitos anos, alguém descobriu e ficou surpreso. Era meio uma questão de honra. Ele se apresentava... Em nenhum lugar ele chegava dizendo “eu sou deputado, sou senador”. Era o nome e “eu sou advogado”. Ele manteve umas causas, acho que até meados dos anos 50, e depois era só política. Então foi isso. Ele era uma figura muito discreta, meio imperturbável, muito calmo, então, a minha mãe...

Mario Grynspan – Em que área do direito ele atuava?

M.P. – Eu tenho impressão que era... Eu sei de alguns casos de criminal que ele fez. Não sei em que outras frentes, não. Mas isso eu sei porque... alguns casos que ele defendeu e que gerou, digamos, umas fidelidades incontidas. Quer dizer, quando nós estávamos em Alagoas, não é? Então, os comícios. Então, o interesse pelos comícios que veio depois é... Íamos todos ver o comício. Já nessa idade ainda, com oito ou nove anos, aquele negócio de propaganda eleitoral, de pichar... A gente botava aquelas formas, aquele negócio para você passar a cal em cima, para deixar os nomes marcados no calçamento, no asfalto. Então nós vivíamos embolados naquele negócio. A minha casa era um pouco o comitê eleitoral, também.

C.C. – E você ia sempre a Alagoas de férias?

M.P. – Sim. Não, isso... Em todas as férias, no primeiro dia de férias, já estávamos indo e ficávamos aqueles... Era a época dos três meses de férias seguidos, ficávamos lá.

Helena Bomeny – Porque a casa, se manteve lá? Mantiveram a casa?

M.P. – Se manteve. Depois ele cedeu para o meu avô e ele passou a alugar. Mas ele tinha sempre uma casa alugada lá. E depois, íamos nas férias de julho, também. Quer dizer, três a quatro meses por ano, estávamos em Alagoas.

H.B. – Moacir, eu fiquei muito curiosa, porque você descreveu um ambiente familiar muito interessante. Pelo menos, a sua lembrança é de um ambiente muito interessante.

Você teve uma experiência na escola que foi um contraste, também. A escola correspondeu? Ou foi menos interessante que a casa?

M.P. – Não, a escola... Não, eu acho que foi boa a experiência escolar. Quer dizer, eu me alfabetizei em casa. Porque tem aquele negócio de professora particular também, antes do... Então, a dona do jardim de infância dava também aula particular. Era uma senhora realmente muito competente, depois foi premiada... Então, nessa história de os meus irmãos mais velhos se alfabetizarem, eu me interessei. Eu ficava ali – às vezes, de castigo, sentado numa cadeira –, eu ficava vendo aquele negócio e aí começava a dar pitaco. E aí eu me alfabetizei. Depois teve essa experiência nesse jardim infantil, que era público, e ali tinha... No fundo, era... Os meus amigos estavam todos lá, amigos de rua, disso e daquilo, e foi interessante. Depois, no Colégio Diocesano também, eu tinha alguns conhecidos, algumas amizades e essa coisa toda. E como tinha já essa coisa de ler, de começar a ler cedo, de gostar de ler, então, eu tinha um certo gosto pelos estudos. E eu segui, aqui no Rio. No primeiro ano que eu cheguei, a coisa foi meio tumultuada, porque começava desde os famosos ditados, que a professora... aquele *E* fechado, aquele me-ni-no... Para mim era menino [pronunciando *minino*], não tinha essa coisa. Mas depois engrenei bem. Tive uns anos aí de... aqueles anos de malandragem, no início da adolescência, e depois, eu acho que fui, no geral, um aluno interessado. E fiz boas... Bom, as amizades de fato que eu fiz aqui foram muito na escola e depois, na faculdade.

K.K. – Como é que foi essa tomada de decisão para fazer um curso de Ciências Sociais e...? Que opções, assim...?

M.P. – Há muito... Nessa história toda, há uma motivação... Esse interesse, essa preocupação, esse envolvimento com a política pesou. Foi crucial.

H.B. – E foi em um momento importante também, em 1961 e 1962...

M.P. – É, em 1961. Isso foi um...

M.G. – Você tinha algum envolvimento com o movimento secundarista e essas coisas?

M.P. – É, eu comecei no movimento secundarista a partir da quarta série de ginásio, que hoje é o... Eu não sei mais, porque já mudou tantas vezes esse negócio.

K.K. – É a oitava... a nona agora. É a nona.

M.P. – A partir do quarto ano de ginásio, inclusive, quando eu já estava mais articulado e tinha saído um pouco desse período de não querer nada, começamos a nos movimentar no colégio, lá no Mallet Soares. O Mallet Soares tinha tido uma revista que tinha parado há alguns anos e nós começamos a retomar a revista, e criamos... A dona Estefania, que era a famosa diretora, Estefania Helmond, essa que entrava nos cinemas da zona sul para pegar os alunos que estavam matando aula, com uma sineta. [risos] Ela entrava no Roxy às quatro horas da tarde com uma sineta – era uma operação policial – para tirar os alunos. Hoje o pessoal quernamorar no Arpoador e tal...Era uma coisa realmente muito especial. Então, a Estefania... O marido era militar da Marinha, era almirante, e ali a coisa era dura, a disciplina era meio dura. Então, ela não admitia que se criasse grêmio na escola, então foi criado um Clube de História e Geografia. E esse clube foi um pouco... A disputa pela criação e, depois foi uma... Virou uma espécie de grêmio. E nesse momento, eu e outros colegas começamos a nos aproximar da Ames, que é Associação Metropolitana de Estudantes Secundários. Eu participei do famoso quebra-quebra dos bondes, aqui na... Eu não cheguei a quebrar nada. A primeira coisa que o meu pai, quando eu cheguei em casa... “Você depredou...?”. E eu: “Não, não!”.

H.B. – Joguei a pedra, mas não acertei.

M.P. – Aí foi a primeira borrachada da polícia, correndo... Então, houve uma série de greves...

C.C. – Os seus irmãos também participavam, na escola? Era o mesmo colégio?

M.P. – Sim. Mas aí vem depois. O Guilherme não, mas o Vladimir sim. Mas já um pouco depois de mim. Ele é dois anos mais novo. Aí começamos com essa história de participar dessa coisa, e tinha sei lá o que na UNE... Enfim, essa movimentação estudantil, de uma maneira mais ou menos difusa. Aí, depois, o congresso da Ames...

M.G. – Isso em que ano, mais ou menos, Moacir?

K.K. – Em 1958, não é?

M.P. – Em 1958, por aí, ou uma coisa assim, ou em 1957. Bom, e isso se juntava com a coisa da política. Teve uma ocasião em que houve uma... a polícia entrou na UNE, que nessa época, tinha uma orientação mais udenista ou coisa assim, inclusive alguns deputados da oposição, eu acho que estava o Lacerda e não me lembro quem, o Mário Martins... Tinha um grupo de deputados lá que... Eu não sei se algum deles andou levando também pancada... Eu sei que houve uma entrada da polícia que foi objeto de censura. Então, essa coisa, o noticiário no jornal, a movimentação de estudantes, quer dizer, começou essa história. E depois, na Ames, com a... Começamos... Eu participei do meu primeiro congresso da Ames. Em princípio, o pessoal mais identificado com a... Eu estava mais próximo do pessoal identificado com a UDN, e chegando lá, vi que as coisas já não batiam. Então, a partir daí, já no congresso seguinte, eu já estava... Tinha um grupo que era mais próximo da democracia cristã, quando ela começava a dar sinais de ir para a esquerda e tal, então já uma aproximação com esse grupo. E depois, o grupo que estava em torno disso – foi quando eu saí do colégio – continuou, enfim, aí já com uma postura inclusive mais à esquerda. Aí já entra o Vladimir e o pessoal... Porque nesse momento houve uma cisão da Ames, então, criaram uma segunda Ames.

K.K. – Você chegou a ocupar cargos?

M.P. – Não, não. Eu participei do grupo que estava lá na... o grupo de estudantes que representava e tal. Sempre fugi de cargos. [riso]

C.C. – Mas em 1961, quando você entra para a PUC para fazer a graduação em Ciências Políticas e Sociais, você considerou fazer outra opção, ou não?

M.P. – Sim, voltando então à questão que vocês tinham feito, por que... Então, havia, quer dizer, esse interesse pelos problemas nacionais, pelas grandes questões internacionais, era uma motivação e é um pouco por aí. Nessa época, a minha primeira ideia era Economia. Bom, Sociologia não... Tinha sido... Se não me engano, o Ieps, que era o Instituto de Estudos Políticos e Sociais, que continha a Escola de Sociologia e

Política da PUC, é fundado, eu acho, que em 1958. Você tinha os cursos de Ciências Sociais nas universidades federais, mas aí era uma coisa dirigida para o ensino e tal. Então, a disciplina, a coisa que me atraía era a Economia, porque a Economia... Foi a época das grandes discussões econômicas, a questão do desenvolvimento, e o Celso Furtado emergia como uma figura de referência. Então, era um momento em que a discussão... a economia e os economistas faziam presença na discussão política. Então, a primeira motivação foi fazer Economia. Eu não fiz cursinho, mas fiz um reforço de Matemática com um ex-professor e cheguei a fazer... Eu fiz vestibular de Economia para a UFRJ e fui reprovado em Matemática. [riso] Passei bem nas outras matérias e fui reprovado em Matemática e na... Eu não me lembro mais quem eram os examinadores na prova oral, na prova escrita... Na prova oral, eles me cortaram a cabeça. E cheguei a pensar em Jornalismo, que era uma outra que também estava aparecendo, a Escola de Jornalismo, nessa época, e tinha a Escola de Sociologia e Política da PUC que estava ganhando corpo. Eu tinha um amigo que... Não, mais de um amigo. Tinham falado com muito entusiasmo da escola e isso e aquilo, e aí fiz também para a Sociologia da PUC. No jornalismo, eu cheguei a me inscrever, mas desisti porque, no meio do caminho, eu passei em Sociologia e achei que estava bem. Ainda pensei em refazer a coisa da Economia. Depois andei, com alguns colegas, já colegas de faculdade, acompanhando um curso que o Conselho Nacional de Economia dava, uma espécie de curso... Durava seis meses, ou um ano, não sei, era uma coisa extra-acadêmica. Mas depois, eu já estava... A essa altura, eu já tinha me envolvido na coisa da Escola de Sociologia e fiquei por aí mesmo. Quer dizer, a entrada foi um pouco por aí, a discussão das grandes questões nacionais e os grandes conflitos internacionais. O interesse era por aí, que tinha a ver com o que eu tinha visto, as coisas que pareciam mais interessantes no meu cotidiano.

K.K. – E em casa, essa opção, como é que foi aceita? E o que os seus irmãos estavam fazendo, os mais velhos?

M.P. – O meu irmão mais velho fez direito na UFRJ. Na época não era UFRJ; era a Universidade do Brasil. Na Faculdade de Direito do...

K.K. – Universidade do Brasil.

M.P. – ...do Campo de Santana. A minha irmã fez Letras. Ela fez Letras... Agora eu não me lembro. Acho que fez na UFRJ também, mas não estou certo. Porque, no Santa Úrsula, ela foi professora depois. Eu não sei se ela fez... Eu entrei na Escola de Sociologia e Política; o Vladimir depois começou a fazer Direito e não terminou porque foi para o exílio e, no exílio, acabou fazendo Economia; o Miguel fez Economia, mas já em Alagoas, mas nunca foi muito ligado, quer dizer, nunca exerceu a profissão; e o Godofredo também começou Psicologia aqui na PUC, depois desistiu, voltou para Alagoas, tentou Administração...

H.B. – Mas já é muito original. Porque, para essa geração, nenhum ir para Engenharia ou para Medicina... Estão todos na Economia, Direito e Ciências Sociais. É um pouco raro.

C.C. – Mas o curso da PUC correspondeu ao que você imaginava, ou não? Os professores...

M.P. – Mais ou menos. A PUC variou muito, não é? Acho que a nossa, sem nenhuma pretensão de... eu acho que a nossa turma foi uma espécie de divisor de águas na PUC.

K.K. – Quem era?

M.P. – Bom, eu lembro os que... Os que me vem mais à cabeça: o Sérgio Lemos, que teve uma liderança intelectual imensa; o Otávio Velho; Luiz Antonio Machado da Silva e outros colegas. Esses ficaram aqui na área. O Sérgio era mais velho, já tinha feito Direito, era oito anos mais velho do que eu, ou alguma coisa assim, e era um intelectual e, inclusive, um poeta muito bom. Depois, agora já, quando ele estava morrendo, os livros dele começaram a ser publicados, e depois saiu um romance. Realmente era uma... E um cara com uma experiência... quer dizer, um cara que tinha... Ele não estava fazendo [simplesmente uma] faculdade, ele tinha um projeto intelectual e estava o tempo todo questionando esse projeto intelectual. O Sérgio foi fundamental para essa turma – naturalmente, foi o primeiro classificado, logo na entrada da PUC. Ele tinha uma formação muito sólida: ele tinha feito Direito antes e tal. Então, o Sérgio Lemos; o Otávio Velho; o Luiz Antonio Machado da Silva; a Rosa Maria Ribeiro da Silva, com quem eu fui casado e que depois... é do IBGE, não é? E muita gente que foi para o

Itamaraty, porque a escola funcionava muito, também, como um preparatório para o Itamaraty. O meu pai, em certo momento, achou que eu devia fazer diplomacia, ir para o Itamaraty. Mas, eu não dizia que não, mas já sabia que não ia fazer. Mas então, houve colegas... a Heloisa Vilhena de Araújo, também uma cabeça privilegiada, depois foi embaixadora, acho que na Rússia, foi cônsul em... teve uma carreira diplomática brilhante e tem uma série de... Depois de um certo tempo, publicou umas coisas sobre o Guimarães Rosa que são realmente preciosas. Não sei, perdi o contato com a Heloisa. Em certa época, ela era muito ligada ao Merchior e essa história toda. A Heloisa foi, também, uma aluna excepcional. O Milton Kogut, que já era meu amigo de antes, que foi para Israel e lá se tornou cientista político e fez muito a carreira de Estado lá, o Milton Kogut; a Lena Chaves, que depois esteve no Mobral e que morreu precocemente; a Beth Kugelman, que também já faleceu; o Manuel Fernando Ruiz Calicchio, meu amigo até hoje, que ficou muito nessa área de socioeconomia e entrou no Ibre na época, por causa daquele cadastro, do primeiro cadastro do Ibre, entrou nisso aí, e depois foi para o Serpro e continua aí. Ele ficou atuando muito, depois, em assessorias governamentais e essa coisa toda. Bom, o Colmar Verçosa Manguiera, que hoje está ligado a teatro, que é uma pessoa também muito talentosa; o Clemente Mourão, que é diplomata e foi também para a coisa do Itamaraty. O Colmar, eu acho que chegou a cogitar de fazer o Itamaraty e depois desistiu. Então, a turma... Não, a turma era mais ampla, e essa era um pouco a turma que entrou. Depois havia mais... outras pessoas que agora não... Eu tenho que fazer uma certa força para me lembrar de todos, dos mais próximos. Posso inclusive ter esquecido até alguém muito próximo. Ah! A Ismênia, professora da UFF...

M.G. – Ismênia Martins?

M.P. – Ismênia Martins.

C.C. – Mas por que você disse que foi um divisor de águas?

M.P. – Não, isso... Então, tem essa...

H.B. – Quer dizer, é uma turma atípica, porque há uma densidade... Pelo menos, os ficaram na área...

M.P. – É. Primeiro, era uma turma grande, e depois, o que foi acontecendo foi o seguinte... Você já vai entender por quê. Essa turma mudou, até a formatura, e se formou um número menor, bem menor de estudantes. O que aconteceu foi o seguinte... Eu estou mencionando o Sérgio Lemos porque o Sérgio tinha a ideia de que tinha que haver uma profissionalização: nós estávamos ali para sermos sociólogos. E a ideia do Ieps, criado pelo padre Ávila, que é uma figura que eu aprendi a admirar nessa época e eu gosto muito, a ideia do Ieps era, como você tem, ou teve muito tempo a *Sciences Po*, na França, ou tem no Colégio do México, a coisa da Ciência Política. Era criar uma espécie de elite política. E o Sérgio se lançou veementemente contra isso: “Nós temos que profissionalizar esse curso”. Então, foi uma coisa muito curiosa naquela época. Geralmente, quem estava no movimento estudantil não estava preocupado com profissionalização. Era aquele negócio: “É jovem, tem que fazer movimento estudantil”. Havia inclusive aquelas famosas acusações de “estudante profissional” e não sei o quê. E nós demos um corte nisso. E nós... Hoje, me pergunto se não foi uma furada, mas nós introduzimos o sistema de créditos na PUC. Quando eu entrei na PUC, no primeiro ano, nós tínhamos doze disciplinas: tinha Introdução às Ciências Sociais, dada pelo Artur Hehl Neiva, que também era uma figura de grande destaque. O Artur Neiva, que era um erudito... O pessoal do Itamaraty adorava, e iam à biblioteca... A casa dele era uma biblioteca só e tal. Ele dava o curso de Introdução às Ciências Sociais que realmente tinha o seu interesse, mas era, digamos assim, era um curso sobre o conjunto das ciências, onde você pegava... Era uma coisa, assim... Enfim, a ideia era um pouco o conhecimento do Universo, até chegar... E nós começamos a peitar o Arthur Neiva. Então, tinha Introdução às Ciências Sociais, que, em princípio, tudo bem; aí tinha Sociologia, Ciência Política, Economia... Não tinha se separado a Economia da PUC. A Economia da PUC nasceu dentro da Sociologia. O grupo de Economia era muito forte e muito interessante. Era o grupo daqui da fundação, basicamente. Era o Isaac Kerstenetzky e o grupo da fundação. História eram os irmãos Weiss, o Arthur e o... O outro eu já não conheci, o Arthur que foi meu professor. Depois, também, um ex-professor secundário meu entrou nesse grupo de... História e Geografia, o Clovis Dottori e o Almir Nina Gutiérrez Soares, que tinha sido professor meu no colégio secundário e tinha tido muita importância para mim em termos de... Então, você tinha: História, Geografia, isso e aquilo, Inglês, Francês e Russo.

C.C. – Russo?

M.P. – Russo.

C.C. – Por que russo?

M.P. – Bom, a União Soviética era a grande potência...

H.B. – A referência.

M.P. – ...a referência. E então, havia um príncipe russo...

C.C. – Mas isso era parte do currículo. Não era opcional.

M.P. – ...Igor Ivanovich...

C.C. – Não era opcional. Era parte do currículo.

M.P. – Não, isso era parte do currículo. A essa altura, não tinha nada opcional. E o príncipe era uma figura muito simpática, tinha uns bigodões... Essa coisa bem caricatural: ele usava umas roupas meio fora... Mas era uma figura... Acho que, primeiro, não era a pessoa ideal para dar aula. Então, aquilo virou um pouco brincadeira e essa história toda. E em determinado momento, criou um episódio trágico, mas que... Os jornais populares, na época, eram os jornais do Chagas Freitas, os dois jornais do Chagas Freitas, er o...

C.C. – A *Última Hora*?

M.P. – Não, não. Os do Chagas eram... *O Dia e A Notícia*. Então, um deles estampa... Houve uma grande enchente no Rio, eu acho que aquela de... Não sei se foi aquela de 1966, já início de 1966 – sSe bem que, em 1966, eu já estava fora da escola. Acho que isso foi alguma antes – estampa aquela coisa: “Plebeu salva príncipe.” [risos] O velho estava andando lá na avenida Maracanã, *pum*, caiu dentro do...

C.C. – Do canal?

M.P. – Caiu dentro do canal. E aí, um rapaz que estava passando vai lá e salva, e aí... Então, era realmente... Mas voltando... Isso não tinha acontecido ainda nesse primeiro ano. Mas era... E tinha sido um gesto da PUC de... O cara, finalmente, por que razões fossem, estava exilado, merecia... Então, arranjaram... deram um emprego lá para o... E aí começamos... “Para que essa coisa de russo?”. Tem umas outras histórias divertidas, a partir desse negócio de russo, mas não... Vamos economizar aqui. Porque todas aquelas cadeiras... Tinha História das Doutrinas Econômicas, História das Doutrinas Políticas... Eu lembro que eram doze.

C.C. – Antropologia tinha? Ou Etnologia ?

M.P. – Tinha. Mas Antropologia, não sei se entrava no primeiro ano. Acho que o Diégues [Manuel Diégues Júnior] entrava no segundo ano, e aí tinha Antropologia, Antropologia brasileira...

C.C. – Era o Diégues, o professor?

M.P. – Era. Mas nesse primeiro ano, já era uma coisa, assim, arrasadora. Então você tinha umas pílulas. E nós fizemos um movimento: nos juntamos à movimentação mais geral e tal e conseguimos mudar o currículo lá da Escola de Sociologia e Política.

H.B. – E implantou o crédito, você estava dizendo.

M.P. – Implantou o crédito.

H.B. – Antes de 1968, não é?

M.P. – Implantou o crédito e nós começamos a entrar... Bom, mas isso a gente... O grande negócio é o seguinte: nós fazíamos... E esse grupo, o Sérgio, o Otávio, eu, o Machado, além de... A Heloisa era um pouco... ela, eu até tenho um bom relacionamento. Mas nós estávamos na militância estudantil e éramos os melhores alunos, os mais participantes. O que apareciam... Então, era uma espécie de cala-boca na... Então, com isso, nós conseguimos implementar isso e, já no recrutamento das turmas posteriores, essa coisa já foi marcada. A escola tinha feito essa... Nesse sentido, essa movimentação, e acho que nisso o Sérgio pesou, realmente deu uma modernizada

na escola. Nessa época, na PUC, você tinha alguns professores mais antigos – por exemplo, em ciência política, um professor da Fundação Getulio Vargas, desse... Tinha um centro, tinha uma casinha aqui ao lado...

H.B. – O Iesae [Instituto de Estudos Avançados em Educação]

M.P. – É. E até era interessante. Era meio... Como expositor, não era dos melhores, mas era uma figura interessante. Mas tinham algumas figuras que realmente não... Enfim... Tinha um professor – de História das Doutrinas Políticas, eu acho, ou Doutrinas Econômicas, eu não lembro... De Doutrinas Econômicas – que ele tinha lá umas fichas, e então, ele lia aquelas fichas. Até que alguém, não sei se foi o Clemente, alguém descobriu que aquelas fichas correspondiam aos resumos do Manual do Paul Hugon. Então, o que a turma fez? Compramos todos o livro e, quando ele começou a ler as fichas – e era um senhor, é maldade –, quando ele começou a ler as fichas, nós começamos a ler juntos. Então, eliminamos esse. Então, fomos um pouco fazendo essa...

H.B. – Uma triagem.

M.P. – ...essa revolução cultural, mudando o perfil dessa coisa. Eu comecei a dizer isso e já não me lembro...

H.B. – Mas e o padre Vaz? Eu tenho muita curiosidade...

M.P. – O padre Vaz estava em Belo Horizonte nessa época. Ele vinha de vez em quando.

K.K. – E aqueles que marcaram positivamente?

M.P. – Porque eu ia, antes de falar da Bahia, falar um pouco mais disso. Primeiro, o Ávila, porque o Ávila realmente foi responsável... O Ávila depois... Inclusive, é uma coisa que eu não entendo, porque ele que meio que se afastou da gente. Mas nós tínhamos, realmente, o maior respeito e tal. O Ávila foi uma figura excepcional.

H.B. – Ele é que deu o tom.

M.P. – O curso de Introdução à Sociologia que ele deu foi marcante. Foi quem me apresentou o Durkheim, de uma maneira absolutamente interessante. Quer dizer, ele foi... A bibliografia, abriu para ler uma série de... Sorokin, Parsons... Tinha realmente uma cultura, uma visão da disciplina. Você podia questionar a coisa... mas era realmente... Tivemos um belíssimo curso de Introdução à Sociologia – era Introdução à Sociologia I ou alguma coisa assim – com o Ávila.

E o Ávila, nós nos aproximamos muito dele. O Sérgio Lemos... Houve um estudo, em que ele fazia um estudo sobre remigração no Brasil. Ele tinha feito a tese dele sobre migrações, lá na Bélgica, em 1956 ou uma coisa assim, e estava querendo estudar esse negócio de retorno de imigrantes, dentro das migrações internas brasileiras. E acabamos montando, junto com ele, uma pesquisa e aí escolhemos, por facilidades que eu teria, fazer isso em Alagoas. Então, seis meses depois de entrar na escola, fomos um grupo que era... Aliás, uma pessoa que eu esqueci, que era o Francisco José de Paiva Chaves, que inclusive é uma pessoa que também foi importante, porque ele já conhecia a escola, já tinha... Bom, e esse grupo que eu disse, o Sérgio Lemos, Machado, o Otávio e eu, nós fomos fazer essa pesquisa em Alagoas, que era uma pesquisa dirigida pelo Ávila, e na volta, ficamos trabalhando nesse material. Havia uma proximidade, assim, e ficamos um pouco trabalhando com o Ávila. Mas o Ávila foi, sem dúvida alguma, uma figura importante nesse meu grupo, e os professores de Economia que eu mencionei e os professores de História e tal. Mas tinha o pessoal que não estava ainda... não tinha assumido ainda postos de ensino, mas a PUC já tinha trazido o Glaucio Ary Dillon Soares. O Glaucio foi fundamental. O Glaucio, nessa época, era meio estigmatizado, porque era completamente americanizado. Nós todos éramos nacionalistas e de esquerda e essa história toda. O Glaucio estava, eu acho que em Stanford, ou em uma dessas universidades da Califórnia, e estava trabalhando, se não me engano, com... Não sei se com o Lipset ou com o Bendix. Era com um dos dois.

H.B. – Com o Lipset.

M.P. – Era com o Lipset, não é? E o Glaucio chegou com as técnicas quantitativas e isso e aquilo. Mas o Glaucio era um cara, pra gente, muito mais... Era mais jovem,

muito mais próximo geracionalmente, o diálogo era mais fácil. E então, nós fazíamos seminários nas nossas casas, à noite, com o Glaucio. O Glaucio nos ensinou a fazer pesquisa empírica; aplicamos questionários para o Glaucio em algumas favelas e essa coisa toda. Então, era uma relação um pouco mais horizontal. Então, uma figura foi o Glaucio.

C.C. – Mas ele não era professor; ele era...Transcrição

M.P. – Depois ele se tornou... Porque acho que ele entrou, já estava completa a coisa... Não sei se ele estava dando aula para o pessoal do segundo ano e tal. Mas bem no começo, o Glaucio começou... Outro foi uma figura... Essa foi central para mim e para esse grupo que eu disse, para o Otávio, para o Machado, sobretudo para o Machado, o Sérgio e tal, que foi o Geraldo Semenzato. O Geraldo Semenzato, paulista e tinha saído da direção da revista *Sociologia*, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, tinha vindo para a PUC e também tinha essa perspectiva de trabalhar com pesquisa. E o Semenzato era funcionário, também, do antigo Inic [Instituto Nacional de Imigração e Colonização], que estava alocado no Serviço Social Rural e funcionava ali – hoje é do Incra – na rua Santo Amaro. E o Semenzato também tinha uma experiência já grande de pesquisa – ele tinha trabalhado naquele projeto do Donald Pierson, no rio São Francisco, com o Alceu Maynard Araújo. Ele tinha sido auxiliar de pesquisa, ajudante de pesquisa do Alceu, na área do Baixo São Francisco. E ele, também, começamos também a ter aulas de pesquisa – em uma outra direção, porque aí já a coisa mais qualitativa – e grandes discussões com o Semenzato. Então, o Glaucio e o Semenzato foram figuras essenciais para dar essa formação. Nós não tínhamos aula com eles, a essa altura. Aula formal.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.C. – Então, o Semenzato foi quem...

M.P. – Então, eu estava falando do Geraldo Semenzato, que acho que tinha feito Ciências Sociais e Sociologia Política em São Paulo, tinha trabalhado nessa pesquisa do Pierson, no São Francisco, com o Alceu Maynard Araújo, no Baixo São Francisco, e tinha dirigido a revista *Sociologia*. O Ávila chamou ele para a PUC. Para ele foi

conveniente, porque ele tinha esse emprego no antigo Inic, que naquela época estava no Serviço Social Rural. E ele fez um pouco isso que o Glaucio tinha feito. Talvez de uma maneira até mais informal do que a do Glaucio – de vez em quando, tínhamos reuniões com ele, nos levava ao Serviço Social Rural, nos passou, algumas vezes, relatórios feitos no próprio Serviço Social Rural e essa história toda. Enfim, tínhamos uma discussão digamos assim, mais solta com ele sobre as grandes questões da Sociologia e da Antropologia. Ele também era muito ligado à Antropologia Social britânica. Bom, então, essas duas figuras foram fundamentais já no início. Se você for pegar o curso como um todo, aí aparecem outras figuras extremamente importantes. Bom, daí para frente, tivemos alguns professores... Teve um que teve uma importância, sobretudo política, que foi o padre Raimundo Ozanan de Andrade, que coincidiu, a presença dele aqui, muito com o período... a chegada dele, de fato, coincidiu com o período que eu estava na Bahia. Então, eu tive até menos proximidade dele – nos aproximamos um pouco mais adiante – do que teve o Otávio. O Otávio, a Maria Victoria, que era aluna aqui, a Maria Victoria Benevides, a Vilma Figueiredo, esse pessoal se aproximou muito do Ozanan nesse período que nós estávamos na Bahia. Mas o Ozanan... Isso dá um pouco a ideia também de o que era a época. Uma das cadeiras que foram dadas nessa época era Sociologia da Revolução, ou Teoria da Revolução, não sei. E então, no programa do padre Ozanan, estava lá Lênin, Mao Tsé-Tung... Essa coisa era discutida. Outros professores discutiram também. O Ozanan foi uma figura importante. Uma figura totalmente numa outra direção e que meio que desapareceu, não sei que fim levou – ele depois dirigiu a escola lá de... a coisa de administração lá da PUC –, era o padre Mrvack, não sei se vocês chegaram a conhecer. O Mrvack era um croata que tinha migrado para os Estados Unidos e, nos Estados Unidos ele fez acho que o doutorado dele, o Ph.D. dele, trabalhando com aquela história de pequenos grupos. Nessa época, a Psicologia Social e a Sociologia americana estavam muito marcadas pela coisa dos pequenos grupos. O Mrvack falava um português ainda com sotaque e fazia... Mas ele nos obrigou a ler... Quer dizer, um pouco uma entrada mais direta na Sociologia americana que se fazia naquele momento foi feita através dele. Então, eu li o Homans e esse pessoal todo da... Bom, o Kurt Lewin, o Homans, essa coisa de Psicologia Social e da sociologia de pequenos grupos entrou muito através do Mrvack. E ele era exigente e adorou que houvesse um grupo preocupado profissionalmente. Então, apesar de termos posições políticas e visões de mundo completamente diferentes, tivemos um ótimo relacionamento com ele. O curso dele foi,

digamos assim, um trabalho de pesquisa. O *Street Corner Society*, lemos através dele. Então foi realmente uma abertura fantástica. O Mrvack, depois, não sei que fim levou. Mas eu estava para comentar que os textos dele, ele traduzia do croata para o inglês e do inglês para o português, então, era uma... [riso] A língua era meio complicado. Mas foi bom. E uma figura que, sem dúvida alguma, para nós foi extremamente importante – depois eu me afastei e tal, mas está aí – é Cândido Mendes. O Cândido Mendes realmente foi, nos últimos anos de Escola de Sociologia... Também fazíamos reuniões na casa dele no Parque Guinle, no apartamento dele na época, esse grupo mais interessado. Desse grupo da escola, eu esqueci de falar do Sérgio Leitão também, que foi para a Economia, que era uma figura muito interessante, muito nosso amigo. Então, o Cândido, que, em certo momento, deu a Teoria da Evolução, mas deu vários... Deu duas ou três cadeiras. Foi uma figura muito importante na formação daquilo que a gente viria a ser. Depois, o Otávio Machado e eu chegamos a trabalhar com ele no que seria o esboço de Iuperj, no início. Não tinha se criado ainda o Iuperj. Ele foi um cara que ajudou um pouco a abrir a nossa cabeça.

E duas jovens professoras: uma que, quando eu estava no primeiro ano, ela estava no quarto ano, que é a Ana Judith de Carvalho, eu não sei se vocês ouviram falar. A Ana Judith foi para a França e, quando eu fui para a França, em 1966, ela estava lá já. Ela chegou a escrever a tese dela... Ela trabalhava com Henri Lefèbvre, e o Lefèbvre aprovou, mas ela achou que não estava boa e essa tese ficou para lá. E foi uma professora de Teoria Sociológica também de primeiríssima ordem. Isso já no quarto ano da escola, a Ana Judith. E depois, essa pesquisa lá no que viria a ser o Iuperj, lá na Cândido Mendes, na cidade. A Ana Judith e a Miriam Limoeiro... Mas a Ana, sobretudo, foi uma formadora também, como tinha sido o Semenzato, como tinha sido... São figuras que atuaram mais nessa coisa mais coloquial, indicando leituras e discutindo, e que foram muito importantes. E a Clare Paine, que hoje é psicanalista – era psicóloga social na época –, que também teve essa coisa dos interacionistas. Começando por George Herbert Mead, e tudo que se seguiu, o acesso que eu tive foi pela Clare. Como é que foi a coisa da Bahia? Esse primeiro ano, como eu disse, foi tumultuado. No segundo ano, estavam sendo feitos os ajustes, mas não estávamos satisfeitos com o curso. Nós queríamos mais do curso. E nessa ocasião, o Thales de Azevedo, antropólogo, um dos antropólogos de peso do pós-guerra no Brasil, o Thales tinha resolvido criar, na Bahia, o Instituto de Ciências Sociais e queria oferecer um curso de Ciências Sociais que superasse essas barreiras disciplinares – inicialmente,

seria voltado, inclusive, para o pessoal que já tivesse feito a graduação. E parece que eles fizeram lá uma seleção e não se agradaram do... enfim, acharam que não... muita gente com formação em Direito e com uma visão que eles consideravam muito estreita e tal. Então eles resolveram abrir também para estudantes da graduação. Aí, fizeram o concurso. E o Geraldo Semenzato, que tinha sido convidado por ele para ser um dos professores – e ele montou uma bela equipe lá –, então nos convenceu a tentarmos fazer o curso. E aí fizemos, do Rio, o Sérgio Lemos, o Otávio Velho, o Luiz Antonio Machado e eu, e passamos. O Otávio, por questões familiares, não pôde ir na época e então, fomos o Sérgio, o Machado e eu. O curso era um curso que se dizia – isso aí talvez a Maria Brandão, filha do Thales, que está aí, pudesse esclarecer melhor –, na época, era a tentativa de fazer, para as Ciências Sociais, aquilo que a Sudene vinha fazendo, junto com a Cepal, para a área da Economia. Os cursos da Economia eram considerados muito fracos, quando se tratava do desenvolvimento econômico, e a Sudene então começou... Era o Celso Furtado e tinha um economista chileno, eu não me lembro agora o nome dele, que foi quem assumiu esse curso. Eles davam esses cursos, inicialmente, só em Santiago e depois começaram a dar aqui, também, em Recife. Era um curso intensivo de um ano – intensivíssimo, não é? –, e que formasse economistas capazes de trabalhar com a coisa do desenvolvimento econômico. Esses cursos da Cepal já vinham fazendo algum sucesso e diziam que a inspiração do Thales teria sido essa.

Então, era um curso de um ano em tempo integralíssimo: nós entrávamos às oito da manhã e saíamos às seis da tarde e almoçávamos na própria cantina lá do instituto. Então, tínhamos uma bolsa dentro da Universidade da Bahia e não podíamos arredar os pés de lá. E o Semenzato, que tinha um lado meio repressivo, inclusive ia fiscalizar, na hora que nós estávamos na biblioteca, para ver se nós estávamos lendo. Depois do almoço, dava aquele sono, aquela coisa, ele ia lá fiscalizar. Dizem que o Roberto Cardoso viria a fazer isso aqui no programa também. Não sei, eu não alcancei. Mas o curso era interessante...

H.B. – Mas você já estava treinado, com a senhora que te tirava do cinema.

M.G. – Por causa do Mallet Soares.

M.P. – Pois é. [risos] Então, o curso funcionava ali naquele campus do Canela, em

Salvador, perto ali da Reitoria, do Hospital das Clínicas, eu não sei se vocês conhecem. Era um prédio... Estava bem instalado. Era um prédio moderno, perto da Escola de Música, e do outro lado do vale tinha a Faculdade de Direito e havia grandes defesas de teses – eram muito engraçadas. E, na Escola de Música, de vez em quando tinha uns concertos – o Carl Reuter estava lá em Salvador nessa época. Foi um período muito interessante. Mas o instituto, ao invés de ter Sociologia, Antropologia e tal, você tinha uma cadeira que era Sociedade e Cultura, e então, o Thales, a Maria e o Semenzato se revezavam nessa história, cada um cobrindo a literatura que eles estavam mais familiarizados. Então, por exemplo, a Maria Brandão tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, tinha feito o mestrado em Columbia nessa época, então ela, por exemplo, tinha toda uma parte da sociologia americana e a antropologia evolucionista, porque a Columbia... O Leslie White ainda estava na... o impacto de Leslie White ainda estava em pé. Então, tudo que dizia respeito a isso, a Maria administrava, e nesse esquema, como numa pós-graduação: com leituras. Não eram as famosas apostilas ou... Não. Todos os professores... Eram leituras. Tinha que ler, tinha que se virar. Não lia bem inglês, tinha que ler; não lia bem francês... Tinha que se virar. Eles jogavam... E o Semenzato, Weber era com ele e, sei lá por que, Antropologia social britânica era com ele; o Thales tinha toda uma área da Antropologia Cultural, a coisa do Herskovits, que era inclusive amigo pessoal dele e tinha estado na Bahia e tal. Enfim, então, tinha uma sequência de autores. O Semenzato, a coisa de cultura e personalidade era com o Semenzato. E se tentava... Em Sociologia, o Parsons era a Maria que dava. Eu tenho até o programa aí guardado em algum lugar, mas não... Não, se tiver interesse, eu tenho uma...

H.B. – Temos.

M.P. – Então, o curso era extremamente interessante e era dinâmico. Isso na coisa central, que era sociedade e cultura. Ao lado disso, nós tínhamos Ciência Política, com o... Na época, um professor; hoje... um rapaz, que era o Luiz Navarro de Britto. O Luiz Navarro tinha acabado de fazer o doutorado na França, com o Duverger. Depois ele teve aí um certo destaque, inclusive foi, quando o Luiz Viana foi ser ministro, ele assessorava o Luiz Viana. Era um cara conservador, mas com uma cabeça muito aberta. Era um estudioso. Realmente, o Luiz era muito interessante. Economia, também, era uma pessoa ligada à Sudene, mas também não tinha... E História era o Luis Henrique

Dias Tavares, que era diretor do Arquivo Público da Bahia nessa época, marxista, historiador marxista, figura dos livros de Jorge Amado, aparece na... frequentador da noite e essa coisa toda e que era realmente uma figura fantástica. O curso de História era muito bom. Eu devo estar esquecendo aí alguma coisa, mas basicamente era isso. A grande carga era Sociologia e Antropologia. Mas tinha uma outra coisa: havia, digamos assim, cursos menores, cursos intensivos que eram dados no meio dessa história. Então, a Kátia Mattoso, que estava praticamente começando, a Kátia deu um curso sobre Estado prussiano, que era o tema dela. Houve um outro cientista., um cientista político no sentido antigo, baiano, que era uma figura também interessante, deu um curso sobre democracia e cidadania ou alguma coisa assim. Foram alguns blocos concentrados desses – às vezes, concentrava no fim de semana –, e tinha também um programa de visitas. Então, não passava ninguém que tivesse alguma importância nas ciências humanas na Bahia que o Thales não levasse lá. Isso ele já programava com antecedência. Então, pudemos conhecer Roger Bastide, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e por aí fora. Então, realmente, a ideia era de um... Era absolutamente concentrado. Mesmo aquilo que eu vi depois no PPGAS, em termos de... Eu acho que em um ano nós estudamos mais do que, normalmente, em um mestrado de dois anos. E no final...

H.B. – E foi no meio do curso da graduação.

M.P. – É. Então, fazíamos as provas em segunda chamada aqui. Então, essa coisa ficou meio prejudicada, o nosso período de PUC. Mas, de fato, nós voltamos com uma... alguns passos à frente do... E o tempo todo em comunicação. Porque inclusive tinha... Os amigos estavam aqui e de vez em quando vínhamos. Bom, ao lado disso, também, havia uma preocupação política, a militância na escola. E lá na Bahia... Foi a época em que estava se criando... estava essa coisa da cultura popular. Havia o... No governo Jango...

C.C. – O CPC [Centro Popular de Cultura].

M.P. – É. No governo Jango, teve o Plano Nacional de Alfabetização e vários do grupo participaram, foram alfabetizadores. Eu não fui. Mas a Maria Brandão estava criando um centro desses na Bahia, mas mais amplo, não ficando apenas no ensino, também

introduzia a coisa de pesquisa, e eu participei. Então, havia também toda uma motivação política em torno. Mas só terminando, a coisa do curso era interessante porque, no meio do curso, nas férias, você tinha que fazer um trabalho que era... Eu sei que você tinha que integrar o esquema da teoria da ação do Parsons com não sei com o que e usar aquilo e fazer um... jogar com um material empírico... Enfim, tinha uma coisa no meio do curso. E no final, participamos do trabalho de campo de uma grande pesquisa que foi feita na ocasião, que foi a pesquisa do... que o Cida... uma pesquisa sobre estrutura agrária na América Latina que teve uma repercussão muito grande, que era o Ernest Feder que coordenava, em termos latino-americanos, e que eram estudos de comunidade que eram feitos em – estudos de comunidade num sentido muito amplo – que foram feitos em vários países. No Brasil foram quatorze. Aqui no estado do Rio teve um que foi o Medina que fez, e na Bahia tinha um na área do cacau que o Semenzato coordenava e um outro na área de Camaçari. Não havia ainda o polo industrial e então o lugar realmente era muito agradável. Foi ali perto da praia do Forte, da coisa do castelo do Garcia D'Ávila. Tinha a Vila do Gordo, tinha uma sequência de povoados ali e nós fomos trabalhar naquela área, e também vimos algumas outras coisas no município de Camaçari. E nós ficamos, eu e o Machado... O Sérgio foi com o Semenzato para o sul e eu e o Machado trabalhamos nessa pesquisa com a Maria Brandão. E foi uma experiência. Eu já tinha tido uma experiência de campo de um mês no interior de Alagoas; tinha trabalhado nessas pesquisas do Glaucio e do Semenzato e outras pessoas aqui no Rio, sobretudo em áreas de favela – havia a preocupação com essa coisa da habitação em áreas de cortiços e tal. Mas essa foi interessante porque nós ficamos morando na casa de um camponês mais ou menos próximo, uma pessoa, um agricultor que vivia do trabalho da terra e tal, e foi realmente uma coisa impactante. E nós tínhamos a responsabilidade de fazer a nossa parte em campo, relatório e tal.

C.C. – Quanto tempo, Moacir?

M.P. – Um mês. Então, foi uma experiência importante. E no final, você tinha que elaborar uma monografia, e aí eu escolhi o banditismo político, por essas coisas que eu disse de Alagoas, e fiz um trabalho sobre o banditismo político. Houve um investimento – o Thales me orientou nesse trabalho –, houve um investimento historiográfico razoável, considerando o tempo de que eu dispunha, e depois estive em Alagoas entrevistando algumas pessoas...

K.K. – Você ainda tem essa monografia?

M.P. – Tenho, faltando um pedaço. Eu tenho ainda aí e acho que até é aproveitável ainda.

K.K. – Moacir, só fazendo um pequeno *flashback*, você mencionou todo esse contato com outros ambientes da sociedade, a partir do curso de Sociologia. Mas com o seu pai, com a sua família, havia, de alguma maneira, essa circulação, quer dizer, fora desse eixo mais da elite intelectual? As favelas de Alagoas, vocês iam juntos? Como era esse...?

M.P. – Uma das preocupações do meu pai... Não sei se com isso ele estava querendo simplesmente ver quem podia continuar lá o trabalho dele. Com uma certa regularidade, ele nos levava nas viagens dele. Tanto que eu, quando fizemos essa pesquisa, eu já conhecia razoavelmente Alagoas, de viajar com o meu pai, e achava um grande... Imagine, um menino de dez ou nove anos achar esse um programa! Mas eu achava aquilo o máximo. Então, eu viajava com ele, vendo aquele negócio... Porque você vai nos lugares... Não necessariamente em campanha. Às vezes, tinha um lado meio chato. Eu lembro uma vez, em Palmeira dos Índios, ele foi visitar lá um grupo vicentino, porque ele tinha arranjado uma verba lá para o trabalho deles, e eu fui ver as coisas que os caras faziam e não sei o quê. Outras eram visitar o senhor fulano de tal ou, sei lá, os operários da fábrica tal. Então, isso... Essa é outra coisa, isso foi uma coisa constante e que me agradava fazer. Tanto que eu gosto... Eu gosto muito de fazer trabalho em campo, viajar, fazer trabalho de campo no interior. Então, havia isso. E eu acho que uma coisa interessante do meu pai, quer dizer, mesmo tendo ido... que ele tenha assumido posições que pelo menos eu e os meus irmãos classificávamos como mais à direita, quando foi havendo essa radicalização que deu no golpe, ele... Bom, primeiro, ele tinha muito cuidado de respeitar a posição de cada um – isso sempre foi uma coisa muito batida desde o início – e não aceitava que nós fôssemos intolerantes com os outros. Isso era básico. Então, a coisa da intolerância era um negócio que, para ele, era crucial. Ele tinha um pouco aquele negócio de politicamente correto, mas, assim, desde... Eu me lembro que uma vez, uma tia... bateu alguém na porta e ela disse: “Rui, tem um negro aí procurando você?”. Ele disse: “Tem o quê?! Se fosse um branco, você ia dizer que era um branco?”. Então, deu uma bronca. A minha tia contava essa história.

Quer dizer, era muito essa história. Não admitia. “Não tem esse negócio. Não discrimina. Portas abertas.” E quem não tinha... Ele gozava... Tinham uns políticos que faziam campanha e depois começavam com aquele negócio de lavar, passar álcool nas mãos. Isso realmente ele abominava. Então, tinha esse lado dele que ele sempre estimulou. Inclusive, na época já mais radicalizada, havia discussões muito grandes em casa. E sempre saíam as brincadeiras: “Se acontecer a revolução, como é que vai ser?”. Então, esse tipo de brincadeira... Algum amigo ou alguma coisa... “O seu pai está lá na... Vocês vão fazer revolução? E aí, vai para o paredão? Como é? Que história é essa?” Então, esse tipo de provocação, isso era constante, e ele não se alterava, na dele. E insistia muito nessa história de não se discriminar, de não... Nenhum tipo de discriminação. E acho que foi o lado positivo. E essa abertura, quando você estava me perguntando o negócio de fazer o curso tal ou qual, essa abertura ele tinha. Com relação a... “Veja aí a sua carreira, esse negócio em termos de... Você vai ter que sobreviver, vai ter que... o dinheiro, como é...” E você dizia: “Não, mas isso, está havendo tal coisa...”. “Não, tudo bem.” Não ficava... Não interferia.

C.C. – Você mencionou a época de radicalização. Você volta em 1963 da Bahia. No final? No início?

M.P. – Eu fiquei de julho de 1962 a julho ou agosto de 1963.

C.C. – E aí voltou para o Rio?

M.P. – Voltei para o Rio. Depois, já em 1964... no final de 1963, aí o Thales me convidou para ser professor para a segunda turma do instituto.

M.G. – Você já tinha se formado ou você...?

M.P. – Não, não tinha me formado. Mas, na avaliação deles, essa monografia... Acho que teve a nota mais alta e, enfim, nos entendemos bem. Ele queria que desse aula para a segunda turma.

C.C. – E você voltou no final de 1963?

M.P. – Não. Aí, em janeiro de 1964, eu fui para a Bahia de novo, aí para dar aula. Mas aí eu tinha um limite, porque eu tinha que terminar a faculdade. Então, quando houve o golpe, eu estava na Bahia – aí como professor. Eu ficaria mais um mês, e com o golpe... Eu queria vir para o Rio. Eu achava que estava havendo algum tipo de resistência, as minhas articulações e os meus amigos estavam aqui...

C.C. – Como é que foi a sua experiência com o golpe? Você sai num momento de politização...

M.G. – Você era vinculado a algum partido? Próximo ou alguma coisa assim?

M.P. – Não, não. Proximidade, a gente sempre teve.

M.G. – Com o quê?

M.P. – Naquela época, as coisas estavam mapeadas.

C.C. – Mas, por exemplo, você volta da Bahia em agosto de 1963, o governo Jango está entrando na reta final de perda de apoio político no Congresso, radicalização e tal, e você sai em dezembro, quando o negócio está já muito mais polarizado e pega o golpe. Como é que você, na época, acha que viveu esse período, ou percebeu esse período?

M.P. – O problema, é que, na Bahia e aqui, nós estávamos atuando também politicamente. Houve essa pergunta da filiação. Não. Rapidamente, é isso. Eu nunca tive filiação orgânica nenhuma. Quando nós entramos, como eu disse, no secundário ainda, eu comecei, digamos assim, a me aproximar da esquerda, principalmente da esquerda católica – nessa época, eu era católico e tal – e depois, entrando na faculdade, já estava surgindo, havia o Grupão, que deu origem à AP. O Chico de Paiva Chaves, que foi uma das pessoas que me estimulou a fazer a escola – ele estaria fazendo também –, ele era da AP. E se criou esse grupo do primeiro ano que eu mencionei antes, o Sérgio Lemos, o Otávio, o Machado e mais alguns, e então, o nosso direcionamento era pela AP. Mas aí, houve um episódio qualquer de eleição de diretório e uma briga, a AP apoiou um outro candidato – nós queríamos que o Sérgio fosse candidato –, então, houve um certo afastamento. Então, não nos vinculamos e tal. Mas tínhamos relações

privilegiadas com o pessoal da AP. Nessa época, tinha uma pessoa ligada ao Partido Comunista, um único, uma única pessoa da Escola de Sociologia, e tínhamos uma boa relação com ele; depois, tinha um grupo também ligado ao Partido Comunista na Engenharia e também tínhamos boas relações e tal. Mas a coisa ficou mais nessa direção.

Bom, ao longo desse percurso... Por exemplo, na Bahia, também, houve uma aproximação com pessoas da AP de lá na época. Aí eu cheguei a pensar em me filiar, mas justamente veio o golpe e isso não aconteceu. E depois do golpe, só para terminar, depois do golpe, o que aconteceu? Todos esses, tanto o PCB quanto a AP quanto os grupos menores, a Polop – na Bahia tinha um grupinho da Polop também muito simpático – e essa história toda, e o pessoal teve que correr, não é? Então, o que houve foi uma aproximação de quem ficou solto, ligado ou não a esses partidos. Nós, na política estudantil, éramos da esquerda independente... Porque havia uma esquerda independente aí com quem nós não nos identificávamos, então, a esquerda independente da PUC. Então, no pós-golpe, nós buscamos... Para ter uma ideia, quando eu vim da Bahia, eu achava... Quer dizer, na Bahia, tudo se passou, vamos dizer assim, 24 horas depois. Acho que não só na Bahia. Nessa época, as comunicações eram um pouco mais complicadas do que hoje. Então, eu esperava ainda encontrar resistência no Rio. Quando eu cheguei aqui, já tinha havido a comemoração na avenida Atlântica, o Jango já estava no Uruguai e essa história toda. O Otávio foi me buscar no aeroporto, me lembro bem, e aí... “Bom, como é?”. O Otávio, a essa altura, era presidente da Executiva dos Estudantes de Ciências Sociais da UNE. O Otávio foi candidato a presidente do DCE, e acho que foi presidente do diretório também, uma época, e fez uma carreira...

C.C. – Ele era do Partido Comunista, não é?

M.P. – Pelo menos próximo era. Não sei exatamente o... Nessa época, acho que... Era próximo. Não sei se depois... em que direção a coisa caminhou. Mas o Otávio me recebeu e essa história toda e juntamos essas pessoas... “Bom, e aí?”. E o Otávio tinha uma pessoa do Partido Comunista que se dispunha a organizar uma base. Então, começamos a nos reunir. Mas isso durou, sei lá, um mês. Porque aí a repressão baixou em cima da coisa e o rapaz teve que sumir. Aí ficamos sem pai nem mãe. E então, o que nós fizemos? Era recuperar as pessoas que se conheciam da política estudantil, ou

mesmo da coisa de amizade e tal. E criamos uma rede de resistência, que fazia panfletagens e coisas desse tipo.

Não tínhamos nome, não tinha nada. Era uma rede de resistência que juntava pessoas que tinham sido ligadas ao PCB, da Faculdade de Filosofia, mas que, a essa altura, estavam... tinham algumas pessoas que tinham sido ligadas ao Movimento Tiradentes, que era o movimento que o Julião estava criando, na Faculdade de Direito; e também, o pessoal que depois veio a ser a Dissidência da Guanabara, da Faculdade de Direito. Mas não havia... Não era uma articulação de dissidência nem nada disso. Eram pessoas que estavam contra aquilo ali e queriam se juntar. Então, se formou essa rede. E, meio em paralelo e meio atravessando isso, se criou uma outra rede, que era... enfim, outra iniciativa, nos juntamos também [e se criou uma rede] que era um movimento para reestruturar a UNE, começando pela UME. Então, no final de 1964, a UME estava refeita. Esse foi um trabalho importante. Aí, a grande figura disso – hoje não está mais nisso – foi Aron Abend, que era um dos homens...

K.K. – Quem?

M.P. – Aron Abend, que era um dos homens... Ele e o Marcos Jaimovich, que eu vi que morreu agora... saiu em *O Globo* semana passada, eram as figuras mais procuradas pela polícia e pela repressão, porque eles estavam no Plano Nacional da Alfabetização e eram demonizados e essa história toda. E o Aron foi, de fato, quem... Essa rearticulação para a UNE, o Aaron foi quem liderou, quem deu o apoio. Isso nessa semiclandestinidadade, nessa história toda. E a coisa teve sucesso e depois... Aí, já as gerações... Eu já estava, a essa altura... Eu terminei em 1964, quer dizer, em 1965, eu já estava fora da faculdade, então não me sentia bem de estar atuando nessa história.

C.C. – Só para recuperar um pouco, tinha esse debate da revolução, a reforma, e aí vem o golpe. O que você achava? Como é que você pensava o Brasil nessa época, o que estava acontecendo? Foi uma surpresa também, o golpe e a falta de reação?

M.P. – Foi uma surpresa e não foi. Essa ameaça de golpe era uma coisa permanente no Brasil. A história do Brasil dos anos 50 é de golpes e contragolpes, ou supostos contragolpes. Era essa a história toda. Eu acho que o início de governo era sempre problemático: com o Juscelino, toma posse ou não toma posse? Depois, com o Jânio

não houve isso, mas seis meses depois...

C.C. – Sim, mas houve a percepção de que era diferente, esse de 1964? Ou você demorou a ter essa percepção?

M.P. – Não, aí é que está a coisa. Quando houve o golpe de 1964... Quer dizer, havia... Essa história estava no ar. Para você ter uma ideia, eu estava na Bahia – aí dando aula – em 1964 e houve aquela... eu ouvi pelo rádio aquela história do Jango no clube dos sargentos. Eu estava morando no porão da casa do Thales e da Maria – eles me alugaram o porão – e aí a Maria me chamou: “Moacir, vem ouvir”. Houve essa história, já... Então a coisa começou... Bom, eu perdi o famoso comício no dia 13. Eu fiquei danado, mas eu não tinha como sair. Então, todo mundo ligado. Esse mês era rádio a noite toda, você ouvindo essa história. E um belo dia, eu acho que já era tarde da noite, a Maria bateu lá: “Moacir, desculpe, mas o negócio aqui... parece que está havendo aí...”. Eu fui lá, me juntei a eles e ficamos escutando. Então, aquela ideia que estavam descendo tropas de Minas. Então, uma interpretação possível é que fossem tropas favoráveis ao Jango. Porque o Magalhães Pinto, ninguém sabia para onde ele estava. Depois eu vim a saber, pelo meu pai, que o Magalhães estava desde o início na conspiração. E isso não era uma suposição minha ou da Maria. Não. Os jornais... O Magalhães Pinto assumia posições nacionalistas aqui e ali, fazia um elogio a essa coisa. A linha dele dentro da UDN era uma linha, digamos assim, mais nacionalista, mais isso, mais aquilo. Então, nesse sentido, foi uma surpresa. Porque havia... O incômodo gerado por todos esses acontecimentos e os rumores de golpe... Já tinha havido, em novembro, a tal tentativa de estado de sítio do Jango, que mostrava a inquietação que estava havendo. Então, era esperado. Mas não se esperava, primeiro, que tivesse aquelas características, que viesse naquele momento – estava posto, mas se esperava que demorasse mais um pouco, essa tentativa deles – e sobretudo, acho que havia uma certa... não sei se ingenuidade, uma convicção de todo mundo que... Havia uma confiança no tal esquema militar do Jango.

C.C. – O dispositivo militar.

M.P. – É, o dispositivo militar. E uma confiança, também, na reação popular, na possibilidade de haver aquela história do Brizola, que estava organizando o Grupo dos Onze... Essa era uma época que os sindicatos estavam atuantes, a CGT, as Liga

Camponesas, os sindicatos... Havia essa sensação de mobilização. Então, quando vem essa história do Magalhães Pinto, naquele momento, foi de surpresa. Quer dizer, no primeiro momento, até se definir isso, foi... “Não, o Magalhães está apoiando o golpe, o Guedes está descendo com a... O Guedes e o Mourão estão...”. Mas a ideia era que ainda houvesse reação. Mas eu estava dizendo que as coisas foram 24 horas depois porque, no dia seguinte, eu acho que no dia seguinte, ou dois dias depois, estava havendo uma reunião da UNE em Belém do Pará e... Bom, no dia seguinte, estávamos todos querendo... No que as tropas descerem de Minas, havia um restaurante universitário lá na Vitória, um bairro de Salvador, então, a estudantada corre toda para lá, e tinha uma pessoa, um estudante que tinha vindo dessa reunião – era um dos diretores da UNE –, acho que tinha vindo dessa reunião da UNE em Belém do Pará e veio descendo e passou no Piauí para conversar com o Petrônio Portela, que era o governador e que...

C.C. – Apoiava o Jango.

M.P. – Apoiava o Jango, era considerado... e depois foi fazendo o circuito. Acho que o próprio Távora... Era o Távora que estava no Ceará? Não. Eu não me lembro quem era o governador do Ceará. Não era o Virgílio, não. Ou era? É, era o Virgílio Távora, que também se dizia que dava manifestações de apoio ao Jango. Foi passando pelo Nordeste, passou em Pernambuco, e chegou de lá dizendo: “Não, as coisas estão firmes. Estive com o Miguel Arraes ontem e vamos...”. Bom, fomos dormir. E acho que do dia 1º para o dia 2... Quer dizer, eu não morava aí, mas tinha um grupo que residia – era a chamada Residência Universitária, onde tinha esse restaurante universitário – então, à noite, chegaram os soldados do Exército, o pessoal dormindo, prenderam ali e já levaram preso para um presídio fora de Salvador, do jeito que estavam. Então, me lembro que tinha um amigo que era contra o Jango, até de ser de origem humilde e tal. Ele não gostava dessa coisa do Jango. “Comunistas!”, e essa coisa toda. E, coitado, estava dormindo lá de cuecas e, assim, foi levado para a... E ele dizia: “Não! Eu sou contra!”. Não teve jeito. Não sei se chegaram a maltratar, mas ficou uns dias lá, até ser liberado. Bom, essas coisas aconteceram depois. E tinha, nessa guerra no noticiário, a ideia de que o Jango estava resistindo. Então, houve esse lado de surpresa. Mas a ideia, o que nós imaginávamos era o seguinte: “Esse negócio dura um mês. O Jango já está no Uruguai, mas vai voltar e isso e aquilo. O Brizola está organizando o Rio Grande do

Sul...”. Então havia essa expectativa. Os operários da Petrobras, lá na Bahia, inclusive, eles ficaram resistindo no sindicato... Então, havia a história de que a coisa daria para trás. Bom, o que se seguiu a gente sabe, mas essa esperança ainda sobrevivia. Quando veio o Ato Institucional... Foi o número dois, não é? Aquele que é no dia 9 de abril é o AI-2, não é?

C.C. – É o um.

M.P. – É o um? É o AI-1.

C.C. – Quer dizer, não tinha número ainda, era só Ato Institucional. Depois que vem o número.

M.P. – É. Bom, e aqui... Eu já tinha voltado aqui para o Rio e estávamos nos movimentando. Na ocasião, a direita da Engenharia destruiu o nosso diretório, o da Sociologia e Política...

K.K. – Isso já na PUC da Gávea?

M.P. – Na PUC da Gávea. Destruiu o diretório. Inclusive, tinha um material dessa pesquisa com o Ávila que foi destruído. O presidente do diretório teve que fugir e nós começamos já a tentar articular alguém que ficasse, que substituísse ele e essa coisa toda. Então, um colega nosso que era mais distanciado, o Edmundo, que também era da minha turma e muito ligado a mim, que era chefe do Banco do Brasil e depois, do Banco Central, era uma pessoa bem mais velha, ele aceitou. Ele foi uma pessoa muito correta e tal. E negociamos então com o padre Ávila e com o Cândido Mendes como fazer essa história, fazer uma espécie de interventor, mas que fosse uma pessoa identificada com os estudantes. Quando eu estava fazendo isso, com grande entusiasmo, o meu pai, que na época do golpe estava em uma viagem a Portugal, chegou e aí me chamou um dia e viu essa movimentação... Uma movimentação que incluiu alguns lances realmente fantásticos, de estar um grupo de golpistas reunidos na sala e, no meu quarto, estar o pessoal da... estudantes de esquerda, o Cândido Mendes, o Ávila, aquela coisa, e a minha mãe numa tensão horrorosa...

C.C. – A resistência.

M.P. – É, uma... Mas então, o meu pai chegou e aí, me puxou um dia para conversar, para dar uns conselhos. “Não, você tem que ver, não sei o que...” E ele disse: “Olha, esse pessoal chegou, eu participei disso nesses termos e tal. O que nós queríamos era restabelecer as condições de funcionamento da democracia e tal. Agora, houve um golpe dentro do golpe e esse pessoal está aí para ficar 30 anos.” E eu: “Trinta anos?! Isso não demora um ano. A gente derruba isso em um ano”. [riso] Então, esse chamado, que eu não me esqueço, era ele já com um pé atrás. Nessa época, ele era muito ligado ao Daniel Krieger, que era o líder do governo no Senado. Enfim, ele foi sempre defensor de uma posição mais democrática, dentro desse esquema parlamentar do governo. E ele disse: “Olha, não se iluda, isso veio para durar 30 anos. Essa história de esquema do Jango, isso não tinha consistência nenhuma. Os militares estão implantados. Não são nem os partidos. Não é a UDN, não é o PSD. São os militares que tomaram o poder”. Então, foi isso. Realmente uma... Então, a expectativa nossa era de muito mais curto prazo.

C.C. – Ao mesmo tempo, você volta, se forma... Você trabalha? Como é a sua vida profissional em 1965?

M.P. – Quando eu voltei da Bahia... Bom, eu já tinha esses trabalhos... Desde o primeiro ano de faculdade, nós pegávamos uns trabalhos desses. Fui entrevistador do Ibope...

K.K. – Chegou a trabalhar em jornal? Muita gente trabalhou em jornal.

M.P. – Não, não trabalhei em jornal.

K.K. – Os estudantes da Nacional de Filosofia eram próximos de vocês?

M.P. – Eram.

K.K. – Você conhecia a Gláucia e o Lúcio, por exemplo, que estavam entrando um pouco depois?

M.P. – Não, deixa eu mencionar. Logo que nós entramos na faculdade, nós entramos em março e, em agosto, teve a renúncia do Jânio, e o que começou a aglutinar politicamente essa turma nova foi isso aí. Vocês imaginem, realmente, é muito curioso. O Alceu Amoroso Lima, pensador católico e tal e que nessa época já era mais identificado com uma posição mais progressista...

H.B. – Caminhando para Tristão já.

M.P. – ...mas que, nos anos 30, era identificado com a direita católica, o integralismo e essa coisa, o Alceu escreveu um artigo realmente muito firme, defendendo a posse do Jango, no *Jornal do Brasil*. Então, o grupo da Sociologia... A Sociologia não tinha nada, não é? Nós fizemos uma ação revolucionária: à noite... A Filosofia estava nas mãos da direita, e a Filosofia tinha uns mimeógrafos ótimos e tal. Então, nós invadimos. [riso] Então, um distraía o vigia da PUC e nós entramos ali, invadimos o diretório da Filosofia – sem nenhuma depredação, diga-se de... – Nós invadimos e rodamos sei lá quantas... Passamos a noite rodando o tal artigo do Alceu e, no dia seguinte, partimos para a panfletagem. E aí foram lances realmente muito curiosos. E como era o Alceu, isso, inclusive, atraiu o pessoal mais conservador. A turma toda eu acho que entrou nisso, e outras turmas e tal. Quer dizer, foi muito... Nós estávamos com seis meses de escola, quando houve esse episódio. Logo depois, acho que foi aí por setembro ou outubro... Bom, já havia uma aproximação com uma pessoa da turma anterior à nossa, que era o Marcos Alencar, que também morreu precocemente. Ele era da diretoria da UME, tinha um cargo na diretoria da UME. Então, com isso, já começavam essas relações com outros grupos. Mas, concretamente, o pessoal das Ciências Sociais e da Filosofia – acho que foi isso, acho que foi por volta de setembro –, nós resolvemos criar uma semana da África, a Semana de Estudos Africanos ou uma coisa assim. Esse foi o momento em que se estava descobrindo, quer dizer, essa coisa da descoberta um pouco da coisa da África. Então, foi feita essa Semana de Estudos Africanos. E foi um pouco nesse mesmo embalo que... Quer dizer, não que uma coisa tenha a ver com a outra, mas foi nessa época que começa... que o Cândido funda, depois, o tal Centro de Estudos Afro-Asiáticos dele. Então, o que nós fazemos? Montamos essa mesa – e aí, por exemplo, a Ana Galano estava nisso. e tinha outras pessoas da filosofia, então, se criou essa ponte. E aí, chamamos para a mesa o Cândido Mendes, o Hélio Jaguaribe, que eram todos nacionalistas, e o Cândido, católico e tal, e o Gusmão, que depois esteve no governo do

Fernando Henrique. Eu esqueço... São dois irmãos. Como é o nome dele? Não sei. Só que o Gusmão era ateu declarado, ou uma coisa assim. Aí a direção da PUC... Aí foi um grande rebu. Foi a primeira movimentação interna na PUC: greve e não sei o quê. E aí, tinha essa direita da Engenharia que era muito... É, fizemos a coisa na marra. Enfim, isso desencadeou um movimento mais sério. Então, a partir desse momento, estava estabelecida essa ponte. E essa ponte depois foi sendo reforçada: vem essa coisa de UME, de manifestações e não sei o que e foram surgindo amizades e articulações políticas, etc. Quando eu fui para a Bahia, me distanciei um pouco disso, mas o Otávio, que mergulhou nessa coisa da política estudantil, se aproximou muito do pessoal da filosofia.

K.K. – Teve formatura, orador...? Isso foi importante?

M.P. – Teve. Essas formaturas, nessa época, eram momentos... eram um pretexto para grandes manifestações políticas, não é? Bom, primeiro, o nome da turma: o patrono foi o Florestan, que tinha sido cassado e essa coisa toda. Então, Turma Florestan Fernandes. O Otávio foi o orador; o paraninfo foi um dos professores, não me lembro exatamente quem; e fizemos uma homenagem especial, coisa que ainda não se fazia nessa época, à dona Joana, que era a servente lá, que morava no Parque Proletário, que era ao lado, que fazia uma feijoada fantástica. De vez em quando, nós íamos para a casa dela. Houve um episódio de apedrejamento da Sandra Cavalcanti que foi lá perto, lá no Parque Proletário. [risos] Foi perto da casa da dona Joana. Então, era uma figura muito identificada. Era um encanto de pessoa. E aí o pessoal ficou chocado. Era um daqueles convites bonitos e era uma das principais coisas, não sei se era paraninfo ou homenageada: dona Joana. Então, houve uma série de recursos. Acho que não incluímos o Neiva nos homenageados, um cara que era de extrema direita. Enfim, fizemos umas coisas assim. Então, havia isso. Inclusive, ainda hoje, tem formatura de não sei aonde... Até a formatura do Colégio de Aplicação que o Gilberto foi orador de turma, o Gilberto Velho, também foi um evento na Faculdade de Filosofia, e aí fomos, e tinha figuras... O Gilberto deve ter se formado em 1963, não é?

K.K. – É.

M.P. – Foi aí que eu conheci o famoso padre Alípio, que era um radical... um católico

que tem uma posição bem radical e trabalha com camponeses, com isso e aquilo. Parece que ele continua vivo em Portugal. Então, tinha todo um evento. Eu sei que, em um certo momento, falou o padre Alípio, ou tinha antes uma palestra do padre Alípio. Então, eram momentos, digamos assim, para a mobilização política.

C.C. – Mas voltando à pergunta. Nessa época, você... Quer dizer, não só você, também o Otávio e o Gilberto, muito novos ainda, estão na Zahar, traduzindo e fazendo coletâneas, coleções. Como é que foi essa aproximação com a editora?

M.P. – Eu acho que teve uma pergunta anterior que eu acabei não respondendo, que era a história dos empregos, não é?

K.K. – Isso.

M.P. – E aí já falo e já entra na...

C.C. – Mas aqui entra o que você fazia, não é?

M.P. – Tudo bem. Desde o primeiro ano – é isso que eu estava dizendo –, desde o primeiro ano da escola, nós começamos a participar... Havia uma preocupação muito grande com a coisa de pesquisa. E nisso que o Sérgio Lemos foi a figura que disse: “Não há Sociologia que não tenha pesquisa empírica. Não há teoria e pesquisa empírica; essas coisas têm que estar juntas”. Então, começamos a pegar essa espécie de bicos. Então, desde o primeiro ano da faculdade, tínhamos essa história. Surgiram – algumas, por períodos mais longos – coisas como essas que eu disse: o Ibope; a pesquisa do professor tal... Então, você vai lá, aplica questionário, faz e tal. E um belo dia, o Diégues convidou a mim e ao Otávio para trabalharmos, sermos estagiários, com alguma remuneração, no Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. O centro era uma instituição ligada à Unesco que foi criada junto com o Conselho Latino Americano das Ciências Sociais (Clacso) e com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). A Flacso no Chile, o Clacso em Buenos Aires e o Clapcs...

C.C. – Eles promoveram o Seminário Resistências à mudança, não é?

M.P. – Isso. O Resistências à mudança...

C.C. – Você assistiu a esse seminário? Até o Wright Mills veio...

M.P. – Assisti. Aliás, foi o Resistências à mudança que eu assistiu? Não, não. O Resistências à mudança, eu acho que eu não assistiu.

C.C. – O Resistências à mudança foi no Museu, se eu não me engano. Até o Wright Mills veio, pela última vez, ao Brasil.

M.P. – Não, eu não peguei o Resistências à mudança, não.

C.C. – Foi em 1959, você não estava.

M.P. – Não, o que eu participei foi um outro. O Resistências à mudança, eu acho que o Costa Pinto era o presidente do centro.

C.C. – Era o Costa Pinto. Foi antes.

M.P. – Eu já peguei na época do Diégues. Então, começamos a trabalhar. Eram pesquisas que duravam seis meses, oito meses, um ano, e nós começamos aí inclusive a manter, a ter a minha remuneração. Então foi isso. E depois apareceu uma pesquisa lá na Cândido Mendes, “Mão-de-obra na indústria química”, e aí participamos. Essa pesquisa era aqui, em Belo Horizonte e... Era no Brasil todo, mas nós ficamos com Rio, Belo Horizonte e São Paulo. E isso também era uma oportunidade de conhecer outras pessoas. Eu me lembro que nessa ocasião, ou um pouco por aí, que eu conheci o Antonio Roberto Bertelli, que depois virou o editor – o Otávio tinha conhecido primeiro, nessa história da Executiva de Ciências Sociais. E o Bertelli era muito próximo à coisa de pesquisa. E depois, em São Paulo, o Duran, que é sociólogo. Eu sei que começamos a trabalhar nessas coisas. Então, tínhamos que nos virar com esse trabalho descontínuo: dei aula na Gama Filho, um semestre, como assistente do Carlos Estevam Martins; em 1966 já, dei aula na Escola Nacional de Saúde Pública. O Sérgio Lemos era professor lá e eles tinham um esquema que tinha professor, assistente, auxiliar e não sei o que e eu entrei em uma coisa dessas. Mas eram todas coisas curtas:

por um semestre, um ano, no máximo. Foi um pouco nisso que começamos com a coisa de tradução. Aliás, tradução, nem tanto, mas era... O Otávio – o Gilberto, um pouco depois –, o Otávio... O Otávio pai, o general, o Otávio Alves Velho, ele era tradutor, era um dos tradutores da Editora Zahar. Na época era Zahar Editores, porque era dos irmãos Zahar, e o general era um dos tradutores permanentes. Então, já tinha essa amizade com o Zahar, com o Jorge Zahar, não é? O Otávio já conhecia o Jorge Zahar e essa história toda e começa a surgir então esse bico de fazer tradução. E uma coisa que nós víamos era que, geralmente, as traduções que você tinha de livros de Sociologia e de Antropologia em português eram realmente ilegíveis. Eu não entendia. Eu nunca me esqueci... E esse, o problema é que a complicação é maior. Por exemplo, o Malinowski, *Uma teoria científica da cultura* era uma coisa terrível, e eu acabei fazendo uma revisão técnica, mas quando eu fui fazer a revisão técnica, o texto em inglês também é um rolo, então, melhoramos um pouco. Continuou sendo ruim, mas melhoramos um pouco. E aí o Otávio... Não sei se foi indiretamente ou se o próprio general, chamaram a atenção que seria importante você ter algum tipo de revisão técnica. Por exemplo, uma coisa tipo *status*, o conceito tipo *status*, então, aí vinha um e traduzia por estamento; o outro traduzia por posição; o outro traduzia... Então, perdia-se... “Não, pelo menos, vamos uniformizar isso.” Então, começamos com esse trabalho de revisão técnica, tentando a tradução, alguma tradução. E aí surgiu... O Bertelli, depois do golpe – o Bertelli, eu acho que era presidente lá do diretório das Ciências Sociais e tinha um vínculo com o Partido Comunista –, ele veio para o Rio, ficou um tempo lá em casa, um tempo em outro lugar, e quando ele... E aí começamos... surgiu essa ideia dessa coleção *Textos básicos de ciências sociais*.

[FINAL DO
ARQUIVO 01]

M.P. – Bom, começamos então com esse trabalho de técnicas e algumas traduções lá na Zahar e surgiu essa ideia, entre o Bertelli, o Otávio e eu, de criar uma coleção. Faltava... Era um pouco isso, quer dizer, nesses anos de faculdade, era uma dificuldade você ter acesso a determinados textos. É difícil até hoje, na faculdade, você ter.... Bom, primeiro, as bibliotecas eram precárias, não é? Então você ter acesso aos textos originais e essa história toda, e traduções, então, era mais complicado, você tendo que ler com a velocidade que você teria que ler na graduação. Então sentimos essa necessidade e

surgiu essa ideia de uma coleção. Eu acho que estávamos no último ano ainda de faculdade. E o Zahar era uma figura realmente muito especial. A Zahar, ao lado da Civilização, eram as duas grandes editoras de... sobretudo de Ciências Sociais. Bom, havia essas outras, a Agir e isso e aquilo, mas era outro... E o Zahar, inclusive, era uma espécie de ponto de encontro, como o Ênio, também, lá na Civilização. Eram pontos de encontro de intelectuais, disso e daquilo. Várias pessoas eu tive oportunidade de conhecer lá, no escritório do Jorge Zahar. Então, havia essa amizade do Otávio, antes, e então, de vez em quando, íamos lá. E às vezes o Zahar pedia para dar um parecer sobre... “Publico esse livro ou não publico?”. Bom, aí era outro capítulo, o parecer não pesava muito, não. Mas, de qualquer forma, era um diálogo e ele aceitou. Ele tinha essa abertura. Ele disse: “Não, vamos tentar, e isso e aquilo”, e estabelecemos lá... Ele estabeleceu uma série de condições. E aí, trabalhamos *pra* burro e montamos o primeiro, que foi aquele *Estrutura de classes e estratificação*, que está sei lá em que edição. É uma barbaridade! [riso]

C.C. – *O fenômeno urbano...*

M.P. – *Estrutura de classes e estratificação* e *Sociologia do conhecimento*, que foi na mesma época, foram os dois primeiros que nós três fizemos, e aí, acho que vem o *Fenômeno urbano* – não sei se foi logo a seguir ou se saiu um pouco depois –, depois teve a *Sociologia da juventude*, que a Sulamita de Britto que fez...

H.B. – Mais de um volume até.

M.P. – É, mais de um volume. Aí fomos... Foi essa a sequência nossa.

C.C. – Pensando hoje, hoje é incrível: vocês tinham 20 e poucos anos e estava o editor dando espaço para vocês fazerem essas coleções.

M.P. – Pois é. Mas isso, eu acho que, primeiro, tinha muito a ver com o Jorge Zahar. Não era todo editor que dava esse espaço. O Jorge tinha essa visão de que... Inclusive, ele estabelecia... “Vamos ver se dá certo. Se não der...” A coisa foi... “Vamos lá.” E aí, nos estimulava: “Vocês já pensaram em fazer alguma coisa sobre...?”, não sei se foi a *Sociologia da juventude* ou coisa assim. Enfim, era um diálogo constante. Nós íamos

realmente ao escritório do Jorge com bastante frequência. Mais ainda o Otávio e o Gilberto, que tinham um relacionamento para além dali, daquela situação de trabalho. E essa coleção estimulou inclusive outras coleções, que apareceram depois. Então, realmente é surpreendente. Bom, então foi isso, a coleção funcionou durante alguns anos... Bom, depois o Gilberto fez aqueles quatro volumes de *Sociologia da arte*; o da Sulamita, também, foram vários volumes; o *Sociologia política*... Aí, tinha essa rede... O que eu chamo a atenção é o seguinte: geralmente, as pessoas que escreveram, à exceção do Fábio Lucas, que fez um – acho que foi *Sociologia e literatura*, não sei, mas alguma coisa assim –, que era um professor de Minas que tinha vindo aqui para a PUC, em geral eram pessoas da nossa geração que estavam trabalhando em certas áreas, e pessoas que tinham acesso para esse tipo de profissional. Houve uma afinação muito grande, nessa época, com Belo Horizonte, com o pessoal da Faculdade de Economia, com o curso de Economia e Ciências Sociais de Belo Horizonte, de onde saiu depois o mestrado em Ciência Política lá da UFMG. O Bertelli tinha sido aluno lá, tinha vindo de lá; depois, o Amaury de Souza, que também trabalhou conosco lá no Centro Latino-Americano; o Bolívar, que tinha sido colega de executiva do Otávio; e depois...

K.K. – O Fábio.

M.P. – O Fábio Lucas, o Fábio Wanderley. E o Bertelli fez muito essa imediação. Eu conheci todas essas figuras...

K.K. – A Elisa.

M.P. – É. A Elisa; o José Murilo, que eu conheci nessa época... O Bertelli fez muito essa ponte. Não foi por acaso que seguiram aí. Havia uma coincidência: a história de você associar a militância política a uma postura mais profissional. O Júlio Barbosa, que dirigia a coisa, era um pouco o Cândido Mendes de lá. O Júlio tinha essa visão de modernizar as Ciências Sociais. Com relação à história dos textos lá, foi um pouco isso.

C.C. – E esse trabalho com o Cândido Mendes?

M.P. – O Cândido, como eu disse, foi nosso professor na Escola de Sociologia e Política e estava querendo criar um núcleo de Sociologia e de Ciência Política, um núcleo de

pesquisas. Então, apareceu... era a Sociedade Brasileira de Instrução que era a... Não sei se, ainda hoje, esse é... ali na Praça XV. Então, ele estava com essa pesquisa sobre mão-de-obra na indústria química – não sei quem tinha encomendado – e nos convidou para participar e nós atuamos nessa pesquisa. Depois, uma segunda... Essa aí que já estava se esboçando a ideia do Iuperj. Não se chamava Iuperj, não tinha... Essa foi uma pesquisa chamada “Estereótipos na memória social brasileira” – é bem do Cândido o título, não é? –, e aí a Ana Judith de Carvalho e a Miriam Limoeiro, e depois veio um outro rapaz de Minas, que coordenavam; e o Machado, o Otávio e eu éramos, vamos dizer assim, o segundo time; e tinha mais o pessoal que... um grupo de outros pesquisadores que atuava aí. Nesse momento, já mais para o final da pesquisa, algumas pessoas já começavam a se aproximar do Cândido. O Cândido já estava chamando o Wanderley – isso já é em 1966 –, já estava chamando a Wanderley e estava havendo a ideia de um sequenciamento de pesquisas e essa história toda. Ele já tratava... Não sei se o nome já era Iuperj, mas a referência não era mais a Faculdade Cândido Mendes nem a Sociedade Brasileira de Instrução, mas era o Centro de Pesquisas ou coisa desse tipo. E acho que eu ainda saí um pouco antes. Acho que o Otávio ainda continuou mais um pouco nisso. Eu sei que quando eu viajei, no final de 1966, o Wanderley já tinha lá uma sala, um lugar que ele estava trabalhando e estavam encaminhando já um outro projeto, que foi a origem do Iuperj, que eu saiba. Não sei, eu não acompanhei de dentro.

H.B. – Moacir, você falou de um traço muito interessante dessa geração, porque combinava uma militância política com uma militância profissional. Isso não se repetiu dessa maneira, é a minha impressão; ou se separou, a ênfase ficou mais na militância política, nem sempre combinada com a profissional, ou, ao contrário, mais de institucionalização, já mais descolado da política. Você acha que foi um momento extraordinário? Isso que eu estou dizendo, é único, ou...?

M.P. – Eu não sei se continuou. Eu acho que, em alguns lugares, continuou por algum tempo. Eu acho que essa separação é mais recente, é de gerações mais recentes. Porque mesmo no período da ditadura, nós estávamos trabalhando profissionalmente e preocupados...

H.B. – Mas ainda era essa geração.

M.P. – Não era emprego. Nós estávamos envolvidos completamente no trabalho de ensino e pesquisa e estávamos tentando contribuir para que se derrubasse aí o regime militar. Isso muita gente. Não foi A ou B; foi uma coisa mais ampla. Os primeiros alunos que eu tive, por exemplo, lá no PPGAS, as turmas ainda eram muito politizadas, e uma boa parte deles tinha esse senso profissional e essa coisa toda. É essa história, é essa coisa meio paradoxal, porque o sistema de pós-graduação acabou se instalando durante o governo militar, durante o regime militar, e essa coisa da pós-graduação facilitou essa profissionalização.

C.C. – Recém-formado, em 1965 e 1966, como sociólogo, você se considerava o quê? Marxista, por exemplo? Ou não? Como é que você se situava?

M.P. – Isso pode parecer, dito... A minha tendência hoje seria dizer marxista, sim. Mas na época, eu sempre... não me agradava essa coisa dos rótulos. O marxismo foi fundamental. Mas esse negócio... Tem a famosa história do Marx, que dizia: “Eu não sou marxista.”. E que depois, na França, o Bourdieu também desprezava. Então, a referência da teoria marxista... A minha tese está montada... eu tenho uma referência basicamente marxista e uma variante do marxismo, que era a coisa do Althusser e desse grupo.

C.C. – A Yvonne, ontem, que nós entrevistamos, falou muito desse... Ela contou que o Gilberto, que ela namorava, a primeira vez que foi à casa dela, com toda a família reunida, a segunda frase que ele falou... “Eu sou marxista”, uma declaração bombástica. E que liam Lukács, Althusser... Mas era um marxismo que estava descolado da militância do Partido Comunista. Quer dizer, não era uma coisa ligada.

M.P. – Sim. O marxismo... Tinha aquela coisa do Sartre, de que “o marxismo é o universo insuperável de nossa época”. Era um pouco isso. Quer dizer, os textos teoricamente importantes que eram produzidos nessa época ou se diziam marxistas ou estavam vinculados de algum modo ao marxismo. Quer dizer, o diálogo, mesmo os mais antimarxistas estavam referidos ao marxismo. O marxismo entrava, nesse período do pós-guerra sobretudo, entrava, por exemplo, via Igreja Católica. Você discutia Teilhard de Chardin; você discutia o *La Pensée de Karl Marx* do padre Jean-Yves Calvez, ou coisas desse tipo, aprendendo mesmo o que esse grupo do Althusser depois reconhecia que era uma das melhores abordagens a Marx, e era de um jesuíta. E o

Sartre, quando escreve a *Crítica da razão dialética*, saindo da posição existencialista simplesmente. A grande obra do... Se você pegar as coisas do Fernando Henrique, do Gianotti e tal do final dos anos 50, estavam totalmente referidas à *Crítica da razão dialética*. A introdução do famoso *Capitalismo e escravidão* do Fernando Henrique é um diálogo com a *Crítica da razão dialética* do Sartre. Se você pegar as coisas do Raymond Aron, que era um pouco à direita da coisa, é referida ao marxismo. É interessante pensar as coisas... o que era. Você respirava marxismo.

C.C. – “O horizonte insuperável de nosso tempo”, na visão do Sartre.

M.P. – É. Você respirava marxismo. Então, pouca coisa... É claro, se você fosse aos Estados Unidos, você tem toda uma coisa que passava ao largo. O marxismo americano já... Inclusive era visto por nós aqui e pelos europeus como uma espécie de submarxismo. Talvez injustamente. Quando o Wright Mills veio a São Paulo, deve ter sido nessa mesma época...

C.C. – No Rio.

M.P. – ...o Fernando Henrique ficou decepcionadíssimo com a coisa, porque não... O Fernando Henrique era marxista, mas aquilo... O Gianotti era marxista.

C.C. – O Octavio Ianni.

M.P. – O Octavio Ianni. E aquilo que o Wright Mills fazia... E o próprio Wright Mills não tinha problema de propor uma espécie de junção do marxismo com o pragmatismo e coisas assim. O *Caráter e estrutura social*, que ele escreveu com o Hans Gerth, vai nessa direção. Então, a posição do marxismo era muito diferente. Acho que o pessoal mais jovem... Você não tem equivalência hoje. Eu, quando cheguei na França, estava um pouco ainda no pico, no auge do estruturalismo e começavam já essas discussões, essas vertentes novas, Foucault e isso e aquilo. Um pouco pelas bordas, estava todo mundo discutindo com o estruturalismo, e o estruturalismo discutia com o marxismo. Se você pegar esse marxismo e estruturalismo, deve ter sei lá quantos livros e artigos em torno disso. Era um pouco...

C.C. – Mas aqui, em 1966, ainda o estruturalismo não se falava.

M.P. – Não, já...

C.C. – Já estava, não é?

M.P. – Eu estava falando ainda há pouco, nós já tínhamos feito grupos de estudo, em 1965 se não me engano, ou em 1964... em 1965. Tínhamos feito discussões na casa do Gilberto. Quer dizer, aí já juntávamos um pouco com o Gilberto, o Otávio e esse grupo que eu tinha mencionado, e mais algumas pessoas que estavam encantadas com o estruturalismo. Então, estabelecemos um diálogo com essas pessoas: o Carlos Henrique Escobar; o Chain Katz, que hoje é psicanalista, que era um pessoal que se colou um pouco na *Tempo Brasileiro*, não sei exatamente qual era a relação dele, que era do que foi ministro da Educação, o Eduardo Portella, que também foi uma figura, um editor que estimulava muito as coisas em torno dele. Mas fizemos discussões sobre a *Crítica da razão dialética*; uma tentativa do Gurvitch, a *Dialética e sociologia* do Gurvitch; tivemos uma discussão sobre o *Antropologia estrutural*, ou *O pensamento selvagem*, não sei, que tinha acabado de sair – o *Antropologia estrutural*, o primeiro. Então essa coisa já era discutida. O Cândido era uma pessoa muito antenada com isso e também já sinalizava essa história. Então, esse debate, nesses anos de 1965 e 1966 – aí, muito via crítica literária, filósofos e esse grupo do *Tempo Brasileiro* –, essa questão do estruturalismo já estava posta aqui. Depois... Bom, começa também na coisa da... Eu ainda fiz, antes de viajar, ainda acompanhei, mas não fui o tempo todo... O Costa Lima estava dando um curso na PUC – eu já não era mais da PUC – sobre o Saussure. Então, via linguística também. Então, em 1965 e 1966, o estruturalismo já estava... Havia também uma profusão de livros em torno disso, a tentativa de... Vários livros sobre a noção de estrutura, desde o Bastide, que tinha um livro sobre isso, até um outro, que até eu fiz um curso com ele na França, que era amigo do Diégues. E essa coisa que ninguém sabia direito o que era aquilo, porque cada um tratava o conceito, essa noção de uma determinada maneira. Estava na ordem do dia essa discussão.

C.C. – E a sua opção de ir para a França em 1966, no final de 1966, não é?

M.P. – Não, a coisa da França era essa... Essa geração, já com essa perspectiva mais

profissionalizante, já se colocava a coisa da pós-graduação. Porque a geração anterior, para ela, inexistia. É impressionante essa mudança, você vai ver, com exceção talvez dessas pessoas que eu lhe disse, da Miriam Limoeiro, da Ana Judith de Carvalho, um ou outro, solto, quem passava pela Escola de Sociologia e Política ia tratar de outra coisa e não... Então, essa perspectiva de você fazer uma pós-graduação, você dar sequência... A ideia não era nem tanto ser professor, era ser pesquisador, que não estava posta, então, passou a se colocar. Então, me lembro bem... O Amaury de Souza – nós trabalhávamos juntos no Centro Latino-Americano – se programando para ir estudar, fazer um mestrado ou doutorado ou sei lá o que de Sociologia na Polônia. Nessa época, a sociologia polonesa começava a aparecer com uma certa força. Porque as Ciências Sociais perderam muito nos países do chamado socialismo real, os países da cortina de ferro. Era um pouco aquele negócio... Era o marxismo e só. Mas na Polônia havia uma produção interessante, começava a aparecer e, sobretudo na França, ela era muito bem recebida. E então havia esse negócio da sociologia polonesa. A sociologia e o cinema polonês eram, nessa época... Então, havia muitos sonhos em torno de... do pessoal de cinema, de ir para a Polônia, ir estudar com o Wajda não sei aonde. Então, me lembro o Amaury se programando para, quando tivesse com 29 anos – ele tinha uns 22 anos – estar fazendo o doutorado dele na Polônia, e antes queria fazer sei lá o quê. Eu achava aquele negócio meio... se programar para quando estivesse com 29 anos! Aquilo parecia longe *pra* burro, não é? Mas, de qualquer forma, isso já se colocava no horizonte nosso. “Você vai fazer o mestrado e o doutorado nos Estados Unidos ou na França? Ou na Inglaterra?” Essa coisa já se colocava. Mas, ao mesmo tempo, nós estávamos muito tomados também pela coisa da militância. A ditadura era alguma coisa inaceitável pra gente. E havia um projeto de socialismo e havia uma coisa que estava começando a ter expressão, e o Glaucio Ary Dillon Soares nesse sentido foi importante, e outros professores também, que era a coisa da Flacso. A Flacso, no Chile, começa essa primeira geração, do Fábio Wanderley e do Antônio Octávio Cintra, que vão e essa história toda. Então, a Flacso era exatamente... era em um país democrático – o Chile, antes do golpe, era um país democrático –, você tinha professores de todas as partes, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, da Holanda e não sei o quê. Era um centro internacional, de pessoas competentes: o Touraine dava aula lá, e o Touraine já era um grande nome, já era um nome reconhecido; o Lucien Brams, que depois desistiu de fazer Sociologia, mas que era um nome muito acatado na época, o François Bourricaud, que viria a ser meu orientador na França, era também professor da Flacso; o Glaucio,

em certo momento, vai também para a Flacso. Então, havia... Quer dizer, essa ideia da Flacso, pra gente, era uma coisa muito próxima: você não se descolava da América Latina; você tinha essa coisa profissional... Então, isso já estava no horizonte. E a França era um pouco os grandes teóricos, inclusive os teóricos marxistas: o Henri Lefèbvre, nós líamos, assim, entusiasticamente; o Lucien Goldmann, e outras figuras; o pessoal da Sociologia Industrial e do Trabalho... Enfim, havia uma... E um belo dia, trabalhando no Centro Latino-Americano, chega um desses cartazes, “se estiver interessado numa bolsa na França...”. Era um convite para quem quisesse participar, estudantes que já tivessem completado seu curso, trabalhar numa grande pesquisa, uma pesquisa internacional que tinha a ver com desenvolvimento e agricultura e coisas desse tipo. Então você tinha que fazer um projeto, mandar um currículo e tinha lá uma seleção qualquer. E então resolvemos, eu, a Rosa, a minha companheira, e o Otávio, nós resolvemos aplicar. Tinha que ter uma recomendação, e o Diégues, naturalmente, recomendou. E depois, sem que eu soubesse, o Thales de Azevedo, a coisa chegou lá e ele teve o ato fantástico de... Nem me consultou. Quando o Monbeig, que era o diretor do Instituto da América Latina, escreveu para ele, ele indicou o meu nome. Eu não sabia disso, eu fui saber depois, quando a... O Diégues, sim, o Diégues eu fui pedir a carta de apresentação. Mas aquilo era meio... Nesse meio tempo, o Glaucio veio ao Brasil e chamou a mim e ao Otávio para fazermos a seleção para a Flacso. E nós fizemos, passamos, e aí saiu uma bolsa da França. Aí eu preferi a França. [riso] O Glaucio quase nos mata, não é? Eu preferi a França e o Otávio também preferiu a França, mas depois resolveu ficar por aqui mesmo – ele iria, anos depois, para a Inglaterra. Então foi isso, a coisa surgiu. Mas isso não era, quer dizer, eu não estava indo para a França para fazer doutorado nem coisa nenhuma. Eu estava realmente muito ligado na coisa política do Brasil, nisso e naquilo. Então, a pesquisa era uma pesquisa que cabia perfeitamente... Havia uma lista de nomes: a Maria Isaura estava metida na coisa, o Monbeig, a Maria Isaura, o Bourricaud e outros tantos. Eu fiz um projeto...

C.C. – Era uma bolsa de um ano?

M.P. – Era uma bolsa de um ano. E era uma bolsa de cooperação técnica. Não era a bolsa de estudos exatamente. Era uma bolsa de cooperação técnica. Era uma bolsa melhor.

M.G. – Quem dava a bolsa?

M.P. – O governo francês. A Astef, que era a associação para estágios na França. E era uma bela bolsa, e a Rosa ganhou também, então era ótimo. Mas a minha expectativa era de participar de uma pesquisa, a possibilidade de participar da pesquisa internacional, com pessoas que tinham todo um saber aí acumulado. Eu fiz um projeto que era sobre “Implicações do desenvolvimento do capitalismo no campo no Brasil”, esse era o título, mas eu estava interessado especificamente no problema do surgimento das ligas camponesas. Era o tema que eu queria estudar. E vou para a França. E cheguei num momento, não sei se as pessoas estavam ainda... não tinham retomado as aulas – eu cheguei no começo de novembro. E me apresentei ao Monbeig, que era uma figura realmente incrível, uma figura de uma generosidade enorme, nos recebeu muito bem, e aí ele disse: “Não, converse com o Bourricaud”. Eu marco lá com o Bourricaud e... Primeiro, eu já estranhei, porque eu estava imaginando instalações... Tinha o prediozinho do Instituto da América Latina, mas tinha lá a parte de secretaria, tinha uma sala de aula e tinha um auditório, e aí me encontro com o Bourricaud atrás do auditório, em uma espécie de uma salinha, uma sala de reuniões, de... E aí o Bourricaud disse: “Bom, então, o que é?”. E eu disse: “Não, eu vim para a pesquisa.”. E ele disse: “Que pesquisa?!” [risos] “Para o projeto.” “Que projeto?” Aí, chama a Madame Mars, que era a secretária... Simplesmente... Eu não sei o que era aquilo, se era uma história para arranjar dinheiro para o Instituto da América Latina... Não existia um projeto. Aí eu fiquei realmente...

H.B. – E o que você fez?

M.P. – Aí eu disse: “Vou-me embora.” [risos] Aí, veio o Monbeig... “Não, é porque o projeto está sendo montado, vamos esperar a Maria Isaura chegar...”. Bom, não tinha projeto, essa que é a realidade. E aí o Monbeig começou a querer me convencer a fazer o doutorado, o doutorado de terceiro ciclo. Nessa época, você não... Na França, tinha o doutorado de universidade, que era para alunos estrangeiros; tinha o de terceiro ciclo; e tinha o doutorado de estado, que geralmente era uma coisa de final de carreira. E ele disse: “Não, você faz”. E eu não queria. Para o doutorado, tinha que ter pelo menos dois anos de permanência lá, e eu queria ficar um ano e voltar para o Brasil. E aí começou essa história e... Então eu escolhi... Eu disse: “Bom, um ano eu vou ficar”. Então, ele

me disse: “Tudo bem”. “O doutorado eu não quero, não”. Aí, me inscrevi... E ele queria também... sugeriu também se eu queria fazer o curso, que era um curso de dois anos, um ano ou dois anos, do próprio Instituto da América Latina, mas que era um curso muito voltado para funcionários do governo francês, e muitos geógrafos... Era uma abordagem das Ciências Sociais que não me despertava grande interesse. Então, eu me inscrevi em alguns cursos, em algumas cadeiras lá do Instituto da América Latina, e fui para, na época, a École Pratique des Hautes Études, que hoje é a École des Hautes Études en Sciences Sociales, e aí, saí escolhendo... Fiz uma coisa assim: todos aqueles caras que eu já tinha lido ou que eu tinha ouvido falar e que achava interessante, fui ver seminário de todo mundo. Então, fui fazendo a peregrinação e fui selecionando o que tinha a ver e o que não tinha a ver. Eu me inscrevi no seminário do Roland Barthes, no seminário do Henri Lefèbvre, no seminário do Lucien Goldmann, e fui ver aulas no Collège de France de várias pessoas – o Jean Hyppolite foi um que eu... Realmente era fantástico, um especialista em Hegel, mas era... Eu acompanhei dois anos esse curso. Aí não era seminário; aí era um curso. E aí, tinha o Mendras, na Sociologia Rural, que já estava, nessa época, dando curso na Sciences Po, que era em frente ao Instituto da América Latina, então, fui ver. Aí as coisas foram, depois de algumas... Quer dizer, eu ficava um pouco em função. Eu me atribuí um regime muito duro. Não eram todos, mas era um monte de cursos, e as minhas leituras, evidentemente, eu não acompanhava as leituras de todos os cursos, mas fui um pouco tentando fazer essa história. E aí fui dimensionando as coisas, não é? Então, havia cursos... eram figuras... O Henri Lefèbvre, que era uma figura respeitabilíssima e tal. Uma coisa é ouvir uma conferência do Henri Lefèbvre e outra coisa é no curso dele. A Ana Judith de Carvalho, essa minha professora e amiga, ela estava lá e era orientada do Lefèbvre. Mas o curso do Lefèbvre... O Lefèbvre tinha acabado de voltar de Estrasburgo, onde ele tinha sido um dos inspiradores da chamada Internacional Situacionista, essa do Guy Debord. Mas a essa altura, ele tinha rompido. Então o curso do Lefèbvre, no fundo, era uma polêmica dele com as figuras da Internacional Situacionista, que era um grupo, digamos assim, que era autodestrutivo: eles criticavam toda a esquerda e isso e aquilo e se criticavam entre eles. Então, de vez em quando, eles expulsavam um. [risos] Dizem que, em certo momento, o próprio Guy Debord se expulsou, que era o líder maior. Mas um pessoal muito sofisticado intelectualmente. Não, muito sofisticados... Essa coisa do Guy Debord, hoje está traduzido – muitos anos depois aqui –, mas está aí na... Só que aquilo não tinha a ver com o que eu queria. Inclusive, havia aquele negócio... Eu me lembro

do Lefèbvre... “Eu recebi uma carta anônima”, e aí lia a carta anônima e saía então liquidando com o sujeito que enviou a carta anônima. Aí, duas seções com isso, e na terceira seção, ele lia e, no final, perguntava: “Não é, seu fulano de tal?”. Identificava o... Na versão dele, tinha sido o Jean Baudrillard que tinha escrito a tal carta. “Não é, Monsieur Baudrillard?” O Baudrillard era muito quieto, ficava no canto dele lá atrás, daqui a pouco, saiu feito... [risos] Então, é divertido, inclusive para a gente contar depois, mas eu... Aí, o Roland Barthes estava dando um curso que me interessava... Eu tinha lido aqueles *Elementos de semiologia* dele e ele estava dando um curso que a primeira parte era os *Elementos de semiologia*, então, era a possibilidade de eu entrar naquele negócio que desconhecia, e depois ia dar uma coisa sobre “O discurso da história”, em que ele pegaria dois historiadores. Aí, acompanhei...

M.G. – Era o Michelet, um dos historiadores.

M.P. – Era o Michelet e... E quem era o outro? Não me lembro. Bom, eu sei que... Aí, a coisa dos *Elementos de semiologia*, ele vai. Em janeiro, surge uma viagem, ele larga o curso. Então, não cheguei à parte que me interessava. Então eu fui fazendo... “Bom, já não volto aqui”. Palestras do... Então, fui fazendo essa seleção.

K.K. – Moacir, e o Marcel Mauss, como que aparecia aí nessa formação?

M.P. – Bom, aparecia... Quer dizer, o Mauss começa a... Quer dizer, eu tomo... É claro, é mencionado na coisa do Ávila, no curso dele. Quer dizer, o Durkheim, o próprio Durkheim do...

K.K. – Do curso dele.

M.P. – ...do curso do Ávila, mas o Durkheim sem o Mauss. Era o Durkheim de *As regras*, era o Durkheim de *Da divisão do trabalho social*. Bom, depois, na Bahia, a coisa do Mauss já se coloca, não é? E depois nesses cursos aí não é... enfim, Bourdieu e outras figuras, enfim. É aí que eu vou de fato ler o Mauss inteiro, não é? É a partir daí. Mas então eu fui fazendo essa seleção e aí então eu afunilei os seminários. Quer dizer, então eu fui me restringir ao seminário do meu orientador. Tinha que fazer de qualquer jeito e, que era um bom seminário. Ele tinha seus problemas, politicamente

discordava inteiramente. O Ricoeur era um homem de direita civilizada francesa. E o Ricouer tinha uma perspectiva progressista com relação à América Latina e tal. Mas aí fui lá ver o seminário dele. O Bourdieu... Eu viria a tomar conhecimento de Bourdieu lá na França, entende? Quando eu cheguei estava dando um curso sobre cultura popular, que era um tema que nos mobilizava aqui. E o Touraine, que estava muito voltado naquela época, à Sociologia da Ação. Naquela época a Sociologia da Ação. E o Touraine tinha uma boa equipe com ele e também que vinha produzindo nessa mesma direção, não é? Preocupado com os movimentos sociais e um certo foco em América Latina, algumas incursões em África. E então, restringi, quer dizer, nesse primeiro ano teve o Balandier também, o Georges Balandier estava dando um curso que resultou na...não, resultou foi logo depois. Mas era basicamente a Introdução a Sociologia Política dele... E foi interessante, que aí foi meu contato com os ingleses que tinham feito Sociologia Política não é. Foi aí que eu fui pegar o Gluckman e todo esse pessoal. Então, restringi os seminários. No ano seguinte, eu também já entrei, já fui canalizado para isso, e no terceiro ano letivo que eu fiz, aí eu só segui o seminário do Bourdieu. O meu orientador dialogava.

K.K.- Mas quando que você se convenceu de que não ia voltar para o Brasil e ia ficar na França?

M.P.- Ah não. Sim, pois é, essa... Não, então eu comecei a fazer esses cursos e aí continuava esse diálogo. Alguns ... Durou dois, três meses, com o Monbeig e aí chegou a Maria Isaura e tal...

E, bom, no que você engrena mais, eu fiquei mais interessado em dar continuidade àquelas coisas que eu estava fazendo e aí a minha mulher então, a Rosa, resolveu se inscrever num curso. Achei muito interessante, que era o Eprice: Ensino Preparatório de Pesquisa e Ciências Sociais, o *Ensenyament Preparatoire en Sciences Sociales*. Que foi exatamente uma tentativa dos sociólogos e antropólogos franceses mais conscientes dos problemas do ensino de Ciências Sociais, que montaram isso. Era um curso que, a parte de Antropologia é de responsabilidade do grupo de Lèvi-Strauss, com Jean Poullion à frente. Sociologia era dividida entre Bourdieu e o Touraine. Mas era o pessoal da Linguística e Psicologia Social era um grupo ligado ao Piaget. Então, realmente era um primeiro time. Era um curso também um pouco desses moldes que eu tinha dito, essa coisa mais... intensivo, “isso e aquilo”. Esse curso é que a Aspásia, Aspásia Camargo,

depois faria, como algumas outras pessoas, a Vânia Sales, que tinha sido minha colega na Bahia, enfim. E que, algumas figuras que depois se destacaram nas Ciências Sociais na França, também estavam fazendo esse curso. Esse curso durava dois anos, não é?

K.K. – Era equivalente ao mestrado?

M.P. – Esse, ficava fora, era... Como é que eles chamavam depois na França? Era... Estava nesses cursos que não eram... Eles não tinham reformulado ainda o sistema. Agora esqueci o nome da... Tem um... como é que é? Tinha o DEA, o *Diplôme d'Étude Approfondi*, e o outro... Acho que era um DEA. Era alguma coisa... A *maîtrise* lá não era considerada, era uma coisa menor. E esse seria um pouco equivalente a um mestrado. E eu, talvez tenha sido bobagem, não quis fazer porque o meu problema era voltar logo. E então nessa história, acabou que resolvi ficar mais um ano. E me preparei para realmente terminar esse negócio nesse prazo. A partir daí foi basicamente, me concentrei em alguns poucos cursos, e era biblioteca direto. O meu orientador, realmente, enfim, era uma figura assim, que exigia. Me obrigava a cada quinze dia entregar um *paper*, não é? Então, a cada quinze dias um *paper* e aí marcava, uma semana depois ia para a casa dele, discutia e não sei o quê... Então isso me obrigou a ter uma certa disciplina e a produzir a tese num período razoavelmente curto. Teria terminado antes, não terminei. Deveria ter vindo para cá, no momento que fui convidado pelo Roberto Cardoso, para participar do programa do Museu, devia ter vindo em 68. Mas aí, além do maio de 68, que naturalmente mexeu com toda a sociedade francesa e enfim, todos estavam a par, nesse meio tempo eu perdi meu pai. Ele, enfim, adoeceu no período que estava, inclusive, visitando lá e morreu no mesmo ano. E então isso tumultuou. Também filho, nasceu minha filha... Então 68 foi meio complicado, eu acabei entregando a tese em junho de 69. Iria defender em 71, porque não... Na época o orientador tinha ido dar um curso em Israel, não voltaria, e depois tinha o problema de como conseguir ir à França para fazer defesa e tal. Então foi isso. Em linhas gerais foi isso.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2ª entrevista: 07/10/2009

Celso Castro - Bom Moacir, a gente terminou na última sessão, você estava na França, fazendo seu doutorado e você terminou mencionando que assistiu os seminários do Bourdieu. Na mesma época, o Foucault, Althusser, também estavam fazendo a grande sensação do meio acadêmico francês e internacional e talvez você pudesse sintetizar como foram essas tuas influências na época, como é que você viveu esse período.

Moacir Palmeira - É, eu acho que eu contei como é que eu fui parar na França, não havia ideia de fazer doutorado, nada disso, era uma pesquisa que não existia e tudo isso, não é. E por uma série de circunstâncias eu resolvi ficar e esse primeiro ano eu abri todos os seminários que podiam... De pessoas que tinham alguma importância para mim ou que estavam, ou que eram badaladas na época, ou que eu tinha lido coisas que me interessaram. Resolvi conhecer essas figuras todas, não é? Então, no primeiro ano, o que eu fiz, além de alguns seminários no Instituto de América Latina, nessa época dirigida pelo Pierre Monbeig, eu me inscrevi em um monte de seminários, sobretudo da École, na época, École Pratique des Hautes Études, e então fui ver seminários do Henri Lefebvre, do Roland Barthes, do, enfim... Bom, Sociologia do Touraine, que era um nome já muito, enfim, muito conhecido no Brasil e lido por nós e tal. Enfim, tinha outra figura, também da... aquele belga da Sociologia Urbana, Chombart de Lauwe, Mendras, daquela coisa de estudos rurais e meu investimento que era fundamentalmente na área rural. Bom, meu próprio orientador, François Bourricaud. Enfim, eu multipliquei esses cursos e a estratégia era um pouco ir lá, assistir algumas sessões e então selecionar, quer dizer, o que vale a pena ficar. E eu acho que eu contei já alguns episódios, parte do anedotário. E acabei me fixando em alguns poucos similares, e especificamente o Bourdieu e o Touraine. O Bourdieu eu tomei conhecimento lá da existência do Bourdieu e naquele ano, 1966, 1967, ano letivo, não é? Eu cheguei em novembro de 1966 e o Bourdieu estava dando um curso sobre cultura erudita e cultura popular e alguns amigos brasileiros sugeriram e então eu fui ver e, realmente, mexia muito com o que nós tínhamos, enfim, com o que nós discutíamos a esse respeito aqui no Brasil, não é? Lembro que nos anos imediatamente anteriores, havia coisas como livro do Carlos Estevam Martins, o livro do Ferreira Gullar, que eram as duas grandes referências. Havia umas disputas aí que eram tanto, digamos, teóricas, quanto ideológicas, e havia um interesse, havia toda experiência do Plano Nacional de Alfabetização, tanto que fui ver o seminário do Bourdieu e de longe

era a coisa melhor que eu encontrei, que tinha mais, digamos assim, substância, e que estava, quer dizer, que não era simplesmente polêmicas vazias como alguns outros seminários e brigas internas a grupos, como eu tive ocasião de relatar uma dessas aí. Então achei que valia a pena, estava tocando em temas que eram pelos quais eu tinha curiosidade, na época de faculdade tinha escrito coisas a esses respeito, era uma questão política que ainda estava na ordem do dia, apesar de já estarmos em plena ditadura e, ao mesmo tempo, ele trazia elementos que, um pouco, mexiam com a visão que se tinha da cultura popular. Primeiro essa história de cultura popular, o que é isso e a referência dela à cultura erudita e havia, enfim, tinha esses professores que [INAUDIVEL] ensaios de cultura popular, instrutores na França, de mostrar como estavam marcados por essa ideologia dominante e etc., e bom, isso em cima de pesquisa e tal. E eu tinha mencionado da última vez que havia uma preocupação não só em mim, mas todo grupo que se formou na faculdade, depois na experiência da Bahia, havia uma preocupação muito grande com o trabalho de pesquisa e tal. Então um pouco essa coisa da “teoria em vazio”, não fazia muito sentido para a gente, a gente queria juntar as coisas. Então eu encontrei isso no seminário do Bourdieu.

Mario Grynspan – Só posso te interromper rapidamente? Você disse que você foi apresentado, digamos assim, à teoria, à produção de Bourdieu por colegas, amigos seus brasileiros que estavam na França também. Quer dizer, várias pessoas que passaram pela França tiveram um papel importante depois da consolidação de centros de pesquisa e da pós-graduação aqui nas Ciências Humanas aqui no Brasil. Você teve contato com essas pessoas, enfim, não sei, você esteve lá junto com a Aspásia, se correspondeu...?

M.P. – Claro. A Aspásia chegou um pouco depois de mim. Tive, enfim... Já era não propriamente amigo, me dava muito bem com a Aspásia e lá nos tornamos amigos. Na época a Aspásia estava casada com o Sérgio Camargo, Sérgio também virou um grande amigo e a partir daí foi uma coisa interessante porque todo esse mundo de artistas e tal que passamos a interagir também. Mas nesse momento que eu cheguei, quer dizer, quem primeiro, a pessoa que analisou a história do Bourdieu e que era um ex-colega de faculdade, que era o Francisco José Paiva Chaves, que a gente tinha um apelido, enfim, não sei se vale a pena [risos], que era Chico Borbofante, que era a leveza de uma borboleta num corpo de elefante [risos]. Esses apelidos de faculdade que ficaram e o Chico, enfim, era uma pessoa que tinha seus problemas de gênio e isso e aquilo, e já tínhamos tido assim

uns... Mas realmente foi extremamente generoso, me recebeu. Era casado, na época, com uma música esplêndida, que era a Raquel Ramallete, e realmente nós fomos muito bem recebidos pelo Chico, que já tinha feito um curso na Bélgica, estava naquela época na França, enfim, um pouco... Era amigo de faculdade, não era desse grupo mais de pesquisa nosso, mas tínhamos, como eu disse, relações próximas e o Chico me sinalizou isso: “olha, a melhor coisa que tem aí é o Pierre Bourdieu e tal”, e foi quem me chamou atenção que ele estava dando um curso com esse tema. Então eu fui a primeira vez e lá encontrei um outros brasileiros, aí não me peça para dizer o nome porque não me lembro, foram algumas pessoas muito interessantes e algumas inclusive depois me ajudaram quando o governo brasileiro cortou as nossas bolsas e eram padres, pastores, me lembro que tinha um pessoal de Goiás, pessoal de Pernambuco e alguns deles ligados ao Comitê Católico contra Fome pelo Desenvolvimento e que na hora em que falhou a bolsa do governo brasileiro, eles entraram... O pessoal tem uma dívida, assim, impagável, não é. E alguns deles frequentavam também já os seminários do Bourdieu. Não sei, inclusive...

Karina Kuschnir – Como era a dinâmica? Era um estilo Colégio da França, aberto? Tinha que pedir permissão pra assistir?

M.P. – Não, não, não, não. Não, a École. Não, em principio não, a École era considerada na França uma experiência, ela nasceu como uma coisa *anti-establishment*, não precisava ter, não precisava, para frequentar a École, não precisava ter os títulos todos, essa era uma escola livre, não é, em certo sentido e que acabou se tornando, assim, o grande centro de produção intelectual, sobretudo, não sei nas outras áreas, mas em humanas, não é, enfim, História, Filosofia, Sociologia, Antropologia... Você se inscrevia simplesmente, você, ao final de um ano de seminários, um seminário que você fizesse, você... Bastava um professor; você apresentava um trabalho e esse trabalho sendo aprovado, você virava o aluno titular, *l'élève titulaire*, que alguns usavam como título [riso]. E isso te dava direito a seguir frequentando seminários da École e tal. Não tinha nota, você tinha apenas, querendo depois, um certificado de frequência. Então, os seminários eram abertos, mas eram estruturados, não era... Era como um seminário nosso aqui na pós-graduação e tal, não é. Esse era o esquema. Alguns eram muito cheios, algumas pessoas muito... Estavam mais na moda, coisa assim, e enfim, já mais consagradas e tal. Outros tinham pouca gente. Uma grande mesa, assim, as pessoas sentavam em torno e aí entrava o lado francês da

coisa. As coisas geralmente eram muito hierarquizadas, não é. O Touraine, por exemplo, no mesão, só sentava, digamos assim, o primeiro time dele. Então o Touraine ficava na cabeceira e aí assumia um pouco a atitude de professor norte-americano, às vezes colocava os pés em cima da mesa, empurrava a cadeira para trás, mas isso de terno, gravata, muito, quer dizer, em um certo plano, muito formal; no outro tinha essa informalidade meio estudante. Em torno ali dele sentava, na época, os assistentes principais e tal, que era o Karpic, que hoje mudou um pouco de ramo, andou trabalhando Sociologia do Direito, Sociologia Econômica, não sei, o Athik, que era iugoslavo, também muito interessante, o Castells, enfim, tinha um grupo desse. E depois tinha uma... Em torno deles, um segundo círculo, que era dos orientados do Touraine e desse pessoal. E finalmente, a massa que ficava ali encostada na parede...

M.G. – Você ficava aonde?

M.P. - Na parede, sempre, não é? [risos] Inclusive, me lembro um dia, um constrangimento muito grande, tinha uma colega nossa de faculdade, mais nova do que eu, a Lucia Nagazawa. Lucia, uma figura assim, encantadora, tinha um ar, uma coisa assim de ingenuidade, não é? E, nunca me esqueço, teve um episódio na rua com essa moça, muito engraçado, que ela foi abordar um policial e todo mundo chamava policial de *flic*, não é, que era uma coisa meio ofensiva. Ela se dirigiu a ele “*Bonjour monsieur le flic*” [risos]. Ele levou um susto. A Lucia tinha dessas coisas, era uma boa cabeça e tal, mas tinha esse lado ingênuo, não é? E essa história do Touraine, ninguém da parede... Teve um dia que ela cismou com uma coisa, acho que o Touraine falando, ela se levantou, interrompeu, perguntou. Acho que o Touraine... Ela era bonita... Ele ficou meio deslumbrado e foi aquele “auê”, “como é que era que a moça falava”, então era essa coisa mais formal. Voltando à coisa do Bourdieu. No caso do Bourdieu, então, você tinha, era assim, menos... Era um seminário em que basicamente ele, Bourdieu, falava, não era essa coisa dialogada como a gente tem na pós, por exemplo, no Museu, essa história toda. Ele falava, mas aí havia... Bom, eventualmente alguns dos assistentes falava, que eram na época, Passeron, Boltanski, e como é que é, o Chamboredon, esse pessoal tinha... Monique De Saint Martin, tem a Madeleine Lemaire, que eu não sei que fim levou, que tanto funcionava como secretária dele também, que era uma figura, enfim, extremamente agradável e interessante. Tinha o casal [Lagneau], enfim, tinha um número já grande de pessoas, o Castel, e a coisa do Bourdieu era, digamos assim, mais...

M.G. – Castel você está falando quem, o Robert Castel?

M.P. – É, o do Touraine é o Castells, não é? Psicanalista e... Está com a coisa do salário e... E então, esse pessoal ficava ali, era o pessoal mais próximo e em um certo sentido, digamos assim, havia até menos intervenções e tal, mas a coisa era um pouco mais bagunçada e o Bourdieu era mais acessível, não é, as pessoas irem falar com ele, dá sua aula e tal, era uma coisa muito hierarquizada. E a coisa do Bourdieu foi me interessando, eu fiquei por ali, em determinado momento, eu o abordei, mas não foi nesse seminário, foi uma ocasião em que ele ia fazer uma palestra, não, era uma mesa redonda, ele era um dos participantes, e ele chegou mais cedo, era uma coisa na Sorbonne, eu estava por lá também e ele estava sentado na escadaria assim, comendo um sanduíche, uma coisa assim, e eu passei, nos cumprimentamos e tal e aí, esperando, puxou conversa e começamos a nos aproximar. E na sessão seguinte, voltamos à sessão dos seminários, nos encontramos e ele estava chateado que ele achava que a atuação dele no seminário tinha sido péssima [riso] e veio conversar sobre isso. A partir daí, então, de vez em quando, saía, era na Rue de Varenne, eu acho, que funcionava a coisa, e aí saímos caminhando juntos, conversando. Depois eu comecei a passar uns *papers* para ele que eu estava fazendo para a minha tese e enfim, foi se estabelecendo um diálogo e tal. E de fato, quer dizer, ele não foi meu orientador, nem mesmo foi da minha banca, mas fomos nos aproximando. Enfim, havia, marcamos, começamos a marcar entrevistas – *rendez-vous*, em francês – na sala dele na École, que era perto da Eglise Saint-Germain, para discutir essa coisa. Então eu passava *papers* e discutíamos ou então qualquer outro assunto, ele era muito disponível, se mostrou interessado nesse diálogo e começamos. Como ele disse, quando entrou na fase da tese, eu estava meio constrangido, mas ele perguntou, então comecei a passar uns capítulos, tem uns capítulos aí que ele corrige meu francês, tinha umas coisas muito engraçadas. Ele sugeriu, olha, faz uma revisão [riso], uma coisa dessas. Então foi isso.

M.B. – O Bourricaud tinha uma alguma relação com ele, não?

M.P. – Não, não. Se conheciam assim, de longe, o Bourricaud se referia a ele como... Quando eu falei a primeira vez, “É um weberiano aí que escreveu sobre Argélia?” Eu disse: “É, o próprio”. [risos] Então, foi isso, quer dizer, eu fui a partir daí afunilando as coisas. Eu vi que para o que eu queria fazer, e aí já começou a se colocar a história da tese, além do seminário do orientador, eu achei que rendia, que eu aprendia assistindo a esses seminários e lendo a bibliografia desses dois cursos, o do Touraine e do Bourdieu. Então afunilei e no último ano, já na coisa, fiquei só com o seminário do Bourdieu e aí havia essas conversas por fora e tal. E depois disso aí mantivemos o contato, quando eu fui defender, por que eu fiquei na França até julho de 1969, em junho entreguei a tese ao Bourricaud, mas ele estava viajando para Israel e voltei para o Brasil, era uma situação muito complicada, situação familiar meio complicada, meu pai tinha morrido e coisas assim, então não estava fácil eu voltar à França. Fiquei aguardando a resposta, certo momento telefonei, o Bourricaud disse que não, que estava aprovado, era marcar a defesa, mas aí só pude marcar em 1971, quando eu consegui grana para uma passagem [risos], coisas desse tipo. E nessa ocasião o Bourdieu me chamou para ficar mais um ou dois meses no *Centre*, que na época Centre de Sociologie Européenne, não tinha havido ainda a divisão. E aí, enfim, conseguiu lá, deu lá, como se fosse uma bolsa e fiquei mais ou menos, não sei se um ou dois meses, foi ótimo, realmente, fiquei por lá, depois em

1976, voltei para o Congresso de Americanistas e cheguei já atrasado para o Congresso e aí ele de novo me chamou, eu fiquei, não sei, uma das vezes eu fiquei um mês, a outra dois meses. E aí, enfim, mantínhamos alguma correspondência, e enfim, começamos a querer trazê-lo para o Brasil, mas aí era, dizia que era nosso Frank Sinatra, parecia [riso], então se manteve essa relação. No início dos anos 1980, então organizamos um encontro dos pesquisadores daqui, Afrânio Garcia e Marie France na época estavam indo para visitar a família de Marie France e tinha, enfim, eu e a Lygia Sigaud, tinha uma outra colega, Olga, que era do Centro [Latino] Americano, que fazia o mestrado no Museu também, tinha José Sérgio Leite Lopes e então fizemos uma espécie de encontro de grupo, não é? E foi uma experiência bem legal, apresentamos cada um o seu trabalho e dois dias de discussão, essa coisa toda. E a partir daí as pessoas começaram a ter o contato direto com pessoas de lá...

M.G. – Esse encontro foi...?

M.P. – 80 e...

M.G. – Não, mas onde ele foi?

M.P. – Foi lá no Centre de Sociologie Européenne, que a essa altura já era na Maison des Sciences de l'homme.

M.G. – No Boulevard Raspail.

M.P. – É, é. E aí, algum tempo depois, Afrânio começou a ir com mais frequência, depois Lygia passou um tempo lá, José Sérgio também, antes, e aí os contatos ficaram, enfim, eles desenvolveram seus próprios contatos, eu estava envolvido aqui em outras coisas e fiquei um bom tempo, voltei à França depois em 90 e tantos e depois, enfim, já foi uma coisa mais espaçada, não é?

K.K. – Beatriz já estava nesse grupo, Moacir?

M.P. – Beatriz? Beatriz foi nessa viagem também, se não me engano, nessa de 1982. Foi, Beatriz estava, exato. Depois Beatriz também esteve lá um outro período, enfim, eu devo ter esquecido, mas sei que foi um grupo razoável de pesquisadores e a partir daí coincidiu – nessa época eles já tinham organizado o *Actes*, o Centro estava mais estruturado. Então eles tinham lá um esquema de circulação de trabalhos e várias pessoas liam o mesmo trabalho, enfim, tinha lá uma mecânica, foi um pouco o auge dessa primeira experiência do Bourdieu. Depois disso vieram algumas cisões, saiu o Boltanski, saíram outros...

M.G. – Foi uma boa parte desses que você mencionou no início que saíram, não é, foram criar outros centros...?

M.P. – É, saíram. Mas nessa época, no começo dos anos 1980, Boltanski estava ainda. Bom, Monique também, mais recentemente, a Madeleine já tinha saído, tinha ido morar na província, não sei em o que é que ficou. O [Lagneau], ele não sei que fim levou.

M.G. – O Chamboredon?

M.P. – O Chamboredon também já tinha um certo... O Passeron já tinha saído, o Chamboredon demorou um pouco mais. Mas, por exemplo, essas foram figuras. Passeron e Chamboredon, não cheguei a ter contato com eles porque eles eram muito da primeira fase do Bourdieu e nessa época dos seminários, o Chamboredon aparecia sempre, aparecia mais; o Passeron menos frequentemente. Em compensação ele já tinha todo um grupo mais recente e que tinha aparecido e também figuras extremamente interessantes. O centro tinha, de um modo renovado,... Talvez tenha sido o período de maior, digamos assim, estruturação, não é? E que eles também funcionavam acho que mais rigidamente. Então esses artigos do *Actes de la Recherche* tinham que passar pelo crivo de vários autores, as pessoas tinham que ir mudando os artigos e coisas, enfim. Depois, daí para frente eu já não acompanhei tanto. Tive mais duas ou três vezes lá, estive com Bourdieu, eventualmente alguma troca de correspondência, mas...

M.G. – Vou fazer duas perguntas rapidinhas antes da tua volta para o Brasil. Você passou na França na época das mobilizações estudantis, não é? O Bourdieu, inclusive era uma referência importante nessas discussões. Então, essa é uma coisa, um pouco como é que foi, não é? E uma outra coisa é o seguinte: nesse mesmo momento, não sei se você teve algum contato com Afrânio Garcia e com José Sérgio, que tinham ido para França terminar a graduação de Economia deles. Você já tinha tido algum contato com eles lá nessa...?

M.P. – Já. Não, só uma coisa. Essa história do Bourdieu ser referência, desculpe, mas não é, não corresponde aos fatos. Quando o Bourdieu morreu, eu li um artigo no jornal de alguém dizendo que “maio de 1968...”, nada disso. Bourdieu, inclusive, foi extremamente crítico em relação ao movimento. Foram duas pessoas... O problema é o

seguinte: o Bourdieu tinha lançado o *Les Héritiers*, que foi *Os Herdeiros*, não é? Foi um trabalho que fez muito sucesso acadêmico, foi uma das entradas assim, acadêmicas do Bourdieu. Ele estava presente em determinadas discussões, mas na hora do movimento, não... Que eu me lembre, enfim, eu estava lá, estudante, participei, naturalmente dentro de certos limites, porque eu, enfim, era visitante, não me sentia com legitimidade para ir pro “quebra-quebra”... Mas acompanhava as passeatas, depois de certo momento, acho que eu mencionei aqui, o pessoal resolveu ocupar o Instituto de América Latina e eu e o Albertino Rodrigues entramos um pouco como mediadores e, quer dizer, participamos da coisa, mas tentando manter dentro de determinados limites. E o Monbeig entendeu mal, ficou muito zangado conosco, porque eram pessoas que ele, enfim, de quem gostava muito, nós gostamos muito dele, enfim, essa coisa acabou se resolvendo. Mas então eu acompanhei o dia a dia, Paris parou, o dia todo só em função, ali no meio da rua conversando, discutindo, e essa história eu nunca vi referência nenhuma e estava muito curioso, nenhuma referência ao Bourdieu, coisa assim, referências eram outras, não é? Logo que voltamos a ter aulas, então o Bourdieu muito rapidamente se manifestou e por uma grande curiosidade, ele e o Charles Bettelheim, o economista, que era do equivalente ao PC do B na França, do Partido Comunista de linha chinesa, e teoricamente muito próximo do Althusser, que era do Partido Comunista Francês. Mas os dois fizeram uma... Chamaram a atenção para a mesma coisa, o que eles disseram foi o seguinte: que o movimento não mexeu no fundamental. Bourdieu, por exemplo, ficou muito interessado na movimentação operária que acompanhou esse movimento. O movimento estudantil, ele diz, envolveu as faculdades. As faculdades, ele dizia, que eram a pílula dourada da pequena burguesia. Então as grandes escolas não pararam. No que as grandes escolas não pararam, não se tocou na economia do país, os grandes projetos, quer dizer, o que interessava à alta burguesia francesa era que as grandes escolas funcionassem. Tinha projetos passando pela Escola de Minas, projetos na Escola de Administração, chamadas de *grandes écoles*, não é? E isso não foi mexido, não houve participação no movimento. Então chamava a atenção que foi relativamente simples para o De Gaulle acabar com o movimento cruzando os braços e esperando... O pessoal continuava em greve, os manifestantes deixando esvaziar. Evidentemente isso foi associado a uma repressão braba, ainda em maio, em julho, ainda me lembro da gente correndo da polícia, de repente enfrentamentos... Mas, quer dizer, não só. acho que o Bourdieu não foi

referência, pode ter sido talvez em algumas das lideranças, tenham lido aquilo, mas referência pública não era e ele, Bourdieu, tinha uma avaliação, digamos assim, crítica, não que fosse contra, não é isso, mas o que ele dizia é que aquilo ali não significava muito, em termos de transformação social e que aí... Era um pouco isso.

C.C. – Só de curiosidade que eu não tinha perguntado antes... Althusser e Foucault, nessa época, você acompanhou, assistiu, ou já eram referências?

K.K. – Ou eram apenas obras?

M.P. – Sim, já eram. Nessa época talvez ainda um pouco mais fortemente o Althusser, por uma série de implicações, pelas vinculações políticas e tal – já falo dele –, o Foucault na época eu li, li muita coisa dele, mas o Foucault estava fora de Paris, então não fiz cursos com ele, não tive oportunidade. Vim a conhecê-lo anos depois, quando ele veio ao Brasil, o pessoal da medicina social, ele tinha vindo aqui para a medicina social da Uerj, não é? E tinha um grupo com quem nós, alguns de nós do Museu, nos relacionávamos e num apartamento em Copacabana, se não me engano na rua Bolívar, se marcou uma conversa com Foucault e realmente eu preferi os livros, mas a conversa... A conversa, enfim, não levou a muita coisa e tal, as preocupações dele eram outras, a nossa... Então foi o único contato que eu tive com Foucault. Na França, ele já era uma referência, estava, evidentemente, se fortalecendo em termos de ser... Foi dito, uma referência teórica, mas não estava em Paris no período que eu estive ou não sei, quando eu estava escrevendo a tese, já estava desligado. O Althusser é diferente, o Althusser... Bom, primeiro que estava muito... O Althusser é professor da École Normale Supérieure, que depois de uns anos para cá se democratizou. Era sempre uma coisa muito fechada, não é? E o Althusser era professor da École Normale – morava na própria École, a École da Rue d'Ulm – e ao mesmo tempo era militante do Partido Comunista Francês, tinha lançado já os seus primeiros livros. Eu, por acaso, por conta de um belga que morou aqui, o Conrad Detrez, escritor também e que acabou sendo preso aqui e torturado e tal, que era católico. E através do Conrado – como a gente chamava – eu tive acesso ao *Pour Marx*, li na época, me impressionou muito, enfim, socializei com alguns dos colegas, amigos de faculdade e tal. E quando eu estava chegando

na França – acho que tinha saído há muito pouco tempo o *Pour Marx* – continuei essas leituras e tal, mas os cursos de Althusser eram na École Normale, que era fechada.

M.G. – Você tinha falado que seu contato com *Pour Marx* tinha sido antes. Quando você chegou na França...?

M.P. – Antes, é, cheguei na França já sabia, o Althusser já estava mapeado.

M.G. – Você disse que saiu *Pour Marx* quando chegou na França.

M.P. – Não, não, desculpe, o *Lire le Capital* que saiu próximo da minha chegada. Então lá eu passei a ler o *Lire le Capital*, me informar de outras coisas do Althusser que estavam sendo produzidas. Pelo tipo de opção política, pelo interesse, o marxismo era uma referência extremamente importante para mim, para boa parte das pessoas da minha geração. Investi muito na leitura, minha tese foi marcada pela leitura do Althusser e tudo isso, mas... Bom, primeiro tinha a história de ele ser da École Normale, depois havia uma coisa muito curiosa...

K.K. – Ou seja, não era permitido se inscrever...?

M.P. – Não, é, não tinha esse acesso, era mais complicado. Mas havia um acesso, havia um acesso que era, digamos assim, um acesso político. Tinha vários amigos da Ação Popular, da AP, não é, que estavam no exílio, não é? E a Ação Popular nessa época já tinha se tornado a APML, Ação Popular Marxista-Leninista, e nessa história, eles se aproximaram muito do Althusser, muito através da Marta Harnecker, a chilena que escreveu... O manual de marxismo dela foi muito... Vocês ainda devem ter...

M.G. – Eu peguei.

M.P. – É, você pegou ainda quando ela virou uma referência e tal, era uma leitura althusseriana do marxismo, digamos assim, colocada, uma leitura para atingir um público maior. E a Marta era uma figura extremamente... Era uma mulher bonita e muito inteligente, interessante e tal. E então na casa de alguns amigos da AP eu cheguei a conhecê-la e aí esses companheiros da AP organizavam seminários para estudo de *O Capital*

– do marxismo, fundamentalmente de *O Capital*. Havia um grupo, havia esses grupos de trabalho e uma parte depois ia discutir com o Bettelheim, o Charles Bettelheim, que era o pessoal mais dos economistas e tal e um outro grupo, pessoal mais interessado em Ciências Humanas, quer dizer, Filosofia, Sociologia e tal, que acabavam chegando em Althusser por aí. Mas havia, digamos assim, uma progressão, como se fosse um curso que você entrasse, visse as coisas básicas e tal. E cheguei a me associar a um desses grupos, é porque tinha vários amigos, pessoal que não gostava muito, mas só que a coisa era um pouco complicada, eu já tinha investimento, já tinha mencionado na primeira parte, que nós fazíamos investimento de leitura, inclusive do próprio Marx, antes de sair daqui nós já discutíamos na casa do Gilberto e do Otávio Velho, não é, fazíamos seminários, sempre em torno da *Crítica da razão dialética*, seminário sobre dialética...

K.K. – Era muito básico lá.

M.P. – A coisa era muito inicial, aquilo para mim não fazia sentido, era meio constrangedor, “não, estou sendo muito pretensioso”, mas não era isso, tinha um limite que você tinha uma determinada disciplina e é como se você não, quer dizer, boa parte das coisas já tinha lido e às vezes a própria, os outros colegas não tinham essa minha experiência e tal. Então eu desisti, desisti. E acabei, o contato, assim, mais com o Althusser foi depois, já mais adiante, já no segundo ou terceiro ano que eu estava na França, havia uma palestra dele – não, era um curso! Mas um curso curto, de cinco, seis sessões, e que, se você fosse com alguém da École Normale, você podia entrar. E aí eu e alguns brasileiros... Entre eles estava o Enilton Sá Rego que foi um grande amigo e o Marco Aurélio Garcia [riso] e não sei se o Marco Aurélio conhecia os alunos da École, sei que nós fomos, um grupo razoável de brasileiros. Então seguimos umas sessões e tal, e era uma coisa muito curiosa, porque as cadeiras, como tinha muita gente, as cadeiras eram para os alunos da École...

K.K. – Vocês ficavam em pé...

M.P. - Então um de nós sentou na cadeira, daqui a pouco chega o aluno da École...As cadeiras eram dos alunos da École. Então contato assim, de ouvir o Althusser falando, foi só esse,

não, teve um contato direto, apesar dos trabalhos dele terem sido sem dúvida alguma muito importantes para mim na época, enfim.

C.C. – Bom, Moacir, a gente pode falar da sua volta ao Brasil. Julho, não é, de 1969?

M.G. – Isso. Finalzinho de julho de 69.

C.C. – Você volta após o AI-5 aqui, o clima político estava mais fechado até do que antes e você vai dar aula no Museu, não é? Você diz no seu memorial, por indicação do Otávio? É isso? Como foi...?

M.P. – Não, a coisa é o seguinte. Eu já tinha chamado atenção na primeira conversa nossa que eu e Otávio nos conhecemos na Faculdade e éramos muito próximos. Tanto, eu, Otávio, Luiz Antonio Machado, Sérgio Lemos, e alguns outros colegas, o Manuel Fernando Ruiz Calicchio], o Sérgio Proença Leitão, que depois foi professor da economia da PUC, enfim, havia todo, enfim, havia um grupo muito afinado intelectualmente e com preocupações políticas semelhantes e tal. E o Otávio especialmente, ele tinha muito um diálogo intelectual muito intenso e também experimentamos juntos as primeiras situações profissionais. Trabalhamos juntos no Centro Latino-Americano, trabalhamos juntos na Cândido Mendes e... Quando eu saí daqui para a França, o Otávio tinha tido um primeiro contato com o Roberto Cardoso e nesse meio tempo teve a oportunidade de colaborar com o Roque em uma pesquisa do Roque Laraia e enfim, tinha tido uma... E estava muito entusiasmado com essa experiência. Bom, nos escrevíamos, essa coisa, e um belo dia o Otávio me escreve falando da organização da pós-graduação, essa coisa toda, e que ele tinha dito ao Roberto que eu estava fazendo doutorado lá em Paris e o Roberto se mostrou interessado e quando soube do tema e por uma série de razões e tal. Então houve esse contato, quer dizer, quem disse ao Roberto que eu existia foi o Otávio e aí o Roberto tinha uma viagem a Paris e nessa viagem, então, foi feito um contato, já não me lembro exatamente qual é a ordem, ele, Roberto, em uma dessas entrevistas que ele deu disse que, isso na casa da Aspásia que eu me lembre, não... Acho que foi na casa do Albertino Rodrigues, mas enfim, não importa, Albertino e Aspásia, os dois tinham contato com Roberto, Albertino desde São Paulo, eram contemporâneos e tal. Então conheci o Roberto e aí ele sondou e aí viu minha previsão, minha previsão era terminar a tese em 1968 e ficou mais ou menos estabelecido que eu voltaria e tal. Na época ele tinha um projeto, chamado Estudo Comparativo de Desenvolvimento Regional, era dele

e do Maybury-Lewis, de Harvard, que era a ideia de fazer um estudo comparativo da área de colonização mais antiga no Brasil, que seria o Nordeste, e a área de colonização mais recente, que seria Norte e Centro-Oeste, e o Roberto então, queria que eu participasse disso. Depois, como eu tinha alguma experiência em campo, ele pediu para coordenar, para ser um coordenador de campo da pesquisa no Nordeste e a Francisca Keller, Francisca Isabel Vieira Keller, coordenaria o Brasil Central. O Otávio, como estava fazendo curso aqui, ainda era... Enfim, estava com *status* de aluno, embora ele ter tanta mais experiência do que eu. Então as coisas foram se encaminhando por aí, com o maio de 1968, tumultuou o meio de campo, não houve possibilidade de terminar a tese, mas eu continuei tentando, mas logo emendou a doença do meu pai e enfim, foram alguns meses, ele teve um câncer, foi meio fulminante e enfim, foram alguns meses de muita apreensão, depois da morte e tal. Então isso atrasou um ano e o Roberto meio chateado, porque o plano dele devia estar já 1968, então quando eu cheguei em 1969... Outra coisa é que eu também não defendi em 1969, e então não tendo defendido não podia dar aula, infelizmente, então eu fiquei em 1969 e 1970 eu fiquei basicamente ligado ao projeto de pesquisa, e só depois que eu defendi, no início de 1971, que eu passei a dar curso no PPGAS. Então a coisa foi essa, havia essa coisa do Otávio com o Roberto, meu nome foi sugerido, conversamos longamente em Paris, depois quando meu pai adoeceu, vim ao Rio e aí fui pela primeira vez ao Museu, não à exposição, mas ao Museu e, enfim, conheci as pessoas, os outros professores, conversamos mais longamente e...

K.K. – Basicamente o PPGAS era o Roberto, era o capitão ali do...

M.P. – Isso. O Roberto, essa coisa e tal, o próprio Roberto tem relato sobre isso, foram escritas dissertações com essa história, enfim, nessas comemorações eu sempre digo, eu não sou fundador, cheguei depois. Inclusive não fui formado pelo Roberto, realmente, enfim, todos os professores da minha geração que ainda estão aí foram alunos do Roberto, o Otávio, a Lygia, alunos do grupo que junto com o Roberto, instaurou o PPGAS. Eu um pouco precocemente me somei como uma espécie de caçula na turma que... No grupo de professores. A primeira turma eu não peguei, a primeira turma foi de 1968, 1969... Foi essa turma de Otávio, Lygia, Rosilene. Acho que Rosilene foi da primeira também. Enfim, tinha uma série de pessoas, Wagner, Wagner Neves, não é?

K.K. – Gilberto, não é?

M.P. – Não, Gilberto foi da segunda. Bom, Otávio e tal, foram da primeira turma, eu não dei aula para primeira turma. A segunda turma que foi a turma do Gilberto, acho que eu já... Não sei se eu peguei o segundo ano, eu dei... Porque a Yvonne é da mesma turma ou da turma seguinte do Gilberto?

K.K. – Acho que da mesma.

M.P. – É, então da mesma. Yvonne, então já dei aula para a segunda turma.

K.K. – A Yvonne, aliás, declarou que você foi o grande professor da formação dela...

M.P. – [risos] Isso é bondade da Yvonne, uma aluna excepcional. Então, a coisa um pouco é essa, eu não tive a oportunidade de ser aluno do Roberto...

K.K. – Moacir, uma pergunta, um parêntese muito rápido, mas é que eu fiquei curiosa lendo seu memorial. Você fala com muito destaque do Fernando Henrique Cardoso. Então tem todo esse grupo da sociologia da USP. Não havia um pouco essa expectativa, por exemplo, da parte de vocês de ir para São Paulo, de fazer parte desse grupo ou de fato, era, enfim, lia-se, mas não havia esse caminho, nem se especulava sobre isso?

M.P. – Não, houve um momento em que houve convites, aí não do... Sondagens, não convites... Não do Fernando Henrique, mas da Ruth, não me lembro se Eunice... Mas a Ruth foi uma pessoa que levantou essa possibilidade quanto estava nos anos aí 1974 e tal, estava a crise do PPGAS, um momento que acabou o financiamento da Fundação Ford, foi quando eu andei dando aula na Ciência Política de Belo Horizonte. Essa coisa do Fernando Henrique acho que é de outra natureza. Essa coisa Rio-São Paulo, havia sempre uma certa disputa, um certo...E o Florestan nesse período, o grupo em torno dele e aí os trabalhos do Fernando Henrique, do Ianni, no meu caso, enfim questão de, sei lá, enfim, leitura, ou utilidade para o que eu estava fazendo e tal, o *Capitalismo e escravidão* do Fernando Henrique foi

extremamente importante. Então aqui no Rio você tinha algumas figuras, o Padre Ávila, com quem nós começamos a ter experiências de pesquisa, você tinha o Guerreiro Ramos, que era uma figura admirável, mas o Guerreiro era uma figura muito especial, era ele, e Costa Pinto passava boa parte do tempo fora, enfim, se dividia, estava no exterior, na própria Bahia, enfim. Então, em São Paulo nós tínhamos conhecimento, havia aquele grupo da Sociologia do... Como é que é? Industrial e do Trabalho, não é? É onde iriam aparecer essas figuras como Luiz Pereira, o Leôncio, enfim. Bom, uma série de pessoas. Havia essa coisa de grupos de pesquisa em torno do Florestan. Nós já líamos o Florestan, era uma figura assim já meio mítica e tudo porque tinha alguns textos de leitura difícilíssima, uma coisa que a gente ficava quebrando a cabeça para entender aquilo e tal. Então essa ideia é um grupo, também a coisa do marxismo era uma referência importante. Então a impressão, que pelo menos nós tínhamos na época, era que São Paulo você tinha um trabalho de pesquisa acoplado a preocupações teóricas, acopladas às grandes discussões do marxismo, que nos atraiu. Então já havia essa valorização, me lembro que houve um Congresso do Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais, em que o Diégues convidou a mim e ao Otávio para fazermos, acompanharmos, fazermos uma espécie de resenha do Congresso, e uma das coisas que mais nos motivava era que Ianni – o Florestan acho que não vinha – mas o Ianni e Fernando Henrique viriam e isso e aquilo e tal, foi um primeiro contato, acho até que foi Otávio que fez, eu não fiquei o tempo todo. Então havia uma série de nomes interessantes. Então havia essa... São Paulo, esse grupo em São Paulo especificamente, era uma referência. E o *Capitalismo e escravidão*, nesse período que eu estava na Bahia, que falei da última vez, o Luís Henrique Dias Tavares, que era um historiador, diretor do Arquivo Público da Bahia, que foi meu professor lá, o Luís Henrique indicou o Fernando Henrique com muito entusiasmo e eu li e realmente fiquei muito entusiasmado, achei que abria perspectivas novas e tal. Minha própria monografia na Bahia, eu já usei a coisa do *Capitalismo e escravidão* e essa tentativa de acoplar a pesquisa empírica com a teoria e a coisa de conciliar a história do Sartre com outras vertentes do marxismo, pensar o que seria falarmos de dialética, o método dialético, era um fetiche, mas cada vez pensavam em pesquisa empírica “como que isso opera?” E o livro do Fernando Henrique abria um pouco essa perspectiva, ou nos parecia que abria. Foi, então a coisa do *Capitalismo e escravidão* foi um pouco por aí e eu acho que foi um livro que marcou, sem ser muito pretensioso, marcou uma geração, mas pelo menos desse grupo nosso do Museu, na PUC e

tal, foi efetivamente marcado e por mais que possa haver divergências políticas com Fernando Henrique, isso é um fato.

M.G. – Você falou há pouco que 1974 é um momento de crise importante no museu porque é o momento que acaba o financiamento da Fundação Ford. Mas eu acho que uma questão importante que eu estava querendo saber, é um pouco o papel da Ford no início do Museu como um elemento importante e ao mesmo tempo a presença dos americanos o David Maybury-Lewis, Shelton Davis, enfim, também foram importantes.

M.P. – Não, sem dúvida alguma, eu acho que, não sei se pelo fato de serem americanos, mas imagino que o Cardoso sozinho, o Cardoso e o Castro, o grupo que trabalhava com o Cardoso, o Roque, Matta, e, enfim, os outros todos, Melatti, Alcida e tal, não teriam conseguido montar um programa com esse perfil, com essa agilidade, acho que sem esses contatos internacionais, então nesse sentido, o David Maybury-Lewis foi justamente importante e essa circulação de professores, você mencionou alguns como o Shelton Davis, o Richard Adams, depois o [INAUDIVEL] foi, inclusive, um coordenador nosso, não é, o Shepard Forman. Às vezes é difícil, são tantos que passaram e tal. Então isso acho que foi extremamente importante para nós, você estava o tempo todo confrontado com perspectivas diferentes das coisas. Me lembro que eu meio que dividi cursos, eu fiz um pouco a de mediador de cursos, do Shepard e do Shelton Davis. E de repente eu tive uma formação muito mais marxizante, europeia e coisa, e eles tinham uma formação de outra ordem. Então, esse diálogo para mim foi extremamente importante, com Sandy, com Shelton Davis, por exemplo, esse diálogo foi longe. Alguns alunos, inclusive, tinham uma espécie de dupla orientação minha e dele, ele estava na época com a história de resolução de conflitos e então no próprio enfoque das nossas pesquisas lá havia alunos interessados estudar sindicalismo, estudar conflitos sociais e tal. Então a coisa do Sandy foi extremamente importante. E os outros, que a gente estava convivendo ali, no dia-a-dia... Essa história de perspectivas diferentes, você ter, de algum modo, que se posicionar com algumas pessoas, dialogar com as pessoas, acho isso fundamental, não só na formação dos alunos, não só na formação institucional do programa, mas na nossa formação. Eu acho que devo muitíssimo a essas pessoas e os estrangeiros como pessoas com formação distinta. O Matta, por exemplo, que, em certo momento, as pessoas polarizam muito e tal, eu acho o Matta, para mim

foi extremamente importante o diálogo com Matta, foi sem dúvida alguma fundamental. E os outros que... Bom, aí já o pessoal, a prata da casa, Gilberto, Otávio, essa coisa vinha de longe. Então eu acho que o perfil do programa foi muito marcado por isso, estilo de seminário. Eu acho que é essa coisa mais dialogada – a minha impressão, eu não tinha uma convivência anterior com Roberto Cardoso, mas que eu me lembre, aula, seminário, no Museu era um pouco estilo francês, professor fala e depois a gente faz pergunta, coisa assim –, então esse seminário dialogado eu aprendi em grande parte com essas pessoas.

C.C. - Com os americanos.

M.P. – Com os americanos.

K.K. – Não com o Roberto, especificamente?

M.P. – Não, o Roberto... Eu fiz, eu acompanhei, antes de começar a dar, por exemplo, Sociedades Camponesas, eu fiz o curso do Roberto, fiquei vendo como é que ele dava e tal. Bom, havia diálogo, não era um curso como esse que eu estava dizendo, na França, tão rígida, mas não era essa coisa mais dialogada, um curso com Shelton Davis, com o Shep, com o Tony. Então era uma coisa muito mais dialogada, então isso aí, acho que eu, nós aprendemos muito.

K.K. – E você logo começa dando cursos com... Fita? Claro!

[Fim do arquivo 1]

K.K. – Então. 7 de outubro, segunda etapa, entrevista com Moacir Palmeira. Moacir, a gente estava conversando sobre a tua primeira experiência dos seus primeiros anos no Museu e você menciona também a importância do Castro Faria nos teus primeiros cursos, eu acho que talvez tenha sido juntos... Você podia falar um pouco desse... Você já o conhecia antes?

M.P. – Não, eu fui dar cursos com o Castro já mais pro final dos anos 1970. No início, ao contrário, até nós nos estranhávamos um pouco. O Castro era uma pessoa de uma dedicação

incrível, eu dizia que ele dava tempo integral no Museu e tempo integral na UFF. E arranjava tempo para tomar cerveja com os alunos. E os alunos que frequentavam o curso do Castro, sobretudo o pessoal... Que estavam interessados em sociedades indígenas, ou que trabalhavam com temas com que ele dava na época, eles acabaram desenvolvendo uma amizade muito forte com o Castro e tinha muito isso, a coisa de saírem, pararem para tomar uma cerveja e coisas dessa órbita e eram muito empolgados com a coisa do Castro. E o Castro para quem chega de fora, eu estava dizendo, no programa eu não sou fundador, eu cheguei já com a coisa feita, ajudei nessa primeira etapa e tal, mas nunca tinha feito curso no Museu, nunca tinha participado de nenhuma experiência anterior ali, quer dizer, entrei já nessas circunstâncias que eu disse. E me lembro bem o Castro nas primeiras...

K.K. – E o Castro ao contrário, quer dizer, ele já estava ali...

M.P. – Não, o Castro era o Museu, o Castro já tinha sido diretor do Museu, o Castro estava lá desde a época no Lévi-Strauss, desde a expedição de 1939, 1938, uma coisa assim e era uma pessoa já consagrada, me lembro de, na faculdade, quando se falava do Museu o Castro faria era uma referência, uma pessoa...

C.C. – Continuou sendo por muitos anos.

M.P. – Isso. Enfim... E então minha relação com o Castro era uma certa distância, era meio tímido com relação a ele, eu cheguei ainda com 26 anos, 27 anos, Castro já um provector senhor e tal. E aquele negócio... O Roberto, aquela coisa de se perder um pouco no programa, o Roberto fazia uns seminários, organizava seminários, de professores, de alunos, essa produção nossa ela estava o tempo todo sendo objetivada nessa história, sendo questionada e tal. Então houve alguns, me lembro de dois seminários, o primeiro que cada professor tinha que apresentar os seus projetos. Eu tinha dois projetos de pesquisa e apresentei os dois projetos e o Castro fez lá algumas perguntas, aquela coisa meio seca, fumando aquele cachimbo dele e tal, fez lá, respondi, não disse nada, ficou aquilo e tal. Então era uma relação meio distante. Depois num outro seminário, já um pouco mais adiante, eu já tinha feito um período bom de campo e redigi um artigo que era mais um relatório de campo, explicitiei e

tal, e o Castro, que era bom de ler as coisas, e aí meio que destroçou o meu trabalho [risos] e destroçou ainda gozando, aí eu era menos tranquilo do que sou hoje, também respondi dando umas pancadas e tal, então a relação era meio... Não era das mais fáceis. Depois, alguns alunos, pelos seus interesses, por exemplo, caso de Afrânio Garcia, da Marie France Garcia, José Sérgio Leite Lopes, depois Alfredo Wagner, que ou tinham interesse na coisa da Antropologia Econômica, que era uma cadeira que Castro oferecia, ou de Pensamento Social Brasileiro, que era uma cadeira que o Castro regularmente oferecia, essas pessoas acabaram fazendo uma certa ponte, e o Castro então em determinado momento me chamou e gostaria... Tinha lido, sei lá o que quer que eu tinha feito e se eu não toparia dar um curso com ele, isso já foi em 1976, 1977 e aí nos entendemos, a partir daí realmente nasceu uma amizade, por uma iniciativa generosa da parte dele, muito mais treinado do que eu, e as pessoas, alguns colegas tinham problemas quando se aproximavam do Castro, eu não tive. Então me entendi bem com ele e aí demos alguns cursos, sobretudo nessa área de pensamento social brasileiro. Depois daquele seminário de doutorado, já nos anos 1980, quando foi criado o doutorado e se instaurou no Museu também demos e o último seminário que demos juntos, aí o Castro, já bem próximo da morte, demos o curso, inclusive, eu abri o curso aqui para os alunos e as aulas eram em Niterói na casa dele.

C.C. – Nesses primeiros anos de PPGAS, voltando à França, você se sentia mais sociólogo, antropólogo, ou isso já não fazia diferença?

M.P. – É, [risos] eu tenho uma identidade um tanto frouxa. Não, eu acho que cheguei a mencionar, a Antropologia que eu tive na graduação, quer dizer, mesmo tendo tido excelentes professores, não me fazia a cabeça, o tipo de abordagem, me lembro o Diégues, aliás, quem me puxou para trabalhar e que eu era amigo pessoal e o Diégues tem aquela história de regiões culturais, traços... Enfim, trabalhava com uma lógica que não fazia muito a minha cabeça, mas eu tenho uma série de coisas dele que eu gosto, gosto até hoje. O Thales tinha também uma série de coisas que não... Tinha um lado de um antropólogo mais tradicional que também não era uma coisa que me fascinasse tanto, ainda que o diálogo com Thales, como o Diégues, o diálogo com os dois, a discussão de pesquisas específicas tinha sido fantástica e algumas leituras, sobretudo na Bahia, quando começamos a entrar, pela antropologia social inglesa e tal, aí me chamava atenção, mas a referência era a

Sociologia. A matéria para mim, quando eu li o Roberto Cardoso pela primeira vez, essa ideia do Roberto da Antropologia social, os temas dele me pareciam apontar numa direção interessante. Na França, o Bourdieu era definido como sociólogo e foi a pessoa que eu mais me identifiquei e ainda que alguns dos trabalhos dele sejam considerados trabalhos de etnologia. Então teve um pouco essa ambiguidade e chegando ao programa, o que nós tínhamos aqui eram áreas de concentração, os mestrados tinham aquele negócio: área de concentração maior que, no caso do programa, era Antropologia social e tinha áreas de concentração menor, Etnologia e Sociologia. Ainda era possível, acho que tinha uma terceira que podia, não me lembro mais qual era... Não sei se Linguística... Bom, mas então o Castro Faria brincava dizendo que ele era um ET, de etnologia, não é? Então o meu caso era um [sock] [risos]. A Neuma Aguiar, eu, entrávamos como ligados à concentração menor, à Sociologia. E, paciência, para mim nunca foi problema, quer dizer, você joga com os instrumentos que tem.

K.K. – Quando você preenche alguma coisa de profissão, você coloca o quê?

M.P. – Não, o problema é que de um tempo para cá, sobretudo depois dessa coisa de virar titular, como era concurso para ser titular em Antropologia social, então a questão de comodidade, entram as coisas... Essa coisa também das associações profissionais, eu me filiei à ABA, não me filiei à SBS. Em um desses congressos da SBS chamaram, eu cheguei a ter filiação, mas... Você, no dia-a-dia, convive com pessoas que...

K.K. – Será que essa aproximação teria a ver com aquilo que você estava dizendo, que desde o início era uma preocupação sua de juntar teoria e pesquisa, ou seja, Antropologia seria uma área que permitiu mais esse tipo de trabalho, menos exclusivamente teórico?

M.P. – Não, isso. Isso. Essa é uma coisa. O que eu quero dizer é que não ficava preocupado com a identidade. O tipo de pesquisa que eu tenho feito, acho que tem mais a ver com o que a Antropologia, sobretudo a Antropologia dos últimos 30, 40 anos tem feito, do que aquilo que tem sido feito pela Sociologia. Quer dizer, na França, não tudo, mas boa parte do que o grupo do Bourdieu fazia, me falava muito, tinha muito a ver com o que eu fazia, eventualmente com alguns sociólogos e tal. Mas, em geral, o que eu tentava fazer tinha

mais a ver com aquilo que antropólogos faziam. Então as minhas leituras, o acompanhamento de periódicos, foi muito mais na área de Antropologia do que na área de Sociologia, então é um pouco isso. Então, mas não havia essa definição, minha graduação em Sociologia, doutorado em Sociologia, quando cheguei no programa, era definido da área de Sociologia...

C.C. – Moacir, na França, você estava ligado à Sociologia, você não chegou a assistir coisas de antropólogos, como Lévi-Strauss, por exemplo, você não assistiu?

M.P. – Lévi-Strauss dava curso... Eu tive, enfim, contatos eventuais, em uma ocasião procurei o Pouillon para acertar tradução de livro para Zahar, daquele problema de estruturalismo e tal, foi uma conversa muito boa e tal, fui ver o Lévi-Strauss, enfim, vi uma palestra dele, mas estava muito distante das coisas que eu estava mexendo... Preferi ler as coisas dele na época. O que eu fiz de antropólogo, que é definido como antropólogo, que eu segui um curso que foi realmente muito interessante, foi o Georges Balandier. O Balandier, acho que eu tive uma sorte grande – até hoje tenho uma apostilazinha que distribuía – ,Deu um curso sobre Antropologia política, pouco depois de ele ter lançado aquele livro dele, que é uma espécie de manual e tal, não é? E nesse curso ele estava tentando discutir com a antropologia política inglesa. Então para mim foi extremamente importante. Entrar num curso... Infelizmente eu já estava engrenado na minha pesquisa, o curso era semanal, mas uma semana eram as aulas do Balandier, na semana seguinte, os assistentes dele, então reuniam grupos de trabalho, mas eram grupos que estavam fazendo pesquisa na África. Poderia ter sido uma experiência muito boa, mas não... Eu já estava com a tese mais ou menos engatilhada, queria voltar para o Brasil, então não aproveitei isso aí. Mas esse foi um curso, realmente foi um dos melhores que eu fiz lá, esse do Balandier, e que me levou a me familiarizar com a literatura, ele usava também sociólogos, era uma literatura basicamente de antropólogos e de antropólogos sociais ingleses.

C.C. – Moacir, agora eu queria que você falasse mais sobre esse grande projeto da *plantation* lá em Pernambuco, lá na Canavieira, já no Museu, e você destaca no teu memorial os alunos de mestrado na época que trabalharam com você, Beatriz, Afrânio, Lygia também se juntou ao grupo, Marie France depois.

K.K. – Alfredo...

C.C. - Como é que se montou o grupo e como foi o início da experiência?

M.P. – É, eu na primeira parte da nossa conversa, tinha dito que não era uma coisa só minha, era toda uma geração, havia uma... E nisso a experiência com Bourdieu foi interessante, quer dizer, o Bourdieu trabalhava em grupo, os trabalhos do Bourdieu da primeira...

K.K. – Desculpa, é que no seu memorial você escreve: “Não acredito numa sociologia na primeira pessoa do singular”. Tem a ver com essa...?

M.P. – É, tem a ver um pouco com isso. E eu estava dizendo essa coisa, o Bourdieu, aqueles trabalhos todos dele, são trabalhos coletivos, os trabalhos da Argélia, os primeiros trabalhos com educação na França e tal e havia... Essa coisa me impressionou, era uma coisa que nós tentávamos fazer aqui, esse grupo da Sociologia da PUC... Mesmo na Bahia fizemos alguns trabalhos também em conjunto, então tinha um pouco disso. E a ideia de que não é uma pessoa, não há essa história de pensar que o gênio, há o gênio A, o gênio B que vai... Não, essa também é uma das coisas de São Paulo que achava interessante do Florestan, era a ideia que era um trabalho de equipe, esse pessoal estava o tempo todo sendo questionado. Bom, na minha tese eu tinha tratado desse debate em torno da natureza da estrutura social do Brasil rural, e um pouco da natureza da estrutura social do Brasil colonial, com todos os debates em torno do feudalismo, capitalismo e tal. E no final eu levantava uma espécie de hipótese, para depois confrontar essas várias versões, é que, quer dizer, era uma pergunta de fato: E se consideramos esse latifúndio, a *plantation*, o que for, como uma forma específica? E já tinha um investimento grande em torno do Nordeste canavieiro e quando surgiu essa possibilidade de fazer pesquisa no Nordeste dentro do projeto do Roberto Cardoso, eu, então, me dispus a tentar transformar essa indagação em uma investigação mais ampla na área canavieira. Por uma série de razões, eu achava que os autores todos davam por uma, diria quase uma opção, e por uma leitura mais ideológica do Marx, teóricos do marxismo e tal, então o olhar é sempre dirigido para as relações de trabalho ou para... Parecia um equívoco o

que eles chamavam de relação de trabalho e relações de produção, que usavam como sinônimos, e deixavam de lado acho que algumas coisas fundamentais como as próprias formas de distribuição, e que me parecia que, no caso, lendo essa literatura internacional sobre a *plantation*, essa mediação entre cada *plantation* individual e a economia como um todo, a política como um todo, a sociedade como um todo, era crucial. Então, em torno dessa coisa da mediação e da redistribuição, que pensava nos barracões de engenho, quer dizer, tinham trabalhadores formalmente assalariados, mas os seus salários passavam, eram filtrados digamos assim, pelos barracões, eles não recebiam nada e isso eu acho que estaria na base do poder dos proprietários. Então um pouco em torno disso aí, resolvi montar um projeto em que tentássemos cobrir, digamos assim, todo o mapa de posições, ou oposições sociais, quer dizer, o mapa elaborado pela própria população, chegando na área canavieira de Pernambuco, se você dissesse senhor de engenho, as pessoas eram senhor de engenho, era o morador, era isso era aquilo, então bom, o que são essas figuras – e como se relacionam – e tentar cobrir então esse conjunto de posições e oposições sociais. Eu investi basicamente nessa história da mediação e redistribuição, e então os alunos que foram se aproximando, eu fui um pouco fazendo com que eles cobrissem essas diferentes posições. Então José Sérgio foi pegar os operários da parte industrial da usina, porque se falava, é como se não existissem os operários; Afrânio e a Beatriz foram pegar pequenos produtores que estavam surgindo na periferia da *plantation* e bom, Lygia que se juntou a gente, estava preocupada com as representações, trabalhar com representações do trabalhadores rurais, acabou se concentrando pouco nos chamados trabalhadores da rua e me lembro que a pesquisa cobria mais a coisa dos moradores, depois foram... Nesse conjunto, ficaram faltando os lavradores, que seria coberto pela Doris Rinaldi, mas no meio do caminho apareceu uma coisa que me pareceu mais interessante: que eram situações que contradiziam o que seriam esse modelo da *plantation*. Então encontramos, por exemplo, feiras dentro de usinas, ou mesmo dentro de engenhos. Encontramos vilas, e reconhecidas como tais, isso iria frontalmente contra, então Marie France foi estudar um Bacurau, que é uma feira dentro de usina, a Doris Rinaldi, na época foi estudar uma vila que estava dentro de um engenho e, bom, fomos então, seguimos nessa direção e acho que com isso teve uma ideia razoável de como essa coisa funciona. E houve desdobramentos de cada um, desdobramentos tanto em termos de interesse de cada pesquisador como em termos do grupo todo. Beatriz foi estudar as mudanças que estavam ocorrendo na área canavieira

de Alagoas, na área de expansão da cana já naquela época, como Proálcool, aquela história toda; Afrânio e Maria France foram para Paraíba pegar esses pequenos produtores das imediações da *plantation*; e depois, nesse projeto Emprego e Mudança socioeconômica, que foi um projeto já dos meados dos anos 1970, estendemos isso mais ainda, fazendo coisas no Agreste, no sertão do Nordeste. Então, Eliane Cantarino produziu coisas sobre o sertão da Paraíba, Alfredo Wagner e Neide Esterci estiveram no Ceará; Luiz Antônio Machado, que tinha voltado a trabalhar conosco, e o José Sérgio Leite Lopes trabalharam populações urbanas no Recife e em Campina Grande. Então era uma ideia de estender, continuar investindo nessa direção... Então foi a lógica da...

K.K. – E vocês recebiam financiamento também da Fundação Ford específico para o projeto, os alunos tinham bolsas? Como era essa parte de financiamento?

M.P. – Não, quando eu cheguei no programa... Bom, esse período de ditadura não havia concurso público, os concursos foram suspensos, ainda com aquela... Logo no início, logo depois de 1964, daquela ideia de se enxugar a máquina pública, isso e aquilo, sei lá como eles justificavam isso. Então não havia concursos, então havia algumas pessoas que já eram da universidade, não sei em que condição, acho que o próprio Roberto, tenho a impressão que o Matta tinha um vínculo qualquer. Então nós, Francisca, Neuma, eu, o Roger Walker, em certo momento, e depois que terminaram o curso, Lygia, Otávio e tal, nós recebíamos uma bolsa da Fundação Ford, nosso salário era pago por uma espécie de bolsa, era uma bolsa da Fundação Ford, quer dizer, a Ford tinha uma dotação feita ao programa e o programa nos pagava como uma bolsa e essa situação foi até essa época de 1973/1974, quando terminou o financiamento da Ford e aí ficamos um período meio, enfim, acho que tinha um resto de dinheiro, dividiram os pagamentos até que nós fomos em 1975, fomos contratados como CLT no... Dentro do Ministério da Educação tinha o departamento de assuntos universitários, tinha um... [MEC Down], como é que era? Era um programa lá de contratação de professores mediante seleção em um concurso e aí Lygia, Otávio, eu, Francisca, todos fomos contratados, acho que Giralda nessa época também entrou, como CLT, regime que iria mudar nos anos 80 e tal. Então era em termos financeiros... Agora, dinheiro para pesquisa, inicialmente havia esse grande projeto de pesquisa do Roberto e do David que financiava a pesquisa.

M.G. – Que é da Ford também?

M.P. – Da Ford, era Ford. Depois, eu concorri a uma verba individual da Fundação Ford, em 1974/1975 e pleiteei uma bolsa do CNPq. Essa bolsa chegou a ser aprovada, enfim, essa bolsa de produtividade e pesquisa como chama hoje, mas pouco depois nós conseguimos, o programa conseguiu estabelecer convênio com a Finep, e a Finep então começou a bancar o programa, substituir um pouco a Ford e aí passamos a receber pela Finep. No momento que o [MEC Down] nos contratou, então a Finep ficou como uma complementação, até que a situação se regularizasse; em certo momento as complementações foram proibidas então entramos no sistema normal. No que a Finep entrou, eu abri mão da bolsa do CNPq, não cheguei a usar, tive o financiamento da Fundação Ford e logo depois com esse projeto Emprego foi uma coisa que foi negociada em grande parte pelo José Sérgio Leite Lopes e pelo Afrânio, que trabalhavam na Finep, eram alunos do PPGAS que trabalhavam na Finep, e que também tinham contatos em outros... no Ipea e no IBGE, Isaac Kerstenetzky – que tinha sido professor deles, e meu também na faculdade, mas tinha mais intimidade com eles, Isaac estava no IBGE figura realmente de grande descortínio –, e conseguimos então um convênio Finep/Ipea/IBGE/UFRJ e aí foi esse projeto Emprego que durou três anos. Então fomos buscando sempre financiamentos desse tipo, enfim, de onde era possível conseguir.

M.G. – Era o único projeto grande que tinha no Museu nessa época? Ou tinha mais algum outro?

M.P. – Não, mais ou menos na mesma época, o Otávio, associado ao Klaas Wortmann, conseguiram um projeto sobre... Havia um programa de nutrição do Governo e eles conseguiram um projeto que também envolveu vários alunos do programa, que fizeram suas dissertações no Pará...

M.G. – O pessoal que estudou essas áreas de fronteira, não é?

M.P. – Isso, Maria Emília, Tatiana... E o Klaas, acho que nessa época o Klaas foi para Sergipe, fazer o trabalho dele.

K.K. – E Moacir, nesse período, talvez coincidindo com a crise, mas me corrija se eu estiver errada, você também passa dois anos, inclusive afastado do programa, e depois um período de meio período na... Como é que foi essa...?

M.P. – Não, na época da crise, eu não me lembro exatamente, 1973, 1974, não sei, não me lembro exatamente; a saída do Roberto, o Matta assumiu e algum tempo depois tinha esse problema de não termos mais os recursos da Fundação Ford. A Fundação Ford continuou dando dinheiro para compra de livros, mas nas outras coisas ela não renovou, era o que estava previsto desde o início do convênio. Nesse período, o que eu fiz foi: eu dei aula acho que um semestre só, um semestre, um ano, acho que foi um semestre na Ciência Política da UFMG. Então ia segunda-feira, voltava terça e que foi também uma experiência bem interessante.

K.K. – Em 1978 que você vai para a Contag, não é?

M.P. – É. E então já não era nessa época, 1976 houve essa negociação com a Finep do financiamento ao programa e houve esse nosso projeto Emprego e mudança sócio-econômica, Finep/Ipea/IBGE, que foi até 1979. 1978...

M.G. – Você deu aula de quê na Ciência Política da UFMG? Quem é que estava lá, o Fábio Wanderley, quem é que...

M.P. – Os professores eram o Fábio, estava lá...

C.C. – José Murilo já tinha saído?

M.P. – José Murilo, acho que estava saindo assim que eu... Eu encontrei o José Murilo mais em casa. O Fábio e o Antônio Otávio acho que já estava na Fundação João Pinheiro,

mas era professor da casa. Havia na época do Benício, o Benício Schmidt tinha voltado dos Estados Unidos e o Benício estava há pouco tempo. Tinha o Benício, tinha um... Eram três professores que tinham sido formados nos Estados Unidos que estavam aí, Fábio naturalmente...

K.K. – Quem te chamou para ir para lá?

M.P. – Está aí, uma boa pergunta! [risos] O Benício tinha sido colega da Olga, que era lá do Centro Norte-Americano e que foi aluna do programa, era ligado a gente, Olga Lopes da Cruz, e então havia justamente... Mas quem... Acho que foi o próprio Fábio, eles estavam precisando... Eu fui, essa coisa de Brasil, pensamento social e tal, eles estavam... Não sei se quem cobria isso tinha saído, talvez tenha sido até a época do José Murilo, eu sei que eu me lembro muito de conversar com o José Murilo na casa dele, saíamos lá da universidade e íamos bater papo, mas acho que ele ainda estava dando aula. Foi um período curto, mas então eu dei o curso de Pensamento Social Brasileiro. Na época tinha uns cursos de extensão também da Capes, então em um semestre, não sei se um semestre seguinte ou coisa assim eu dei um curso em Minas também, mas aí esse curso de extensão da Capes, que era concentrado em uma semana, coisa assim, então tinha um certo contato e, enfim, tinha um grupo de alunos bem interessante, foi uma experiência boa. Agora, era sempre desgastante, você ficar indo, voltando, dividido. Mas então foi um pouco isso. Como é que nós nos viramos nesse período? UFMG, um semestre; em certo momento, acho que um pouco mais adiante, nós demos um curso na Unicamp, e aí eu já estava cheio de coisas, não tinha como, então eu abri o curso e depois cada semana ia alguém da equipe: Lygia foi, Afrânio foi, Marie France foi e tal. Um curso dado a múltiplas mãos, não é? Então eram expedientes desse tipo.

C.C. –... Esse grupo que participou do projeto lá sobre Pernambuco, área canavieira, eles eram todos orientandos seus, ou não?

M.P. – A maior parte sim. Rapidamente... Eu acho que dei aula... O primeiro ano que dei aula no programa foi em 1970 e aqui, já nesse grupo, o Cardoso estava saindo já em 1971, então minha primeira orientada foi a Margarida Moura. A Margarida quis estudar

Minas Gerais, então foi realmente uma primeira experiência de orientação...

C.C. – Vale do Jequitinhonha, não é?

M.P. – Não, não, não, era aqui no Sul de Minas, Vale do Jequitinhonha foi o doutorado dela em São Paulo com o Martins, já foi outra coisa. Acho que foi com o Martins que ela fez. Ela queria ser orientada pelo Roberto, Roberto estava saindo, estava inscrita como orientanda do Roberto, então ele me passou.

K.K. – Antes de você terminar o doutorado já podia orientar...

M.P. – Não, não, aí já em 1971, início de 1971 eu defendi. Então eu dei aula, devo ter dado o primeiro curso em 1971, segundo semestre de 1971, e ela deve ter defendido em 1972/1973. Mas no que eu entrei logo tive dois orientados, um argentino, de um grupo de argentinos aí que era o Luis María Gatti, que começou a trabalhar com sindicatos nessa área e a Vera Echenique, que trabalhava com resolução de conflitos e essa que eu disse que é uma espécie de coorientação com Shelton Davis. E então foram os primeiros a ir a Pernambuco, já estávamos eu, Lygia – que tinha a pesquisa dela, já estava envolvida no projeto do Roberto antes da minha chegada – e logo depois chegaram Beatriz, Afrânio e José Sérgio, que passaram a se orientar comigo e ingressaram aí na.... Então esse foi um primeiro grupo.

C.C. –Você já era casado nessa época com a Lygia?

M.P. – Eu comecei em 1970, eu comecei a viver com a Ligia.

K.K. – Ela não foi sua orientanda de doutorado?

M.P. – Não, não, não. Não, isso não.

K.K. – Não, porque o Celso perguntou isso, desse grupo, se todos eram seus orientandos, quer dizer, ela não era.

M.P. – Não, não, ela não. Ela era orientada do Maybury-Lewis. E então por isso que eu disse, ela já estava, ela tinha um grupo que tinha se inserido em um projeto do Roberto Cardoso no Nordeste, e estava Rosilene Alvim, que foi para o Cariri cearense, a Andréa Loyola que naquela época não me lembro para onde... Estava se encaminhando para Pernambuco, ela, Lygia, e tal, tinham estado em Pernambuco, estavam muito entusiasmadas, a Lygia acabou ficando interessada na área canavieira e havia gente, havia dois cearenses que acabaram trabalhando no próprio Ceará, tinha outros na Paraíba, o pessoal estava distribuído. Eu devia ter operado como uma espécie de coordenador de campo, mas no momento de início da pesquisa de campo, eu não estava aqui, estava na França ainda. Quando voltei, fazia um pouco, mas era mais a articulação burocrática e logo percebi que era bem complicado, tinha pessoas com bem mais experiência do que eu, caso da Neuma, que já tinha a essa altura, tinha feito há muito tempo doutorado nos Estados Unidos, o Roger, que eu mal conhecia, Stella Amorim também, mais experiência do que eu, estava na Paraíba. E então o que eu fiz foi um pouco ir separando um grupo, formando um grupo para estudar a área canavieira de e aí o resto era conversa com os colegas e tal, um período que o Roberto Cardoso estava nos Estados Unidos tinha um pouco que coordenar as ações, resolver problemas de densidade de pesquisa e tal, então a coisa foi nessa direção. Então a Lygia, que já estava mais interessada na área canavieira, se integrou neste projeto que eu estava propondo, então foi esse o esquema. Aí entraram meus orientados, essa primeira leva de orientados, depois em 1974, quando eu consegui esse financiamento da Ford, eu puxei mais um grupo de estudantes, Leilah Landim e Doris Rinaldi estavam trabalhando comigo, e pessoas que não estavam vinculadas à minha pesquisa, que acabaram me ajudando, orientadas de outros professores, que acabaram me ajudando num *survey* que eu fiz lá nas feiras, mas essas não eram orientadas, enfim, a presença delas foi uma coisa rápida e etc. Então foi um pouco isso, foram algumas gerações, algumas levadas de pesquisadores.

M.G. – A Giralda tinha um curso diferente?

M.P. – Não, a Giralda tem uma trajetória muito especial. Giralda veio da arqueologia, não é? Veio da Arqueologia, depois tinha uma formação em Antropologia diferente da minha, da Arqueologia foi para Antropologia, tinha uma formação boa em Antropologia biológica,

investiu pesado nessa coisa da Antropologia social, dá um peso muito grande a coisa da história e tal e em determinado momento, o Otávio sugeriu que os três trabalhássemos com camponeses, inclusive que começássemos a interagir mais e a partir daí, Giralda realmente é uma excelente colega e de vez em quando estamos dando cursos juntos e coisas desse tipo.

C.C. – Otávio depois se afastou dessa área de estudo sobre campesinato...

M.P. – Depois de alguns anos, sobretudo anos 1980, ele começou a trabalhar mais na área de religião e se afastou um pouco, mas recentemente ele esteve na área que ele estudou no Pará e acho que nunca se desvinculou inteiramente, acho que continuou orientando...

C.C. – Mas vocês não trabalharam juntos mais em projetos?

M.P. – Não, não, não. Projetos em comum não. Porque, quer dizer, esse projeto do Roberto Cardoso, estávamos ele no Brasil Central e eu no Nordeste e tal, mas ele estava ainda terminando o mestrado, depois fez a pesquisa dele, foi para Inglaterra, voltou e tal, então mantínhamos um diálogo muito grande, havia nesse período o projeto Emprego, não é, o diálogo dos pesquisadores desse projeto dele, da nutrição e dos pesquisadores nossos do projeto Emprego era grande, vários, inclusive, são amigos até hoje, então aí o diálogo se colocou em novos termos.

C.C. – A Lygia, depois ela foi estudar barragens, não? Impacto em projetos. Isso foi mais tarde?

M.P. – Isso foi mais tarde, anos 1980 já.

K.K. – Em 1978 então, você vai para Contag. Como que é essa decisão?

M.P. – 1978... Não, deixa eu lhe dizer, aí tem várias coisas, não é? Quer dizer, como houve essa história da Contag? Eu tinha chamado atenção que uma das minhas

motivações para essa área de Ciências Sociais era motivação política, enfim, eu sempre fui muito vinculado à política, essa coisa mesmo de família de políticos, esse negócio todo, e depois da experiência de política estudantil e todas as leituras e tal, então havia esse interesse. Havia uma preocupação grande minha, acho que todos esses colegas que eu já mencionei e tal, com, primeiro, se fazer alguma coisa que pudesse resultar na redemocratização do país. Depois da ditadura, a ditadura inclusive, acho que no fundo mexeu com a vida de todo mundo, quer dizer, projetos e além dos projetos coletivos, projetos individuais de todo mundo. Eu, por exemplo, estava querendo voltar para o Nordeste, essa história toda e tal e acabei me redirecionando. E também havia um grande projeto de transformação social, todos nós imaginávamos ou pensávamos na revolução, não na revolução dos militares, mas na revolução social, regime socialista que não tivesse os problemas de alguns dos regimes que a gente conhecia, mas estávamos todos envolvidos nisso, a referência teórica do marxismo era extremamente importante e então esse interesse político era muito grande. Eu, na minha experiência de campo em Pernambuco, para mim foi muito importante porque eu, de repente, me defrontei com o movimento sindical que se imaginava não existisse mais, que tivesse se liquidado, ou que fosse apenas um arremedo de movimentos, fosse algo do tipo do... Alguma coisa daquilo que se descrevia sindicatos operários da época do Estado Novo e tal. E acho que a Lygia teve a mesma impressão... Antes, ela esteve lá nesse período, nesse *survey* que foi feito antes de mim e foi uma surpresa você encontrar camponeses, quer dizer, alguns sindicatos muito ativos, uma federação de trabalhadores na agricultura atuante, a Fetape, não é? E, sobretudo, em um período de repressão enorme, uma coisa que era impensável na cidade, era encontrar 200, 300 ou mais camponeses na porta da Justiça do Trabalho exigindo direitos. É o pessoal enfrentando assassinatos, pessoal entrando lá em conflitos... Dimensões grandes e que eram absolutamente censurados pela imprensa, eram conflitos que vinham de antes de 1964 e continuavam em curso, quer dizer, o golpe militar não conseguiu mudar a dinâmica social, então essa coisa continuava existindo, então, o que é isso? Foi realmente uma grande surpresa. E a disposição do pessoal, os sindicalistas, que entrando em fazendas, tendo que enfrentar a capangagem, de vez em quando um sendo preso, o pessoal sendo chamado o tempo todo lá pelo Quarto Exército para dar depoimentos, fechavam sindicato, abriam sindicato, então havia uma luta muito mais intensa e que eu fui me convencendo que isso, quer dizer, essa luta tinha mais, digamos assim, abria mais perspectivas do que, por exemplo, a guerrilha urbana, que até então eu achava que era a saída,

enfim, a guerrilha de um modo geral, a luta armada e tal. Então o pessoal em plena ditadura estava reagindo com sucessos evidentemente pontuais, era uma situação extremamente difícil, tomei conhecimento dessa luta. E realmente fiquei, quer dizer, me senti muito envolvido e todos que iam ao campo ficavam muito envolvidos com isso. Realmente foi uma descoberta. Eu acho que você estava falando do Afrânio há pouco, não é, do Afrânio, Beatriz todos... tiveram de repente uma bela surpresa de ver que essa coisa não estava morta, que havia, entende? Luta e tal. Então houve uma aproximação sucessiva desse pessoal. Bom, uma coisa que me chamou muita atenção era o seguinte: a Federação dos Trabalhadores na Agricultura não admitia acordo feito no sindicato. Era uma questão de princípio, era contra acordo, mesma na justiça, e de jeito nenhum acordo feito antes da questão judicial. Isso era uma orientação da... Eu estive no município em que o sindicato fazia acordo no sindicato e que era um dos sindicatos mais combativos na época. Era o sindicato de Carpina, Pernambuco. E, então, eles não aceitavam isso e um dia me levaram para ver o que era isso. Olha, era uma coisa impressionante, porque era um tribunal popular, era uma reunião de conciliação no sindicato. Primeiro, quem presidia o sindicato dos trabalhadores, era o presidente do sindicato, que tinha uma posição... Pouco tempo antes tinham derrubado o pessoal mais conservador, então o presidente do sindicato que presidia. Então o patrão comparecia, às vezes com seu advogado, às vezes ia tão confiante que ia sem seu advogado e os trabalhadores iam... Bom, e então eles chamavam todo mundo, mobilizavam o pessoal nas pontas de rua, nos engenhos, então enchiam o auditório do sindicato. E a coisa virava uma espécie de julgamento público do patrão. Então o efeito político da coisa era realmente outra coisa. Me lembro depois eu conversando com o pessoal da confederação e o pessoal: “Não, mas não pode fazer acordo”. Os caras conseguiam com isso e o sindicato então tinha uma legitimidade e isso era motivo, quer dizer, havia uma espécie de humilhação pública do fazendeiro. Se dizia tudo que se tinha que dizer, “Ah, fez isso, botou seu fulano para fora, não pagou os direitos” e geralmente não se chegava a acordo nenhum, então o cara estava tão mal que para não ir para justiça fazia um acordo favorável, mas fundamentalmente eram sessões em que o patrão virava réu, então experiências desse tipo realmente foram marcantes e... Bom, essa ida e vinda havia um cuidado muito grande nosso porque nesse período fazer trabalho de campo era complicado. Então nós tínhamos um esquema...

K.K. – Em que sentido, Moacir, assim...?

M.P. – Porque havia história, quer dizer, primeiro havia alguns grupos que estavam deslocando militantes para fazerem, enfim, virarem agricultores, para fazerem um trabalho político de outra ordem, não é?

K.K. – Você podia ser confundido com...?

M.P. – Sim, havia isso, então na cidade...

C.C. – Havia uma repressão muito forte policial?

M.P. – Havia vigilância. Havia vigilância policial. E tinha os esquemas de repressão locais, então é delicado... Depois, nossa preocupação era com o material de campo; você fazia a entrevista, às vezes gravava, você podia estar complicando a vida do pessoal. Então, periodicamente, nós juntávamos esse material, um saía e tinha uma pessoa em Recife, que era uma prima da Lygia, que então pegava esse material e esse material vinha pro Rio. Então os próprios diários de campo, quer dizer, não tinha aquela coisa... Tinha que ficar garantindo. Houve situações em que nós saímos, no dia seguinte baixou o DOPS, estávamos numa pensão de freiras lá, era um antigo colégio, não era uma pensão, era uma espécie de um convento, um pensionato. E aí criaram um problema, me telefona o presidente do sindicato: “Está havendo isso.”. E aí eu tinha deixado uma credencial, acho que ele tinha perdido, não tinha tirado cópia, pede para mandar uma credencial, mando, e então havia uma preocupação grande com a coisa das credenciais para não... Porque isso podia repercutir em cima do próprio pessoal, além do, digamos assim, risco do pesquisador, mas o mais grave era o risco de quem estava lá. E então eram situações do interventor de um sindicato que estava sob intervenção, um belo dia nos procurou no hotel. E uma informante tinha vazado lá coisas para ele e tal e o cara... E aí ela apareceu, meio encabulada no hotel e coisa, e aí o cara se encaminhou e aí quando ele aproximou, ele perguntou: “Seu fulano? Não é fulano?”. Aí que eu disse, eu sou da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma coisa assim, ele puxou uma coisa, “Eu também sou federal!” [risos] O interventor se entregou! Não era só interventor do sindicato, era da polícia federal. E aí foi aquela coisa meio tensa, isso e aquilo, e aí nos

convidou para... Lygia e a mim para irmos ao sindicato, não sei que, fomos fazer entrevista com ele um dia. Então essa coisa era complicada, você tinha que fazer as operações...

K.K. – Interessante, não é? Comparando assim, o Roque Laraia contando para gente, mais alguns anos antes, claro, que ir para o campo para ele era praticamente o oposto do que você está contando, quer dizer, era um isolamento era uma proteção quase que com liberdade total, no caso dos etnólogos. E você está contando um contexto um pouco mais tarde, mas... Ir a campo é politicamente perigoso, até.

M.P. – E essa é uma área que era especialmente quente, não é? Era a área que antes de 1964 era a área das Ligas Camponesas, área dos sindicatos mais atuantes, era, enfim, era onde o Arraes tinha uma popularidade extraordinária...

K.K. – Talvez Pernambuco fosse especialmente caldeirão de...

M.P. – Ah, especialmente sim. Isso, isso.

K.K. - Agora, você mencionou um pequeno hotel. Vocês chegaram a ter experiências de imersão completa, assim de ir morar com os próprios... Ou era sempre uma base municipal e vocês se deslocavam?

M.P. – Não, não.

C.C. – Vocês quem que você está falando? Equipe de pesquisa ou...?

K.K. – Equipe de pesquisa.

M.P. – A coisa foi diversificada. Meu caso, a coisa era especialmente complicada; primeira vez que eu fui ao campo, eu tinha um irmão preso, que depois, enfim, por ter tido uma liderança estudantil, essa coisa toda, tinha essa coisa visada. Então havia uma preocupação de eu não comprometer as pessoas, então eu sempre hospedei...

K.K. – O que você chama da sua primeira vez ao campo?

M.P. – Final de 1969, foi ainda...

K.K. – Não o campo da Bahia. Da Bahia você considera...?

M.P. – Não, o campo da Bahia foi pré-64. Não, não. Essa primeira ida ao campo já no esquema do Museu, do projeto e tal. Então, tinha essa história. Não tinha a pretensão de, evidentemente, acontecer se chamarem, passar uma noite e tal, mas em princípio, acho que o próprio pessoal devia, porque alguns... Não sabia se o pessoal me identificava ou não, mas essas coisas são depois que alguns se tornaram meus amigos já sabiam quem eu era e enfim, qual era... Então tinha esse lado. Então geralmente pegava pequenos hotéis que existiam na cidade, sempre pequenos, eram os hotéis das cidades ou no caso lá de Carpina, que foi um dos lugares que nós estudamos, tinha essa espécie de pensionato de freiras, que aí realmente, quer dizer, em termos assim de você ficar e tal era ótimo, quando você queria escrever alguma coisa, era uma tranquilidade. O pessoal, eu digo: o pessoal da igreja se cuida, sempre lugares ótimos, uma área muito arborizada, muitas mangueiras... E então, foi um pouco essa história, hotel ou eventualmente pensionatos como esse. Agora, eu estava falando disso, mas você tinha perguntado como eu cheguei na Contag. Então, quer dizer, eu fui desenvolvendo um tipo de... A própria realização de pesquisa, esse tipo de área, em geral, é difícil você entrar numa sociedade estratificada sem entrar pelos dois lados ao mesmo tempo. Então nós optamos entrar pelo lado dos trabalhadores e a gente foi criando uma certa convivência. Então eu cheguei a ajudar, tinha antes dessa área de Carpina, antes dos trabalhadores retomarem sindicato, tinha uma cooperativa, então aconteceu de precisar alguém para substituir o estagiário lá, o funcionário que fazia alguma coisa na cooperativa, fiquei na fazenda. Enfim, tinha o presidente do sindicato, tinha uma casa na periferia, sempre me levava para jantar com ele. Depois o presidente da cooperativa na época, o secretário. Então circulava ali entre eles, foi criando amizade, confiança em situações de... Logo que eu cheguei, me lembro, a primeira ida para visitar fazendas e tal, estava com o então secretário da cooperativa, que hoje é funcionário da federação, e um granjeiro lá foi extremamente agressivo com o cara e o cara tentava ter o meu acordo com as coisas que ele estava dizendo

e eu fiquei na minha e ele: “Não, o senhor não concorda?”. Eu disse: “Não sei, não conheço”. Mas ficou claro que eu estava me identificando com esse trabalhador que estava me levando e ele realmente ficou muito tocado com aquilo e até hoje é meu amigo. Então foi havendo esse tipo de aproximação. E nisso também nós fomos vendo... Conhecendo melhor o pessoal que estava na federação, sabendo um pouco da coisa do movimento e tal. Depois de um certo tempo, o José Francisco da Silva, que era presidente da Contag, encontrou com uma das pesquisadoras nossas, que era a Vera Echenique, e disse que tinha interesse, já tinham me dito para procurá-lo, isso e aquilo, mas a Contag nessa época estava indo para Brasília, já não... E disse que tinha interesse de conversar com a gente e tal. Então na ocasião ele veio ao Rio, começamos a conversar, e sempre que vinha ao Rio, tínhamos conversas, fui apresentando as outras pessoas da equipe, às vezes ele se hospedava lá em casa, então foi havendo esse tipo de aproximação, não é? Essa discussão foi se estendendo até um determinado momento que ele perguntou se eu não gostaria de trabalhar lá. Então pensamos e tal e achei, achamos – não eu só – que valeria a pena, que seria... Acabou que a Vera, essa minha aluna, minha amiga, foi antes e eu só iria com o primeiro convite em 1974, 1975, uma coisa assim. Aí depois me convidaram em 1977, porque estavam começando a dar uns cursos para formação de dirigentes e delegados sindicais no Brasil todo. Estavam criando um centro de formação sindical, queriam que eu fosse, essa história, eu estava direcionado para esse curso. E aí negocieei lá as condições, como é que seria isso e aquilo e então tirei uma licença de dois anos lá da universidade e fui. E a Lygia, que era casada na época, Lygia se licenciou também, tirou uma licença no programa e ficou dando aula na UnB. E sempre também atuou muito no assessoramento da coisa. E aí foi uma experiência de outra ordem, realmente, e que acabou sendo importante para a coisa acadêmica posterior, mas ali era, quer dizer, eu não estava atuando, de vez em quando me convidavam, não, como é que é? Coisa de antropólogo, trabalho de antropólogo fora da academia. Eu não estava fazendo trabalho de antropólogo [riso], eu estava fazendo um trabalho político, que nome se dê, não era político partidário, mas era um outro tipo de intervenção. Eu virei assessor... Claro que usava conhecimento, mas era uma coisa diferente, não é a mesma coisa. E então mantive essa separação, me desdobrava porque tinha ainda alguns orientados aqui e depois de um certo tempo optamos por voltar, já em meados de 1980, e aí eu fiquei num regime de meio tempo, fiz um acordo com a universidade, eu ficava em princípio, 15 dias em função da universidade, 15 dias lá nas coisas da Contag.

[FIM DO ARQUIVO 2]

K.K. – Não, é porque ele fez uma imagem e não queria que gravasse, entendi.

M.G. – Ah, tudo bem.

K.K. – Não gravou.

M.G. – E agora?

K.K. – Fala, Mário.

M.G. - Tem que falar...

K.K. – É, 7 de outubro, terceira parte, entrevista Moacir Palmeira. Estamos fazendo isso por causa da gravação, está? Para não confundir. Terceira parte, terceira etapa, 7 de outubro, Moacir Palmeira.

M.G. – Eu ia.... eu tinha.... só para

M.P. - poderia só para explicar a coisa, por que algumas das coisas estão ficando meio interrompidas, não sei se vai ser útil, mas... Então, essa experiência, quer dizer, eu...

C.C. – Da Contag, não é?

M.P. – Da Contag.

M.G. – Era sobre isso mesmo que eu queria perguntar, porque você tem vários daqueles... Dessas pessoas que trabalharam no projeto, enfim, vários que foram formados por você, foram trabalhar em assessorias de movimentos sociais, o Afrânio foi para a Fetage aqui no Rio de Janeiro, a Leilah, que você cita, trabalhou muito nessa área, depois enfim, no que

vieram a ser as ONGs, enfim, tiveram um papel importante. Podia falar um pouquinho sobre isso?

M.P. – Não, pois é, havia, nessa história, quer dizer, já antes mesmo de nós entrarmos para Contag, eu estava dizendo aqui, os pesquisadores que iam para as áreas acabavam se envolvendo com isso. Era uma frente, quer dizer, era uma frente política, não política no sentido partidário, uma frente de lutas sociais... Coisa que, digamos assim, coisa que, é... Acabava envolvendo todo mundo. A Leilah fez a dissertação de mestrado dela sobre uma cooperativa, uma cooperativa de trabalhador, uma coisa assim, enfim....E nessa coisa, quer dizer, quando chegava a época, já no final dos anos 1970, início dos anos 1980, começaram, foram retomadas, quer dizer, houve a greve de 1979, não é? Em 1980 já foi uma greve geral dos canavieiros, e então as pessoas se dispunham, se ofereceram para ajudar. Nessa época a Contag adotou uma estratégia que me pareceu muito inteligente, não é? O que ela fazia é o seguinte: a Federação de Pernambuco era muito boa, não é, a Federação do Rio Grande do Norte, mas havia outras Federações que eram meio problemáticas e a Contag atuava muito valorizando os sindicatos mais engajados, às vezes “sanduichava” a Federação e depois os recursos eram poucos, tinha uma série de coisas, então o que a Contag fazia era que nesses grandes movimentos, seja nos movimentos grevistas no Nordeste, ou depois em Minas Gerais, em São Paulo, aqui no Rio, etc., o Movimento dos Pequenos Produtores, a diretoria, boa parte da diretoria da Contag, dos assessores, todo mundo descia para atuar ali no lugar, entende? Colaboradores, isso e aquilo. Então era como se concentrasse todas as forças da entidade num determinado ponto, e a coisa funcionou. E então, por exemplo, sobretudo na coisa das greves, as primeiras greves eram feitas de acordo com a Lei de Greve da ditadura, que tem um procedimento extremamente complicado e havia necessidade de algum tipo de intervenção, de algum tipo de assessoramento intelectual, não é? E então essa era uma discussão complicada porque muitas vezes os próprios assessores locais não conheciam direito aquele negócio das tarefas, do sistema de tarefas e a coisa da remuneração, enfim, não tinham parado para pensar nisso aí. Os trabalhadores, evidentemente, sabiam, mas na hora de argumentar intelectualmente, aí éramos nós, enfim, foi Lygia, foi Afrânio, foi Zé Sergio, foi... Beatriz como era estrangeira, trabalhou mais na retaguarda, nós, então, íamos para a mesa de negociações, depois outros assessores do próprio movimento, mas que tinham uma formação profissional boa, como era o caso do Reginaldo Muniz, além dos

advogados, então nós é que íamos fazer a argumentação técnica e aí foi necessário também um certo investimento intelectual de ler coisas sobre o sistema de ruas que estavam inventando na coisa da cana de São Paulo, os usineiros estavam implementando, então nós tínhamos que destruir essa argumentação, então... Aí era uma coisa que não era só, digamos assim, política propriamente dita, mas envolvia um trabalho intelectual. Como nós tínhamos, digamos assim, um grupo relativamente grande de pessoas que faziam trabalho intelectual, então essas pessoas podiam ajudar, então se multiplicaram as campanhas salariais, aí, por exemplo, em certo momento você tinha, mais ou menos em uma época de campanha você tinha grupo em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. Então, por exemplo, ia um grupo para Pernambuco, um grupo ia para o Rio Grande do Norte, uma vez eu fui levando uma economista e não me lembro quem foi comigo, um dos outros... Então distribuíamos esse pessoal, e outros que se juntaram, para assessorar essas Federações, então era essa um pouco a lógica. Então eram pesquisadores que, digamos assim, que partilhavam um pouco os mesmos valores que nós ou que ficaram, realmente se sensibilizaram por essa experiência política dos trabalhadores e que resolveram dar um retorno, não é? Então já vinha esse esquema. E alguns deles se envolveram mais e houve casos como o do Afrânio Garcia que se tornou assessor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio de Janeiro, a Eliane Cantarino também foi uma pessoa que atuou muito nisso, então essa foi uma...E tudo isso, quer dizer, o lado, do lado propriamente acadêmico era que essa coisa pegava, tudo isso foi também material para a gente refletir sobre isso, o que é isso. Uma ocasião você partilhou comigo isso, tivemos aquele encontro, digamos um seminário, que depois foi uma coisa lamentável, esse material acabou não sendo publicado, fizemos o seminário sobre conflitos no Rio de Janeiro, que foi 1976, eu acho... Não, mais perto já...

M.G. – Não, foi mais perto, 1976 eu estava na graduação...

M.P. – 1976 não, 1986, não, o que é isso...

C.C. – [risos] Confessa, Mário....

M.P. – Não, isso foi final dos anos 80...

M.G. – Foi, foi final dos anos 80...

M.P. – Então juntamos pessoas, quer dizer houve um investimento, pessoas estavam investindo em pesquisas no Rio, na época Eliane, que já fazia pesquisa há muito tempo, a Delma, a Doris, que já tinha trabalhado em Pernambuco estava também investindo aí, Maria Hortência Macedo também tinha estado nisso, a Nina, Nina Braga também estava, então conseguimos juntar esse pessoal para apresentarem seus trabalhos e chamamos pessoas que não tinham necessariamente a ver com isso...

M.G. – O Matta foi debatedor, não é?

M.P. – Peter Fry, o Roberto DaMatta, etc., para serem debatedores, então...

M.G. – Que também destruiu o... [risos]

M.P. – É... foi uma experiência extremamente interessante.

K.K. – Quem destruiu?

M.G. – O Matta.

[risos]

M.P. - Depois tentamos editar, mas isso aí, cheio de problemas, acabou esse material ficando lá.

C.C. –Você já falou bastante das circunstâncias e da motivação que te levaram para essa área de estudos de camponeses, mundo agrário e tal, e tem uma influência recíproca, dialética talvez, não é, entre interesse acadêmico e militância política que se relacionou, por exemplo, com um contexto já pós-utopia da guerrilha urbana mas o interesse por uma outra militância que se conhecia no campo, até foi uma surpresa, e tal. Bom, 20 anos depois, você está à frente de um outro grande projeto de pesquisa que está envolvida com a

criação do NuAP, do Núcleo de Antropologia da Política, aí já mais de uma década após a transição para um governo civil. Como é que você situaria esse teu interesse nessa época, no NuAP? Você vê mais continuidade ou mais mudança? Tanto de motivação e circunstâncias quanto de projeto acadêmico ou político, eventualmente?

M.P. – É, não, acho que houve mudanças em várias frentes, não é? De um lado, quer dizer, essa coisa, você falou do NuAP, esse projeto nosso agora em torno do agronegócio, quer dizer, o NuAP, que foi um núcleo que foi construído, mas não é um projeto estrito de antropologia política, antropologia da política. Não, criamos esse núcleo, surgiu essa possibilidade...

C.C. – Com o edital do Pronex, não é?

M.P. – Nós tivemos esse Pronex que foi de 1990 e... Final de 1998, não é?

C.C. – 1996? Começou em 1997? Ou em 1997...

M.P. – O nosso foi assim, segundo Pronex, começou em final de 1998 e foi até 2004, não é? Não, aí já foi... Só pra historiar isso. Antes de nós chegarmos ao NuAP, a essa experiência da coisa de estudar política e tal foi ainda... Essa é uma das coisas que eu devo a essa experiência na Contag. Eu estava dizendo a vocês que na Contag, além do trabalho propriamente de ajudar a diretoria a articular coisas, nós tínhamos esse trabalho que era considerado um trabalho pedagógico de treinar, de dar, digamos assim, uma espécie de formação sindical, política sindical mínima a dirigentes de sindicatos e a delegados sindicais, não é? A ideia era de valorizar a base, não é? Renovar as federações e tal. Então era um curso de 20 dias que eram dados na sede, no centro de treinamento que a Contag tinha construído em Brasília e então nós ficamos tempo integral com os assessores, nós dormíamos lá e tal, pedíamos licença à família, eram 20 dias, assim, de interação completa com esse grupo. Então eram cursos, aulas durante o dia, seminários e até jogos, isso e aquilo, e às vezes ainda à noite uma cerveja, para aqueles que dormiam mais tarde, nós ficávamos conversando e tal. E a ideia é que esse pessoal, quer dizer, faziam esse curso, depois, voltando aos seus municípios – essa era a ideia do curso – que eles aplicassem determinados princípios. De

algun modo isso interferisse no seu modo de agir sindicalmente. E aí... Bom, o diálogo com o pessoal e os resultados disso aí, me despertaram uma enorme curiosidade intelectual, não é? Primeiro ficou claro para mim um certo modelo pedagógico da prática política, que era uma coisa que já estava de algum modo formulado, que era uma coisa da Igreja, aquele negócio de você... A coisa da palavra, essa pedagogia da palavra, e... Então o que é que acontecia? Depois das primeiras turmas, ao invés de o dirigente ou de o delegado sindical voltar para sua área e, sei lá, partir para organizar uma greve, um movimento lá para embargar tal obra ou exigir tal direito, o que fosse, não, ele repetia o curso, entende, em uma outra escala, com os meios de que ele dispunha, com os próprios meios intelectuais de que ele dispunha, ele pegava aquele curso e passava adiante. Então é como se... Essa coisa de que aquele conhecimento, sendo transmitido, você estaria mudando as pessoas. E me lembro que na época eu escrevi um “paperzinho” sobre isso para lançar a discussão de que a liderança... Que eu estava achando que a coisa iria naquela... Eu percebi que a mecânica era essa. Me pareceu que era muito mais importante do que os conteúdos que nós passávamos para os caras, não é, naqueles 20 dias, era aquela situação, aquela espécie de parênteses na vida deles, eles ficarem 20 dias em uma situação totalmente fora do cotidiano deles e às vezes o sujeito voltava e se considerava titular, digamos assim, titulado, e então ele era secretário do sindicato, e então depunha o presidente porque agora ele tinha sido treinado. Eram coisas desse tipo. Ou então o cara chegava meio que a fundir a cabeça, a cuca, como a gente dizia na época, não é? Era uma situação muito... Então a repercussão, os primeiros sinais – alguns estados vendo como a coisa vinha sendo encaminhada – mostraram que essa coisa dos efeitos indesejados e tal era realmente... Enfim, tinha que se pensar sobre isso. E, ao mesmo tempo, depois, 1979, por aí assim, se introduziu, estava um pouco... Começou a abertura, essa história toda, não é? E no início dos anos 80, tem essa história da perspectiva de eleições, então havia uma disciplina lá que era mais política, uma discussão político-sindical e tal, e nisso houve situações, assim, que foram muito curiosas. Talvez tenha contado a vocês: numa delas, um dirigente sindical maranhense que tinha enfrentado uma situação terrível, inclusive estava envolvido em um conflito com a família Sarney e, enfim, era uma coisa complicada e, em determinado momento... O que é que nós fazíamos? Tinha a aula e depois tínhamos as reuniões com as bancadas de cada estado. Nas reuniões com as bancadas, conversando, eu comecei a fazer umas perguntas a ele e daqui a pouco vi que os outros começaram a rir, uma coisa meio debochada... Aí eu

disse: “O que é que há?”, não sei o quê. Disseram: “Esse cara é um sarneyzista doente”. Eu virei para eles e disse: “Mas vem cá...”, aí ele ficou sem graça: “Ué, como é que é isso, companheiro?”. Ele disse: “É doutor, é que Sarney é a cachaça do Maranhão”. Então o cara tinha tido, enfim, enfrentamentos armados com pessoas que seriam vinculadas à família Sarney, situação que era muito dramática, mas na hora de votar, votava no Sarney, Sarney era a cachaça dele. Então eram coisas desse tipo, foi uma sequência de situações, ou dirigentes sindicais que tinham discurso ideológico articuladíssimo e você chegava na base dele o trabalho – aqui no Rio temos vários casos desses –, o cara, enfim, fazia um belo discurso e votava no MDB e tal, participava de manifestações, mas na hora do enfrentamento, digamos assim, embaixo... E outros que eram, digamos assim, mais conservadores e isso e aquilo, e que enfrentavam – às vezes, houve casos até de enfrentarem o exército – enfim, um cara que você não dava nada por ele, era considerado conservador, se opunha à coisa, mas... Então essas coisas foram... Enfim, pra mim eu fazia uma espécie de diário de campo, então, em determinado momento, já em 1986, – antes, 1986 foi a eleição.... A eleição para a Constituinte foi em 1986, não é? – houve a tomada de posição do movimento sindical de lançar candidatos à Constituinte, foi uma coisa extremamente complicada porque havia muita gente que se opunha a qualquer envolvimento desse tipo, foi uma discussão muito forte dentro do movimento, as pessoas que estavam mais ligadas, eu mesmo, éramos contra, mas essa coisa, enfim, era maioria, foi... E o movimento, no momento em que se tirou essa posição, houve um empenho muito grande de norte a sul e tal, e reuniões, e o cálculo que se fazia era que determinadas figuras seriam eleitas para a Constituinte Federal e as Constituintes Estaduais. Por uma série de razões, alguns inclusive eram lideranças que tinham expressão além dos sindicatos e isso e aquilo. Quando se viu o resultado, não se elegeu ninguém. Houve um, no Rio Grande Sul, mas esse já era político, no interior do Rio Grande do Sul que se elegeu deputado constituinte, esse já tinha uma carreira de vereador, disso e daquilo. Depois houve uma grande reunião de avaliação e essa grande reunião, que eu quase taquigrafei, a argumentação, a tentativa de entender essa derrota foi o que me levou a entrar na história do estudo da... De tentar fazer um estudo antropológico da política e tal. Porque havia coisas desse tipo, o sujeito ao mesmo tempo estranhava, dizia: “As nossas reuniões eram as maiores!” e isso, e aquilo. Ele dizia: “Eu não entendo como é que não conseguimos a maior votação?” E até um sindicalista de São Paulo que tinha sido candidato a deputado federal e estava lastimando a atitude de um outro sindicalista que tinha lançado o nome

dele, foi quem mais batalhou pelo nome dele na Assembleia Estadual, e na assembleia dos sindicatos lá, fizeram uma reunião ampliada do conselho da Federação, ele não queria ser candidato, e o cara: “Não, tem que ser, tem que ser, e nós vamos...”. E esse cara não conseguiu, mas foi uma votação no município desse dirigente, uma votação ridícula. E então ele ficou magoado mas ao mesmo tempo ele dizia que entendia as razões do outro, porque logo depois da assembleia, quando ele chegou no município, estava esperando por ele na rodoviária o chefe político com quem ele tinha um compromisso e aí me deu o estalo que “compromisso”, essa noção de compromisso, compromisso é a coisa individual. Bom, Vitor Nunes, a cabeça do compromisso coronelista; compromisso envolve pessoas, envolve coletividades, então uma coisa... Então aí começou, aí eu resolvi partir para esse estudo, a pesquisa em que Beatriz depois se juntou a mim, que era Concepções de Política e Ação Sindical, e aí começamos a acompanhar processos eleitorais, a ver essa coisa do que significava o tempo da política e tal. E na época do PRONEP, quer dizer, aí já foi uma associação com Mariza Peirano em Brasília, que estava mexendo com algumas coisas próximas, a preocupação dela com documentos e pessoas que trabalharam com ela como Carla e outras; e professores lá do Ceará que também, em uma ótica diferente, estavam também envolvidos com isso. Aí é que veio a história da criação do NuAP e desse investimento, desse investimento mais amplo na política não é? E que depois juntaram... Pessoas não estavam vinculadas nesse tipo de orientação e outros, foi o caso de Karina, que Mariza tinha uma relação forte com... Mariza que se juntou à gente e outros de outros estados, outros lugares. Então, a coisa veio um pouco por aí. Então houve uma ponte, quer dizer, eu não sei se eu não tivesse, quer dizer, eu já tinha dito desde o início da carreira tinha um interesse na coisa política. Mas quando eu voltei, essa coisa estava completamente modificada, a primeira monografia que eu fiz é sobre banditismo político em Alagoas. Hoje eu tenho dificuldades, quer dizer, eu não tenho nem ela completa, preciso... Mas, quer dizer, a ponte é muito frágil, porque essa monografia foi montada nesse diálogo com Vitor Nunes, com Maria Isaura, com isso e aquilo. Quando eu parti para essa coisa da política a minha ideia – e você tem realmente coisas, tem uma literatura importantíssima – é que essa literatura me daria, digamos assim, os elementos para entender essas coisas que eu disse que vi acontecerem nessa tentativa da Contag. No que eu comecei a fazer o trabalho de campo, as coisas não batiam, então a pesquisa teve que ser estendida, não dá para ficar só

com trabalhador rural, não dá para ficar só com sindicato, então passamos a trabalhar mais amplamente com concepções de política e aí foram sendo gerados outros temas, não é?

K.K. – Você conta um caso aqui no memorial da cidade em que vocês estavam pesquisando: chega lá tem uma eleição, um ex-barraqueiro disputando...

M.P. – Isso.

K.K. - ... disputando com um contador e você fala um pouco da tua indignação também como cidadão com aquela situação. Como é que foi essa...? Esse foi um outro, uma espécie de ponto de inflexão, também, na percepção de que isso podia ser um objeto de pesquisa, um problema ?

M.P. – É, não...não... Aí foi um pouco uma espécie de complementação, quer dizer, eu trabalhei com essa história de barracões, não é? Bom, barracão era uma coisa, se falava de passagem e achava que tinha um lugar estratégico no funcionamento lá da *plantation* canavieira. E houve determinado momento em que os donos de barracão – e quando eu fiz a pesquisa tinha passado esse momento áureo – isso eu vi em Pernambuco, eles tinham sobretudo os barraqueiros dos engenhos – porque as usinas tinham seus próprios barracões, eram companhias muito maiores, mais articuladas – mas os barraqueiros dos fazendeiros da cana, dos senhores de engenho, como eles chamam lá, em certo momento chegaram aí em meados dos anos 1950 a funcionar como financiadores dos próprios senhores de engenho, tinha senhor de engenho que pedia dinheiro emprestado a barraqueiro desde o momento que eles ganharam uma certa... Enfim, as indicações de pesquisa eram essas, eles ganharam um certo peso, a ponto de bancar algumas situações difíceis dos donos de engenho, uns se transformaram eles próprios em fazendeiros, em senhores de engenho e... Mas, ao mesmo tempo, quer dizer, havia uma trajetória ascendente, mas que de algum modo foi, na pesquisa, parecia que essa trajetória tinha sido cortada pela coisa dos supermercados, a entrada em cena dos supermercados. Então uma das coisas curiosas dessa primeira ida a campo foi – eu estava há alguns anos, enfim, que eu não fazia, não visitava as áreas, não fazia trabalho de campo. Eu, de repente, encontrei algumas dessa figuras disputando posições de

mando. Então tinha um lado de uma certa satisfação não é, digamos assim, sociológica e antropológica. Bom, o que eu estava percebendo não era absurdo, os caras estão aí. E por outro lado também, enfim, uma certa, quer dizer, como cidadão, sabendo o que sabia daquelas figuras, é... Enfim, uma certa, digamos assim, uma certa indignação, um certo desgosto que a população tivesse que escolher entre...

K.K. – Um barraqueiro e um dono de supermercado.

M.P. – Pois é.

C.C. – Você mencionou várias vezes na entrevista o trabalho de campo, situações de campo, não é, da experiência como fonte de descoberta ou de surgimento de questões que não se encaixavam de alguma forma no que você imaginava ou que você não percebia que existiam e que teve uma surpresa. O trabalho de campo tem uma centralidade nessa tua experiência como antropólogo...

M.P. - Sem dúvida, acho que quando vocês perguntaram antes se eu era sociólogo ou antropólogo, talvez a coisa que iria me aproximar mais dos antropólogos fosse um pouco essa coisa do trabalho de campo, esse modo de ligar a teoria e a prática de pesquisa propriamente dita, o lado empírico da investigação. Então a ideia, para mim, um pouco é aquele negócio, o campo – quando a gente diz isso as pessoas interpretam mal – é uma espécie de laboratório, tanto porque você, com a sua presença, provoca determinadas situações e isso leva a certos resultados, a certas, reações e contrarreações, a esses resultados..., Então tem esse lado de experimento, então eu ponho todas as aspas em laboratório, experimento; tem um pouco isso. Então para mim, quer dizer, bate um pouco como árido, um pouco sem sentido, você pensar na teoria sem referência ao campo e isso já – quer dizer, de algum modo eu percebi isso com Bourdieu – e cada vez mais, – os que foram meus alunos sabem disso – aquela história – uma coisa que é muito comum – você dá um trabalho de curso qualquer e então o aluno escreve, diz: “Foucault diz isso, sei lá o quê, Bourdieu diz aquilo, e eu então, junto, percebo aqui que nem um nem outro fala disso”. Então, como se estivesse descobrindo alguma coisa. Então não há descoberta nenhuma que não passe pelo fazer, pelo trabalho de produzir aquele resultado, não há resultado independente

do trabalho investido na sua produção, é isso que o campo, de algum modo, me ensinou na prática. Então, é claro, posso fazer um exercício lógico da coisa e fico... E então, “é isso, é aquilo e eu proponho que seja uma coisa que está pela metade, ou uma coisa que sintetize isso”, então é muito comum... Não viram isso e tal. Então tem um lado, não só de uma certa pretensão de quem faz isso me causa uma certa repulsa, mas fundamentalmente porque essa ideia, bom, o Foucault já assinalava isso, e outros autores, o Bourdieu e tal: que em Ciências Humanas essa história de jogar com a teoria, a teoria pela teoria – era como traduziam aí o teórico, faziam essa tradução – é extremamente complicado, é extremamente complicado, porque dificilmente os mesmos significados estão investidos nessas duas conclusões teóricas. Então é necessário, digamos assim, um terceiro trabalho. Você pode até perceber isso, mas não é por acaso, são dois recortes que não são, digamos assim, homogêneos, então não tem sentido esse negócio de terceira posição. Quer dizer, ou você, digamos assim, refaz de algum modo o que seria a experiência de cada um desses pesquisadores e aí sim você pode questionar o que ele está dizendo ou então vai ser um exercício.....

K.K. – Que, de certa forma, foi o que você fez com a *plantation*.

M.P. – Isso, isso.

C.C. – É, tem um interesse por uma sociologia da produção intelectual que atravessa desde o início.

M.P. – Isso.

M.P.- Quer dizer, o esforço tem sido esse, não é que... Tem uma coisa da *plantation* mais proximamente, tem essa ... Eu tava dizendo: essa bibliografia sobre poder local e mandonismo no Brasil, que eu reputo que é, realmente, é um privilégio. Quer dizer, você quando pega, por exemplo, um autor, se você pegar e ler com cuidado Victor Nunes Leal – não aquele negócio dos dois famosos capítulos que todo mundo lê – mas ler com as notas, isso e aquilo, depois você lê o que a Sydel Silverman diz sobre os mediadores. Trinta

anos antes Victor Nunes já tinha visto e formulado melhor do que ela. Então a coisa da Sydel Silverman – que é uma autora, antropóloga de fôlego e tal – sobre mediação, essa coisa estava lá. Então essa coisa do Victor Nunes é uma coisa indiscutível. A Maria Isaura que tem – contrastando com o jeito mais sofisticado lá da vertente Florestan – tem uma formulação mais simples, Maria Isaura tem coisas fantásticas e algumas, eu até acho que *O mandonismo* é um livro extremamente interessante, pra mim foi muito importante, na minha trajetória. Mas me fascina, por exemplo, na Maria Isaura, aquela história da liderança em um povoado baiano, que é um trabalho considerado menor, é um trabalho descritivo e tal, mas que ela percebe que não há liderança única, que essas coisas não se superpõem, essa coisa das diferentes dimensões da vida social e tal. Então há uma produção efetivamente importante, não é? Bom, estou dando esses dois exemplos, mas, enfim, muitos e muitos autores, inclusive alguns mais recentes. Mesmo tendo essa contribuição importante, isso não me basta, porque não dá para eu formular hipóteses como eu disse, que era um pouco o que eu estava achando, ou eu digo: “Bom, com esse pano de fundo, eu resolvo essa questão”. Não há outra maneira de responder essa questão se não analisando a própria questão, não há literatura possível e isso vale para Bourdieu, para quem for, estou dando exemplos nossos que são... Quer dizer, ou há um trabalho efetivo, um trabalho empírico mesmo que o empírico possa ser sobre material bibliográfico, não é o...

K.K.- Documental.

M.P. – Não é o empírico se deslocar, ir ao campo, entrevistar, não é isso, ou morar na casa do cara, mas é, quer dizer, não dá para dissociar a teoria da empiria, não é? Se não é uma... O que não quer dizer que não possa haver exercícios lógicos, interessantes, mas é uma coisa de outra natureza.

K.K. –O campo é uma espécie de mediador para o diálogo com a teoria, na sua experiência, quer dizer, ir... Ao produzir o seu próprio material media essa leitura dos autores. Agora, Moacir, você como professor e como sua ex-aluna, lendo a sua obra acho que embora você tenha destacado em vários momentos essa sua inquietação política e talvez um sentimento de obrigação de participação, a sua apropriação dos autores é muito eclética, muito diversa, você vai, enfim, ler autores inesperados, em vários momentos, desde

do... Claro, você falou da importância de uma formação ligada ao marxismo, mas a gente vê na sua trajetória a literatura de Chicago, por exemplo, a antropologia social inglesa, e seus cursos sempre são... Trazem novas, novas leituras. Eu acho que você mostra assim muito sempre sem nenhum tipo de pré-conceito em relação aos autores. Isso não é tão comum, eu queria só marcar porque é um pouco como se a gente não pudesse ...

M.P. – Vez passada eu falei um pouco isso, tem a ver com a nossa, enfim, com a experiência que a gente teve ainda em faculdade, como certas preocupações, como responder a isso, essa história toda, e me fez, quer dizer, por exemplo, na PUC nessa época pensava: “Ah! A teoria marxista, não sei o quê”. Mas um dos melhores cursos que a gente fez foi, lembrei, foi o curso do Padre Mrvack , que era uma figura muito... Aliás numa das fotografias que eu tenho estava o grupo de trabalho nosso preparando um trabalho para o Mrvack sobre o... Como é que é? Sobre o *Street corner society*, então...

K.K. – O Mrvack dava *Street corner society*?

M.P. – É, sim, sim, sim... Não, o curso dele era sobre o que ele chamava de dinâmica de grupo mas eram todos esses estudos sobre pequenos grupos, entende, que estavam no auge na coisa, quer dizer, era a Sociologia e Psicologia social. Então era Homans, era uma série de autores, e alguns eram experiências de laboratório, outras não eram experiências de laboratório mas, mesmo a que não era experiência de laboratório, era divertido ver aquilo. Então houve um investimento grande nisso aí. Um dos primeiros trabalhos, assim, que eu escrevi que acabou circulando, então, era um trabalho sobre o George Herbert Mead. E aí no curso, outro de psicologia social e tal, porque essa coisa realmente era fascinante. Então havia uma espécie de cobrança recíproca, que não dá, não tem teoria, não tem coisa que possa limitar essa história de você experimentar, de você ver... De vez em quando a gente estava tentando juntar, sintetizar a coisa, quer dizer, isso que eu estou dizendo, juntar uma coisa com outra, um autor simpático, politicamente, como estudante, com outro que intelectualmente tem um certo apego...

K.K. – Não houve patrulhamento ideológico em nenhum momento nessa...?

M.P. – Não, não, não, não... Entende, é claro, tem certas coisas que você tem internalizado. Se você quiser pensar em patrulhamento genérico. Vê essa história do... A famosa história do método dialético, não é? Tá, era legal... Então aquela coisa difícil de entender como era – como eu acabei de falar daquela coisa do Fernando Henrique –, aquela coisa do Fernando Henrique me deu uma ideia do seria, não é? Isso, a coisa do Sartre, mas tinha mil versões do que fosse o método dialético. Então tinha de um lado isso e essa história acho que me levou a um pouco a ter essa atitude e na França, eu acho que havia uma série de autores que foram importantes, que tinham essa atitude e tal. E a coisa do Bourdieu, o Bourdieu nesse sentido foi decisivo, é aquele negócio do Bourdieu de você dissociar a teoria do social, da teoria do conhecimento do social, então esse negócio que ou é marxista ou é weberiano ou é não sei o quê...

K.K. – Mas ele era acusado de weberiano... [risos]

M.P. – Por alguns outros diziam que era durkeimiano e mais recentemente diziam que era marxista, então ele sempre... O que ele tentava chamar atenção é que havia uma diferença, uma coisa, quer dizer, um determinado modelo elaborado pela teoria já posta, feita, não sei o quê e isso pode gerar "n" coisas, mas outra coisa é você absolutizar esse modelo. Então é certo achar que para pensar determinadas coisas o Weber te dá mais dicas do que o Marx, ou o Durkheim dava mais do que o Weber ou coisas desse tipo, não é? Então quer dizer, veja bem, se você pegar a obra dele, você não possa dizer que ele esteve mais próximo de tal autor do que tal outro, mas a atitude era essa. Então foi um pouco esse clique. São duas coisas. E uma outra que para mim foi fantástico, essa coisa do... Eu tenho a impressão que o Althusser, a experiência do Althusser realmente é uma coisa que já ficou... Já levou a coisa do marxismo um pouco ao limite e isso jogando com Bachelard, com toda essa coisa da História da ciência, Teoria da ciência, da coisa dos cortes epistemológicos, coisas desse tipo. E uma coisa para mim que foi esclarecedora foi um dia que – essa foi uma das vezes que eu vi o Althusser – o Althusser foi falar no seminário do Jean Hyppolite; e esse foi um dos seminários que eu segui no *College de France*, um velho filósofo que era figura fantástica. Realmente aprendi para burro e tal, e foi falar... E o Jean Hyppolite – isso acho que, inclusive, já foi publicado –, o Jean Hyppolite fez elogios, disse que na leitura dele de Hegel estava

certíssima isso e aquilo e que achava que a coisa do Marx também concordava e tal, mas disse: “Agora, só tem uma coisa que eu discordo, e que acho que você vai concordar comigo: é que essa história de não há uma ruptura epistemológica, há rupturas epistemológicas e nenhum indivíduo é capaz de ser quem faz a ruptura, então essa história que Marx...”. Então o Althusser na hora admitiu, entende? Do mesmo modo que você tem cortes epistemológicos, ou rupturas e não sei o quê na obra de um autor em um determinado trabalho, em uma formulação... E o próprio Althusser chamava atenção que você tinha, digamos assim, que o corte representado pelo velho Marx, pelo Marx na maturidade, que fosse, não significava que o Marx não pudesse escrever como o Marx da juventude, que essa coisa não era cronológica e tal. E o Hyppolite colocou essa história fantástica, mas eu disse: “Bom, isso não só o Marx. Isso...”. Nada mais antimarxista que você achar que um indivíduo é capaz de estabelecer essa ruptura e criar uma disciplina que é a disciplina que pretende substituir – e aí já estou acrescentando, não foi nesse tempo que ele formulou – aquela ideia do materialismo histórico como uma disciplina que está além do que seria Sociologia, ou Antropologia, Ciência Política, que fosse. Então, é um pouco nessa linha. Então essa... Que tinha muito a ver com essa formulação do Bourdieu... Acho que você não pode, digamos assim, produzir etnologia, sociologia se você não tem esse tipo de abertura, quer dizer, se você não está colado, digamos assim, a investigação empírica é fundamental, ela não fala sozinha evidentemente, mas é o lugar de você estar presente. A teoria e você tem que, enfim, entender que a teoria não tem lugar nem dono. Se em outras ciências isso é aceito com mais facilidade, você está permanentemente tendo as suas verdades revistas, as Ciências Humanas há um certo sonho em geral de verdades definitivas, o que, não sei, me parece meio complicado [riso].

C.C. – Moacir, apesar desse interesse bastante ecumênico, intelectual que você teve bem diversificado, se você tivesse que escolher um livro que você acha que mais te impactou, que você lembra com mais... A gente faz essa pergunta para todos os entrevistados, qual livro você destacaria?

M.P. – É difícil, porque [risos], eu sei lá... Esse negócio de destino coletivo e nessa história, quer dizer, na minha formação essa história de você escolher heróis, escolher livros, escolher singularidades, foi muito... Sempre foi, sei lá, de algum modo censurado, sempre foi

muito... Essa coisa sempre foi relativizada, não é? Uma certa... Mesmo na coisa de política e tal... Meu pai que era político tinha um pé atrás com essa história de... Entende? Sei lá, Carlos Lacerda – ele era da UDN, não é? – Jânio Quadros e coisas desse tipo... Não é por aí [riso]. Então, imagino que até por conta desse tipo de formação, eu, quer dizer... Não é que eu não... Eu digo, não vou dizer por essa... Não é isso, mas tem um pouco internalizado essa... Um pouco esse tipo de relação com autores, livros e etc. Mesmo você estava falando, estávamos falando, por exemplo, eu menciono a coisa do livro do Fernando Henrique como o livro do Alberto Passos Guimarães, que era um recorte totalmente diferente, e que era um livro muito censurado, na época muito... Uma parte do próprio partido comunista – que o Alberto não sei se era dirigente na época, se fazia parte e tal – tendia a minimizar e lá a maneira dele é um livro também que foi interessante, foi importante e tal. Então essa coisa, essa coisa variou, dependendo daquilo que eu estava interessado na época, do tema, então é difícil por esse sentido, por exemplo, quando alguém estava me perguntando sobre essa coisa de reforma agrária. Um livro para mim foi extremamente importante para despertar minha curiosidade da reforma agrária, foi o livro do Nestor Duarte, *Reforma Agrária*, que é o projeto, é o projeto que ele apresentou em 1949, de Reforma Agrária no Brasil, defendendo a pequena propriedade, isso e aquilo. A leitura daquilo, bom, eu era ginásio, sei lá o quê, mas para mim foi uma coisa que aguçou a minha curiosidade, então... Você pega, como é que é, o livro dele, o livro maior dele, é muito mais interessante e tal. Quando eu fui escrever sobre banditismo político, o outro livro dele foi extremamente importante, ajudou a criar, do Nestor Duarte, uma imagem muito positiva e quando não é... Você pega um trabalho menor, você não pode...

K.K. – Mas é mais nesse sentido até que a gente está perguntando, quer dizer, livros que de alguma forma afetaram a sua trajetória de maneira...

C.C. – Pode ser de literatura também...

K.K. – É, pode ser um romance, pode ser, enfim, como isso que você acabou trazendo...

M.P. – [risos] Não, são muitos, são muitos.

K.K. – Você mencionou o *Negara* do Geertz a certa altura, também foi um...

M.P. – Sim, sim, sim. Bom, aí... O problema é que são tantos que fica difícil... Estudar é uma coisa muito inicial. Então literatura, eu estava falando, um livro de um autor que depois foi meio... O *Banguê* do José Lins do Rego, fui fazer um trabalho de escola e tal, li o *Banguê*, tinha um monte daquelas coisas, via e ouvia ser contado da minha família e tal. *Banguê* e depois *O menino de engenho* não achei tão... Acabei lendo o José Lins todo para esse interesse pela área canavieira e tal, essa coisa... Depois li uns livros... Então essa história em outro momento foram outros autores, por exemplo, Guimarães Rosa. Guimarães que eu li primeiro o *Sagarana* e depois *O Grande Sertão*. Já o *Sagarana* eu fiquei... *O Grande Sertão*, que havia toda aquela história “Não, uma maluquice, o cara inventa palavras e não sei quê”, eu li sei lá, com 16, 17 anos, então fiquei absolutamente fascinado por aquilo. Agora, dizer que me marcou... De vez em quando você redescobre, uma coisa que não se dá mais conta... Então em determinados momentos, essa coisa é extremamente importante, quer dizer, quando eu estava fazendo esse investimento mais recente, que é de 20 anos atrás [riso], na coisa da política, *Negara* para mim foi sem dúvida importante, mesmo vendo depois as críticas todas que foram feitas, também são algumas pertinentes, interessantes... Claro, foi um trabalho importante. É difícil, é difícil localizar...

K.K. – E o Gilberto Freyre, Moacir, como é que foi dentro de uma trajetória que talvez naquela altura, é uma bibliografia um pouco polêmica?

M.P. – É. Olha, o Gilberto Freyre, enfim, eu li relativamente cedo, confesso que a leitura do...

K.K. – No colégio, ainda, você diz?

M.P. – Não, não. O Gilberto Freyre na faculdade, nos primeiros anos da faculdade. *Casa Grande* em um primeiro momento não teve grande impacto para mim, esperava outra coisa e tal, achei aquilo uma coisa meio maçante, as preocupações, aquilo parecia muito a

coisa das relações domésticas e tal. Mas fiquei... *Sobrados e Mucambos* para mim foi realmente, está aí, foi um livro que teve um impacto, quer dizer, uma certa... Os primeiros trabalhos que eu escrevi e tal essa coisa do *Sobrados e Mucambos* está muito presente ao lado desses outros, Oliveira Vianna, *Instituições políticas brasileiras*, aquela história dos clãs, depois que eu releio aquilo, o cara sem dúvida alguma sacou alguma coisa que não sacou... Bom, já tinha falado, Nestor Duarte, Maria Isaura... O... O Thales me fez ler na época a tese de doutorado da Maria Isaura, sobre o Contestado, eu também... Foi um livro que foi importante... Então é um pouco difícil localizar e é possível que alguns, se eu parar e pensar mais longamente até ache... Não, eu disse, só disse o que não era importante, mas tem essa história. Enfim, às vezes eu invejo certos colegas que às vezes pergunta e “Não, o livro da minha vida é tal”.

K.K. – Ao contrário, eles que têm que te invejar! [risos]

M.P. – Desculpa, você quer ver, ainda tem um livro que foi uma coisa que me encanta, esse inclusive que nós estávamos dando no curso de Antropologia e Literatura, não é curso, é uma oficina, o Graciliano, que tem o *Alexandre e outros heróis*, então a coisa do Alexandre, minha ideia é fazer uma sociologia da mentira entorno do... Alexandre é um mentiroso, que contava histórias todo final de tarde, aí as pessoas iam para casa dele e tal e aí aparecia muito a lógica da mentira, quer dizer, a mentira tem uma certa lógica. Então o livro... Bom, eu gosto muito da escrita do Graciliano, mas... Então são coisas desse tipo, então durante algum tempo, a coisa do período que eu estava trabalhando com violência política eu saí catalogando, peguei o Graciliano, peguei todas as referências à violência política, banditismo, cangaço, não sei o quê, então passei tudo, nessa época era na máquina ou na mão, não tinha... Então são coisas desse tipo. O Graciliano me interessa tanto pelo lado literário, pela escrita mais seca, quanto por esse lado sociológico. Algo semelhante do Guimarães ou do José Lins do Rego, quer dizer, com que olhar você está vendo o lado estético, o lado mais propriamente de interesse antropológico, sociológico e tal, então essas coisas vão um pouco emboladas [risos].

C.C. – Não, eu estava falando, nós temos também colegas que trabalham em Portugal e outro em Moçambique. Você não teve contato com as Ciências Sociais produzidas em Portugal, ou... Ao longo da tua trajetória?

M.P. – Não, pouco. É que em função de coisas do Museu, enfim, tive contato algum tempo com Pina Cabral, agora eu estive em Portugal, o Manuel Sobral, enfim, tem... Naquela monografia lá sobre os trabalhadores agrícolas todo Alentejo do... Como é que é? Esqueço o nome dele... Enfim, algumas coisas, mas não houve, quer dizer, não fiz... Como é que é? Que publicou a tese na Inglaterra e depois... A memória [risos], cada dia pior, mas... Então, mas uma coisa específica com Portugal... Uma das coisas é o seguinte: na minha época de estudante, às vezes fui até obrigado a ler alguma coisa, quer dizer, o que se produzia em Portugal tinha uma marca da coisa colonial muito grande. Havia uma resistência nossa a qualquer coisa que cheirasse a Salazarismo e essa coisa. Hoje sei que houve coisas importantes no meio disso, enfim, que foram feitas e tal, e esses autores mais recentes tem coisas muito interessantes. As coisas do Pina Cabral, sei de pessoas que estão tentando pensar o próprio sistema colonial português, os estudos de comunidade agora, enfim, é preciso acabar a leitura, sei de estudos de comunidades feitas por pessoas que de fato só puderam se projetar em termos universitários um pouco tardiamente por conta do processo político de Portugal, tem coisas muito interessantes, mas nunca fiz um investimento, enfim, o problema é que a gente não tem tempo para tudo [riso].

C.C. – Mas você tem tido tempo para ir para o Ceará bastante, não é? Como é que está essa ligação com Ceará?

M.P. – É, não, a coisa do Ceará foi... Eu já era amigo do César Barreiras e em determinado momento... Bom, uma grande simpatia pelo Ceará. Em princípio eu gosto das capitais nordestinas, não é, beira de praia, essas coisas e em certo momento me convidaram para... Primeiro palestras, bancas, isso e aquilo, depois me chamaram para passar um período como pesquisador visitante em 1995, fiquei 6 meses lá, mais recentemente surgiu a oportunidade de ficar um período maior. E foi interessante por algumas razões: primeiro já alguns amigos, o lugar eu acho... Fortaleza, talvez seja a capital das mais quadradinhas – tem uns que dizem que tem muito de Miami, talvez sob esse aspecto menos atraente que outras,

enfim, Natal, João Pessoa, Maceió e tal –, mas de qualquer forma é uma cidade encantadora e enfim, é um tipo de vida que não se consegue mais ter no Rio de Janeiro. Então foi um período que eu tive tranquilidade de pensar. E a Universidade do Ceará é uma coisa muito interessante. Ela tinha, digamos assim, uma coisa que me chamou a atenção, é a universidade mais cosmopolita do que algumas universidades inclusive de maior porte. Então o tempo que eu estive lá, houve o tempo todo tinha professores da França, de Portugal, professores do México e de outras... Pessoas da USP, então eu tive talvez uma convivência mais intensa. Pelo menos esse período, vocês estavam falando de Portugal, o Boaventura esteve lá, bom... O pessoal lá de Lyon II tem um convênio, vive indo e voltando de lá... Enfim, então essa convivência e uma certa abertura que, em algumas outras universidades, nos estados, às vezes você chega e é um certo fechamento, o pessoal se sente ameaçado pela sua presença. Não sei se era uma questão de época, na época estávamos fazendo essa pesquisa em Pernambuco, havia uma... Era como se a gente estivesse invadindo a área do pessoal. Isso mudou, a universidade de Pernambuco eu sei que se renovou muito e tal. Mas a... No Ceará, ao contrário, encontrei uma abertura muito grande, um clima de debate intelectual bom e tranquilidade, a possibilidade de ficar um pouco distante dessa coisa do dia-a-dia.

K.K. – E Moacir, você... Pensando até nessa experiência de circulação entre instituições e comparando um pouco com a sua época de estudante, você foi estudante numa época por um lado muito difícil, mas por outro muito relevante na história das Ciências Sociais no Brasil. E como é que você vê o estudante de ciências sociais hoje, seja se você tem contato com ele na graduação, ainda em Fortaleza, ou esse que chega na pós-graduação? Como é que é esse estudante em comparação com a tua formação? O que você acha que poderia...

M.P. – Bom, é difícil essa coisa...

Arbel Griner – Vamos ter que trocar a fita.

K.K. – Nem dá para sentir que passa, é tão rápido!

[Fim do arquivo 3]

K.K. – Quarta fita, dia 7 de outubro, entrevista com Moacir Palmeira.

M.P. – A pergunta está feita.

K.K. – É, a pergunta... Você quer que eu repita?

M.P. – Não, não. Eu acho que é difícil responder a pergunta por várias razões. Uma é que eu tenho tido muito pouco contato com o pessoal da graduação. No Ceará tive algumas, não dei cursos na graduação, iria dar depois pediram para eu ficar só na pós, o que eu tive foi um pouco contatos extraclasse ou pedidos para assistir o meu curso e tal. Então tem muito tempo que eu não... nunca... dei aula na graduação no início da carreira e coisas muito, digamos assim, curtas e às vezes em situações especiais, quer dizer, dei aula, por exemplo, na Gama Filho, que já tinha mencionado e foi, sei lá, fiquei um semestre, um ano também e, enfim, alunos do curso da noite, pessoal que trabalhava o dia todo, era uma situação muito diferente da situação que eu, por exemplo, na época dei um curso na Bahia, no Instituto de Ciências Sociais e tal, que eram, enfim, alunos jovens e de classe média, essa coisa. Então não tenho essa experiência, quer dizer, minha experiência mais antiga com a graduação é pequena, e mais recentemente não tenho, então é difícil. O que eu diria, o que eu posso falar é um pouco do que eu tenho sentido dos alunos que, dos alunos de pós-graduação e, sobretudo, esses lá do Museu, do PPGAS e um pouco... Tive esse período no Ceará, enfim, dei cursos aqui e ali, em Minas, na Unicamp, sei lá aonde. Talvez seria mais fácil pegar um pouco essa experiência, a experiência do Museu, mas mesmo isso é complicado por uma razão muito simples: quando eu comecei a dar aula, geralmente os meus alunos eram mais velhos do que eu. Eu comecei muito cedo. E hoje os alunos do mestrado no Museu podiam ser meus netos. Geralmente estão nessa faixa de vinte e poucos anos e coisa assim, então são... Você é posto em perspectivas muito diferentes. Uma coisa é a visão que você tinha no início de carreira, outra coisa é quando você já está perto da compulsória, não é? Mas olhando assim, quer dizer, alguma coisa que acho que tem sido constatada por todo mundo: essas primeiras turmas de pós-graduação no Museu geralmente eram alunos de uma faixa etária

maior – e isso não só eu me colocando na perspectiva de professor jovem não – era, quer dizer, quando você pega lá as informações no Museu, o pessoal que já entrava na faixa de 30, 40 anos, às vezes até mais, era o que o Roberto Cardoso chamava da “geração represada”, pessoal que tinha se formado, quer dizer, já tinha uma orientação um pouco mais profissionalizante nos cursos de graduação, mas só não tinha curso ainda de pós-graduação. Então, durante muito tempo os cursos, quer dizer, o mestrado lá – não tínhamos doutorado ainda – eram alunos dessa faixa etária. E alunos com uma outra característica, não eram alunos que estivessem saindo da graduação e ingressando na pós-graduação, eram alunos que, geralmente, tinham alguma experiência de trabalho, ou como professor em universidade, professor em ensino secundário, ou trabalhando em algum organismo do governo estadual, do governo federal, mas onde ele tentava, de certo modo, aplicar os conhecimentos adquiridos na faculdade; outros que queriam seguir a profissão mas estavam fazendo... Não encontravam emprego e faziam coisas totalmente diferentes, e tal. Então, agora, se pegar a coisa mais recente, você tem alunos do doutorado do PPGAS, cada vez mais, que são alunos que terminaram a graduação, emendaram com o mestrado e seguiram para o doutorado, então nós temos a passagem direta, que facilita isso. Então, de um certo lado, são alunos que eu diria que tem uma formação inicial melhor, porque já estão familiarizados não só com leituras de Antropologia ou de Ciências Sociais de um modo geral desde a graduação, que já encontraram na graduação professores com uma qualificação, com uma boa qualificação e alguns que tinham passado já por cursos de pós-graduação como o nosso lá, então tem essa coisa, mas tem o fato de não ter nenhuma experiência profissional e o fato de ter ficado um pouco fechado, é como se você tivesse o colégio, a faculdade, vai emendando, já foi falado desse alongamento da juventude, não é? Significa também, digamos assim, menos experiência de vida, menos maturidade, e isso, evidentemente, coloca às vezes projetos... Às vezes maior dificuldade de ter um projeto formulado e coisa assim. E, bom, são alunos eu acho que, em geral, menos politizados do que os das primeiras gerações, e também o próprio sentido de politização mudou um pouco, não é? Quando vem é... O cara tem uma referência, às vezes um partido, o sujeito é do PT ou do PSDB, eu sei lá, do PSOL ou coisa desse tipo. Mas a, digamos assim, uma militância mais pesada, como era comum nas primeiras gerações, isso é difícil. A própria visão... O que tem a ver, evidentemente, com o processo histórico, com a democratização, com uma certa despolitização da sociedade. Então a ligação com a política é de outra ordem, projetos mais ligados a, digamos assim, ao

processo político nacional, local e tal, esses projetos são menos frequentes, e isso é difícil dizer porque isso também pode ter a ver com o fato de que hoje você tem pós na área de Ciência Política, pós em História, pós em Sociologia, então volta a esses problemas. Quer dizer, quando o PPGAS apareceu, era – na área de ciências humanas –, acho que era a única coisa que na área de pós-graduação que nós tínhamos aqui ...

M.B. – O Iuperj também?

M.P. – É, mas o Iuperj está surgindo um pouquinho depois e universidade pública, a própria UFRJ acho que tinha a pós da Coppe, o pessoal da área de engenharia e coisa e tal, e a nossa lá. Depois, bom, Iuperj, que vai competir um pouco, mas o Iuperj é uma universidade particular, mais adiante o IFCS ...

K.K. – Só nos anos 80, não é?

M.P. – Pois é. Então também tem isso. É difícil dizer alguma coisa porque isso também polarizou, eu posso estar com uma visão absolutamente focada na minha experiência, então os que estão passando diante de mim, a coisa é um pouco essa. Agora é, aí é aquele negócio, só se fizer uma pesquisa sobre isso [risos] que a gente pode ver uma coisa... [risos]

K.K. – Você realmente circulou por muitos espaços e participou de projetos importantes, mas você não tem, particularmente, a gente vê pela sua trajetória, um interesse pela política científica. Ou estou enganada? [riso]

M.P. – Olha ... Não, a coisa é a seguinte: não é que eu não tenha interesse.

K.K. – De alguma maneira você relatou aqui uma situação que, quer dizer, que a política científica mudou a forma como os alunos fazem a pós-graduação...

M.P. – É. Tem isso. Não, realmente, nunca... Quer dizer, eu prefiro a “política-política” [riso], política – sobretudo a política acadêmica – essa história toda, nunca me seduziu essa história

de não... Sei lá, eu acho que é muita disputa por pouco, entende? É claro que tenho interesse, em geral, estou me mantendo antenado ao que está acontecendo, os fins da universidade, tal política da Capes, do CNPq, mas acho que tem pessoas que tem uma, sei lá, que se identificam mais com esse tipo de coisa do que eu e que fazem bem isso, então tento manter um diálogo com elas, não é que eu despreze isso, acho que é fundamental...

K.K. – Você nunca ocupou nenhum cargo especificamente nessas grandes...?

M.G. – Nos órgãos de fomento, não é?

K.K. - Por decisão pessoal...

M.P. – É. Não, não. Minha colaboração... Eu nunca fui coordenador de PPGAS [risos]. Eu brinco com o pessoal que em certo momento começou a cobrar que eu fosse. Não, a época que eu poderia ter sido, vocês não tinham interesse [risos]. Então agora eu já passei da idade e tal. Enfim, mas eu não fui coordenador, por uma série de razões, nunca fui chefe de departamento, agora queriam que eu fosse candidato a diretor do Museu [risos], eu disse: “De jeito nenhum! Não, não!”. Não é, você tem que ter motivação para as coisas. Então evidentemente comissões e cheguei... Sub- coordenações, comissões e isso e aquilo, acho que é um pouco obrigação de todo mundo e por exemplo, numa situação limite, não tendo quem... Não havendo quem aceitasse, eu aceitaria, consideraria uma obrigação de ofício. Agora é doloroso, inclusive para mim, porque esse trânsito, agora estou como subcoordenador de ensino do PPGAS, então você chegar de manhã, e começa a resolver processo lá, não sei quê, o aluno que está devendo lá não sei o quê a Capes, aí não sei que lá do CNPQ, e o outro que não entregou trabalhos, quer dizer, de repente você dá um clique e começa a escrever um artigo, ou começa a preparar uma aula, eu confesso que tenho... É uma limitação pessoal. Então, ou é uma coisa que me motiva muito, a política em geral, ou a coisa toda, sobretudo num certo momento, me motivou muito e era capaz de distrair um pouco disso, mas eu prefiro ficar nessa atividade mais...

K.K. – Em parte, assim, vários desses grandes projetos que você participou, quer dizer, essa sociologia não individualizada, tem a ver com políticas científicas que permitiram

financiamentos para grupos de excelência, no caso, por exemplo, o Pronex. Você acha que essa é uma estratégia positiva da política científica brasileira? Financiamentos de grupos, esses considerados de excelência, quer dizer, mais volumes de recursos para menos instituições ou...?

M.P. – Olha, eu acho que essas coisas... Bom, talvez por não ser tão afinado com os meandros dessa política acadêmica, deixa eu dizer o que eu penso: para mim, o grande problema nem é a coisa dos núcleos de excelência, grupos de excelência, quer dizer, eu entendo como foi criado um projeto como Pronex, você sem dúvida... A excelência, a qualidade da coisa universitária tem que ser contemplada. Por outro lado, democratizar a universidade eu acho que é principalmente importante. Eu acho que é possível políticas que se conciliem as duas coisas. Então, por exemplo, essa história de você querer... Não, tem que distribuir igualmente a verba por todo país e tal, eu acho complicado. Complicado porque determinados lugares você não tem equipes necessárias a cuidar daquilo e na outra ponta você tem equipes que precisam de recursos para isso. Mas tem o lado positivo dessa história, por exemplo, o pessoal das universidades aí construídas no interior. Eu acho que isso está sendo um canal de ascensão social, de democratizar as chances de sucesso aí para toda a população. Quando eu estava fazendo pesquisa em Pernambuco, eu não tive conhecimento de nenhum filho de camponês que tivesse o diploma e hoje por conta um pouco dessa coisa de universidade do interior, tem muita gente com diploma, é claro, tem uma quantidade grande que fica com diploma e tem uma chance ali no serviço público local, nisso e naquilo, mas tem pessoas que estão tendo acesso inclusive a núcleos de excelência. E isso, vê bem, além do lado distributivo, lado de justiça social disso aí, tem uma coisa, que, sobretudo para antropólogos é importante. Eu contaria um pouco uma experiência minha e da Beatriz Heredia. Nós estávamos às voltas com a pesquisa sobre assentamentos – e tinha uma equipe do Nordeste – e, bom, nós éramos da coordenação, mas achamos que queríamos ter uma participação da equipe do Nordeste por interesses anteriores. Eu não fui, Beatriz foi a uma reunião na Paraíba, eram duas colegas muito competentes da Universidade de Paraíba, que estavam a frente do projeto lá e a Beatriz então começou um pouco a falar da nossa perspectiva. As pessoas insistiam e não entendiam aquilo e tinham lá um recorte próprio da coisa e como fazer, tinha um questionário a ser aplicado e isso e aquilo. Em um determinado momento, um rapaz que era auxiliar, estudante de graduação... Dois estudantes de graduação,

um rapaz e uma moça, aí pediram a palavra e aí disseram: “Não, não, nós concordamos com a professora”. E explicitaram, quer dizer, toda uma percepção, quer dizer, era possível um diálogo com eles, que não era possível... Não que não era possível, mas que era difícil com os professores mais informados pelos meios convencionais, que era o próprio... Quer dizer, eram filhos de moradores de engenho, quer dizer, o tipo de trabalho que a gente tinha feito mostrando que relações estavam em jogo e do que era preciso nesse questionário contemplar tais e tais coisas, o pessoal disse: “Não, mas é claro, não é possível”... E os nossos colegas da universidade não percebiam isso. Então a possibilidade de pessoas dessa posição social, com essa experiência de vida terem acesso a instrumentos de conhecimento, isso abre, sobretudo no caso da antropologia, possibilidades de novas perspectivas, de percepções novas que são muito ricas, então acho que há um interesse por aí. Então eu digo, é difícil em termos gerais, você dizer: “Essa política é boa, essa não é”. Eu acho que as duas pontas têm que ser contempladas, mas acho que uma questão crucial é isso... Você estava falando desse projeto e porque busco esses grandes projetos, o que está em jogo nisso aí, é um dos meus problemas com os grandes... Eu tenho uma sequência de grandes projetos e sempre me aborreci no ter que fazer essa história. Um problema, aqui vocês de algum modo não têm por circunstâncias específicas, aqui na Fundação, não é? Mas nas universidades, nas universidades federais, há geralmente um investimento em pesquisa, você forma um grupo de pesquisa para desenvolver tal tema, tal problemática e tal. Esse grupo começa a acabar no último ano de elaboração da dissertação da tese do grupo de estudantes. Então censo de pesquisa no sentido, quer dizer... Encontra nos Estados Unidos, enfim, certos países europeus, enfim, acaba não se construindo. O que que acontece? Você treina os estudantes, quando eles viram interlocutores, quando você pode dialogar com eles de igual para igual, no máximo em uma diferença de experiência, mas às vezes tem estudantes, enfim... Tem vários ex-alunos que sem dúvida alguma escreveram uma coisa que eu nunca vou escrever. Acho fantástico, acho que a realização do professor é essa. Bom, e a possibilidade de alunos que teria... Seria muito bom que virassem pesquisadores. Se formam laboratórios disso e daquilo e você então potencializa as possibilidades de conhecimento tendo aquele grupo junto. Então o grande problema é que não há nada que garanta a continuidade desses grupos. Então, quando se acoplou essa história de ensino e pesquisa, acho uma coisa por um lado muito positiva, mas tem um lado que é essa coisa da pesquisa de longo prazo, isso continua sendo um ponto fraco desse sistema. Então o que a gente o tempo todo está tentando montar,

mas é um trabalho [difusíssimo], é tentar manter um grupo de pessoas com uma determinada formação e com a formação permanentemente em revisão trabalhando em torno de determinadas questões, então, não necessariamente temas substantivas, questões que a pesquisa empírica vai pondo. Caso que nós estávamos falando da antropologia da política e tal. Então, quando chega... O aluno se formou... É claro, ele vai fazer um concurso para outra instituição, a possibilidade de você criar grupos que juntem pessoas em instituições diferentes é complicada, você fica preso a programas que são, enfim... O edital tal do CNPq, então, por mais que você junte um grupo dois anos, três anos, e tal, acabou. Então, acho que uma coisa que é crucial nessa política acadêmica é se assegurar continuidade ao trabalho de pesquisa.

[FIM DA 2º ENTREVISTA]

3º entrevista: 10/09/2012

H.B. - Há um fecho só que a gente gostaria de fazer, em parte porque as suas pesquisas recentes não estão contempladas da mesma maneira, nos dois depoimentos, nos últimos dez anos, talvez, e umas duas perguntas que a gente faz a todos os entrevistados porque aí a gente cria também uma homogeneidade para comparações. Então quem sabe a gente pudesse conversar um pouco sobre as suas pesquisas recentes.

M.P. - Já tinha dito nas vezes anteriores que a partir do final dos anos 80, eu concentrei fogo na política. Falei da pesquisa inicial com a Beatriz, um pouco inspirada pelo fracasso do movimento sindical dos trabalhadores rurais nas eleições para a Constituinte e na reflexão que eles iriam fazer depois sobre isso. Então foi preocupado em entender como era possível, em lugares onde havia uma forte mobilização social e você tinha mobilizações consistentes, como foi possível um fracasso eleitoral daquelas dimensões. Isso inspirou inicialmente a pesquisa que era, concepções de política e ação sindical, e que foi em campos sucessivos, foi ganhado um novo contorno, virou uma coisa sobre a política, política de interior, depois era política também nas periferias de cidade. Já no NuAP o próprio trabalho da Karina, Câmara de Vereadores e do trabalho que se seguiu foram abrindo novas, quer dizer, o trabalho abriu novas perspectivas como outros colegas estavam também investigando temas que não eram

estritamente rurais e tal. E na própria área rural, nós vimos que essa separação, esse rural-urbano era meio complicado de ser formulado assim. Bom, já mencionei que no finalzinho dos anos 90 nós criamos o NuAP junto com colegas da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Brasília, o Cesar Barreira e Mariza Peirano formando comigo e com o José Sergio Leite Lopes o comitê, enfim, a coordenação do projeto, e esse foi um projeto que se estendeu por oito anos e deu resultados imensos. Só na coleção que nós tínhamos, foram 32 livros e mais alguns livros saíram por fora. Ao final do projeto a ideia nossa era dar continuidade a esse projeto e aí nos defrontamos com aquele problema de sempre, quer dizer, dimensionados outra vez, um grupo de pesquisas, um núcleo de pesquisas começa a terminar quando os nossos doutorandos entram no último ano das suas atividades, cada um vai escrever sua tese, depois vai buscar um emprego, fazer um concurso e tal, então se dispersa e às vezes a gente tem que começar quase do zero. E tentamos evitar isso, alguns colegas como o John Comerford, Ana Claudia Marques já tinham se situado institucionalmente, estavam dispostos a tocar isso e apresentamos aquele projeto “Millenium”, “Instituto Millenium”, tínhamos uma conexão grande com colegas argentinos que tinham atuado no NuAP também, Ana Rosato, e outros, e fizemos uma proposta. Nessa época também o [INAUDÍVEL] lá no Haiti, enfim, concentramos nos pesquisadores do Rio e solicitamos que Mariza, Cesar entrassem como consultores, uma coisa assim. A ideia era basicamente dar continuidade, desdobramentos que a pesquisa, por exemplo, nos levou a uma reflexão grande sobre a história de política e família, onde você tinha uma espécie de modelo, presente desde em clássicos como Nestor Duarte, enfim, Victor Nunes Leal, Marisa Isaura, mais recente, em que pensar essa coisa da política, da política tradicional como lutas de famílias e tal, esses projetos mostraram que são dimensões que não necessariamente coincidem, família é importante numa dimensão... mas uma série de estudos feitos mostrariam que se podia ir mais longe. Eu cheguei a fazer um texto em cima de trabalhos feitos pela Irllys Barreira no Ceará, caso do assassinato de um prefeito numa cidade cearense da região de Sobral... Só mencionar um trabalho que o Frederico Neiburg fez na Argentina, também sobre um assassinato de um político, e dois dos casos tratados pela Ana Claudia Marques na sua tese, que mexe com lutas de família no nordeste. Uma coisa me chamou a atenção, nesse trabalho da Irllys Barreira, é que era família, não lembro que nome, em que dois primos, um era prefeito, um era vice-prefeito, e finalmente o vice-prefeito teria mandado assassinar o prefeito e isso gerou uma tensão enorme no município e a Irllys acompanhou as eleições seguintes. Então a partir desse assassinato, que eles marcavam muito,

não era um crime de família, mas era um assassinato político, e que eles nunca foram da mesma família, então refizeram a genealogia da família, os avós de um e outro eram primos, mas que isso não significa que eram da mesma família e desde essa época que não era, então refizeram essa genealogia. O caso Frederico na Argentina era semelhante, sobre certos aspectos semelhantes. Era um assassinato que foi lido como crime político em Buenos Aires, era um deputado ligado ao partido peronista, mas na província tinha havido separação dele da mulher e tal, como crime de família motivado por coisa de herança e disputa lá do jornal que a família controlava, etc. Então essas coisas me fizeram voltar a uma determinada literatura, já no curso que tinha dado lá com o Castro Faria, John e Ana Claudia, nós tínhamos visto que as lutas de família, você pega um Costa Pinto, *Lutas em família*, a maior parte das lutas eram lutas dentro da família, então essa ideia de que essas cisões se deram dentro do que era considerado, até um certo momento, família. Depois repassando Gilberto Freyre no *Casa Grande e Senzala*, a mesma coisa, as lutas de família são lutas dentro das famílias que criam novas famílias, num processo de seccionamento dessas famílias. E essa é uma frente que vários de nós continuaram a mexer com isso. Então esse tema, por exemplo, era uma coisa que nós queríamos pegar nesse projeto. Infelizmente não foi aprovado, e nisso vieram os concursos, as pessoas um pouco se dispersaram e ficou um pequeno grupo de pessoas refletindo sobre isso. Alguns desses pequenos núcleos geraram outros trabalhos que, digamos assim, fora do NuAP, Ana Claudia lá em São Paulo, a primeira dissertação que ela orientou foi um estudo de eleições que envolveram lá um grupo indígena no Maranhão, depois encontrei na Unicamp um grupo que estava investindo nessa história de antropologia da política, enfim, por aí foi. E o NuAP como simplesmente uma nucleação, antes mesmo de ser uma nucleação, no NuAP ainda em atividade, como uma espécie de desdobramento daquela pesquisa - que Karina participou “Antropologia da política: rituais e representações de violência”- em determinado momento, por um lado precisava de um reforço financeiro, por outro lado porque havia uma coincidência de interesse, uma coincidência de observações de colegas lá do NuAP, nós fizemos um estudo sobre esses conselhos, essas experiências participativas, esses conselhos comunitários, conselhos municipais, as experiências de orçamento participativo que se multiplicavam naquele momento no país, o próprio IBGE andou fazendo levantamento em torno disso e tal. Essas pesquisas foram feitas, e agora recentemente chegamos a esse livro que foi publicado nessa coleção do IFCS.

K.K. - Do Programa de Pós-graduação em Sociologia.

M.P. – Isso. Realmente, quer dizer, não está em jogo apenas cada uma daquelas experiências empíricas, mas o que essas experiências revelam. Essa história, o que significa um conselho dentro de um município. Há casos em que, como se você criasse uma outra estrutura de poder, então surgem conflitos, novos tipos de conflito, etc, e em outros não, essa coisa é harmonizada. Então o executivo absorve os conselhos.

K.K. - Desculpe te interromper, interessante que o NuAP revigorou no Brasil inteiro esse tema, contribuiu e tudo, e ao mesmo tempo, eu te ouvindo falar, como um tema que é um tema de fundação dessa, pelo menos da política brasileira da república para cá, e ao mesmo tempo um tema muito contemporâneo que são esses novos formatos de participação que começam com experiências da própria chegada do PT ao poder e tudo, quer dizer, uma nova república mesmo, experiências muito recentes. Acabou detectando mesmo situações que fala um pouco do Brasil, que eu acho que os teus textos têm essa preocupação também, você conta um pouco nas entrevistas anteriores, desculpa, a pergunta está meio longa, mas para fazer uma ponte com algumas coisas que você fala como estava dentro do teu horizonte o pensamento social brasileiro, os próprios autores que você recupera, então no fundo esse Brasil que você está falando agora para a gente é um Brasil de... você falar um pouquinho dessa...

M.P. - Uma coisa que é interessante foi bom você lembrar isso, porque para além dos cortes disciplinares, a Sociologia, a Antropologia, sei lá, a Geografia humana, Etnologia o que for, as Humanas em geral, você tem uma produção que corta tudo isso, história, e que às vezes a gente não dimensiona a importância delas, vou dar dois exemplos. Eu me surpreendi, bom, vocês que fizeram curso de sociedades camponesas comigo em algum momento, quando li aquele texto sobre mediadores da Silverman, o que ela está fazendo, algumas décadas antes o Victor Nunes tinha feito. O foco, quando ela separa o mediador do patrão, o patrono, na relação de patronagem, ela mostra como você pode ter um mediador mais ligado ao próprio Estado do que alguma coisa que venha de baixo, etc, etc. O Vitor Nunes quando estabelece o compromisso com coronelista está fazendo isso, em cima de uma realidade determinada, está fazendo isso. Eu vejo, por exemplo, o Geertz naquele artigo dele sobre as aldeias balinesas, que é uma referência, virou uma referência, um texto realmente que foi extremamente importante, mas se a gente vai ao Oliveira Vianna, quando vai pensar no clã parental, no clã feudal, no clã eleitoral, ele está exatamente trabalhando com dimensões; se havia em certos autores, em certos momentos tendência de você um pouco substantivar as coisas, é preciso que... o Oliveira Vianna está dizendo que isso não coincide, são princípios diferentes que estão operando em

cada um, quer dizer, você tem uma... relações de algum modo se recobre, mas não são unidades sociais distintas, diferentes e tal. Então esse tipo de coisa. E mais recentemente tive uma experiência, para mim foi muito boa por várias razões, até pela, enfim, a relação pessoal muito forte que tive com ele, me pediram para fazer um prefácio para a republicação do *Engenho de açúcar no nordeste* do Manoel Diégues Junior. Diégues foi, realmente, uma figura extremamente importante, eu diria menos até como professor de Antropologia na PUC, era um tipo de Antropologia que eu não me identificava muito, mas, sobretudo como uma espécie de orientador. Trabalhei no Centro Latino Americano, sei lá em quantas pesquisas, eu e o Otávio Velho, tivemos várias experiências dessas, o Diégues gostava muito dos dois, e depois por conta dos primeiros trabalhos que eu fiz, eu li muito as coisas do Diégues, o *Banguê nas Alagoas* que é realmente um trabalho de peso e tal, e uma série de trabalhos do Diégues, desde aqueles espécie de manuais de Antropologia que ele produziu, até outros trabalhos. E o *Engenho de açúcar no nordeste* parecia uma coisa muito interessante, mas lia muito como uma síntese de outros trabalhos e tal. Quando eu fui fazer esse prefácio, fiquei... Primeiro já anos tinha lido, acho que era terceira, quarta vez que eu li, mas para fazer o prefácio adotei um outro olhar; e percebi que o Diégues resolvia um problema, apontava para a resolução de um problema que nós não... depois de anos trabalhando em cima da *plantation* canavieira não tinha percebido. Ao lado da coisa da *casa grande*, ele distingue diferentes, assim, o termo que ele... como se fossem diferentes centros de relações sociais no engenho, a casa grande é uma, as casas dos moradores ou dos escravos é outra, a capela é outra, o barracão de engenho é outra. Nisso, eu percebi que eu estava, até então, supondo que a linguagem que unia o senhor de engenho ao morador era a mesma que unia o barraqueiro, que às vezes era o próprio senhor de engenho, ao morador devedor do barracão. Eu percebi que a linguagem é diversa, enfim, tinha que olhar de novo para isso. A mesma coisa a história da capela, que você pega toda literatura que mexe com isso chama a atenção para momentos em que há algum choque entre a capela e a casa grande. Há padres que fogem desse esquema de dominação do senhor de engenho. Quer dizer, o grande problema é que parecia haver um movimento da parte do senhor de engenho para controlar todos esses feixes de relações, eram feixes de relações diferentes. Isso abre, issomultiplica a nossa capacidade explicativa do que se passa dessa história, você entende uma série de coisas que pareceriam meio incompreensível, como falhas de modelo em que você *absolutisa* o senhor de engenho, o escravo, depois o morador, então ou uma coisa ou outra. Enquanto você tinha realmente, quer dizer, são relações às vezes envolvendo as mesmas

peessoas, às vezes não e tal. E a mesma coisa quando ele fala da casa do morador, quer dizer, essa ideia de que... Bom, o próprio Nestor Duarte formula alguma coisa desse tipo, de que o escravo não tem família, mas a senzala era uma espécie de... os tentáculos da família patriarcal chegam até a senzala a partir das relações sexuais e, às vezes, a procriação que surge entre o senhor de engenho e a escrava e coisas desse tipo. Bom, mas só que desde que começaram esses estudos, historiadores que investiram nessa coisa de família escrava no Brasil, sobretudo a partir dos anos 80, a coisa muda de figura. E aí você vê, quer dizer, você pensar a casa do morador também isso não... não pensa a casa do morador pensando apenas a casa grande. Então essa coisa do Diégues é absolutamente sintética, mas me parece um achado. E além de uma série de coisas desse tipo. Houve aberturas nessa direção.

K.K. - Acho que você ia falar desse projeto novo do agronegócio?

M.P. - Isso. Já chego lá. Mas a outra coisa que... Isso cheguei a fazer, com essa coisa do tempo da política, repassar os estudos de comunidade, pelo menos aqueles mais conhecidos. E tinha lido, imagino que a maior parte das pessoas tinham lido, quando você volta a esses estudos, enfim, essa coisa aparece, às vezes, inclusive, a própria expressão, tempo da política. Essa alteração que a sociedade sofre naquele momento, naquele período, e acho que devo ter mencionado aqui da outra vez, a coisa do Willems, que quando eu li a primeira vez eu fiquei impressionado, porque até a estratificação social era ligada a política, isso e aquilo. Depois desse nosso projeto todo, volto ao Willems, vou lá procurar o período que ele fez esse trabalho de campo e batia em cheio com o período eleitoral.

K.K. - Oracy Nogueira, [inaudível].

M.P. - Isso. No Oracy que tem aquela coisa histórica, aí foi o Marcos Octávio que percebeu que também não havia coincidência entre família e facção política, que eram também dois princípios que andavam sempre muito próximos, mas não coincidiam, não podiam ser confundidos um com o outro. Bom, mas voltando ao que eu estava dizendo antes, esse projeto, depois desses anos todos, nós, quer dizer, foram entrando alguns projetos como esse que deu origem ao livro, que foram complementando isso e aquilo, e mais adiante, algumas pessoas, o Marco Octavio Bezerra continuou trabalhando nessa frente, mais algum tempo, levou a alguns artigos publicados e tal. De qualquer forma o núcleo de pesquisadores, no NuAP começou a ser solicitado para outro tipo de coisa. E uma área que eu tinha trabalhado, era essa área, enfim, da questão agrária, para formular, botar um rótulo impreciso, mas enfim, e no início, estava rolando ainda o nosso projeto 'Antropologia da Política' quando recebemos a solicitação do

NEAD do Ministério do Desenvolvimento Agrário, eles queriam pesquisa sobre os assentamentos, os assentamentos em reforma agrária. Então junto com os colegas do CPDA, Sergio Leite, Leonilde e Beatriz Heredia do IFCS, fizemos um projeto que, enfim, um período relativamente curto, aplicando questionários, mas jogando também com... tentando minimamente valer de etnografia, e produzimos um livro *Impacto dos assentamentos de reforma agrária no Brasil* que foi uma experiência bem interessante.

M.G. - Tinha recurso da Ford também, não tinha para esse projeto?

M.P. - Nesse não, o outro, no agronegócio que entrou. E esse projeto também, levou a alguns desdobramentos. Ainda mexendo, e como não paramos de mexer com essa coisa da política, surgiu aí uma outra demanda de caráter... no meu caso que tinha mais a ver com a minha militância na CONTAG do que propriamente com investimento intelectual, que foi a história do Memória Camponesa, que já tinha mencionado. Muito tempo atrás, início dos anos 90, o José Francisco da Silva dirigiu a CONTAG muito tempo, tinha me sugerido fazer, um pedido para eu fazer um balanço sobre o que tinha sido a repressão no campo que era muito anterior ao próprio golpe militar que tinha se acentuado nesse período. E eu, na época, “não tenho como, tantas mãos e tal”. E nessa época houve um pequeno intervalo, depois também vários dirigentes importantes...

K.K. - Só para situar, o impacto dos assentamentos saiu em 2004, quando você fala nessa época seria um pouquinho posterior?

M.P. - Isso.

K.K. - No Acre termina em 2004 também?

M.P. - É, o projeto NuAP, Antropologia da Política, termina em 2004, começo de 2005, fechamos em abril de 2005, oficialmente termina aí. Então, já nessa época estavam começando essas sondagens da Memória Camponesa e esse dos assentamentos bateu com o Acre, foi em 2000, 2002, se não me engano. O projeto foi de 2000 a 2002 e nós publicamos em 2004. Mas acho que em 2005, 2006. Enfim, houve algumas lideranças importantes morreram, eu disse: “esse projeto não vai sair”, conversando com Elisa Guaraná que estava fazendo doutorado comigo ou ela já tinha terminado, não sei, estava na Rural organizando um centro de documentação, Leonilde Medeiros do CPDA que também estava as voltas com a organização de um centro de documentação, eu levantei, enfim, falei dessa coisa que me havia sido proposta há muito tempo, mas eu não sabia como fazer. E a Elisa Guaraná deu uma boa solução, disse: “por que não? faz um seminário, chama, aqui no Rio a gente pode se juntar”, e se criou um

esquema de cooperação em que a Rural entrou, sei lá, com os cartazes, o IFCS cedeu o auditório, nós fizemos serviço de secretaria lá e tal, reunimos lideranças que nós sabíamos que estavam ainda vivas, algumas ainda atuantes e fizemos o primeiro seminário, acho que você estava, aquele seminário aqui do Rio, fizemos um primeiro seminário e quando estávamos finalizando o seminário o Caio França do NEAD soube, se mostrou interessado e queria colaborar. “Quer colaborar? Me dê duas passagens para o pessoal dos sindicatos do Rio Grande do Norte, para sindicatos de Pernambuco” então vieram, pessoas que participaram desse movimento. E o seminário aqui rendeu enormemente, foi feito o seminário e o seminário foi filmado, gravado essa história toda. Então editamos um filmezinho e partimos. E o pessoal do Rio Grande do Norte voltou e lá se organizaram entre eles e começaram a providenciar o seu, o de Pernambuco e fomos fazendo isso e nisso o NEAD abriu a possibilidade de dar um financiamento. Então cobrimos nove estados e tal e conseguimos um material, cada um desses encontros varia entre 11 e 23 horas de gravação e filmagem. Estou inclusive querendo já, problema de tempo, fazer aquela edição mínima, alguns desses resultaram em vídeos de 30, 50 minutos, mas eu estou querendo fazer aquela edição mínima para disponibilizar o material bruto para todos os pesquisadores ou para os movimentos que queiram e tal. Isso, realmente, não tive tempo, condições, algumas negociações com o NEAD, com outras entidades. Nesse projeto algumas pessoas também entraram nele, colegas do programa, de outras instituições e algumas, como José Sergio Leite Lopes, vem investindo nessa coisa da memória há muito tempo. Depois, hoje, a Marta Ciocari também tem investido nisso tal. Não era a minha preocupação... Meu conhecimento sobre literatura, essa literatura em torno de memória não... Então apesar dos encontros terem me estimulado a certa reflexão, isso espero em algum momento investir mais nisso. O que me chamou atenção, a mim pessoalmente, que me interessou, eu comecei a redigir um trabalho, não fui até o fim, eram as próprias reuniões. Então nós tivemos coisas absolutamente incríveis. Eram pessoas que não se viam muitas vezes décadas e que tinham passado por experiências comuns muito marcantes, e outras que se conheciam de nome, nunca tinham se visto, no período que estavam na militância...

K.K. - A própria pesquisa motivou...

M.P. - Esse encontro. Então esse encontro realmente teve coisas incríveis. Não sei se o Mario se lembra, aqui no Rio, por exemplo, teve usam coisa curiosíssima. Uma senhora que era uma líder camponesa aqui na região de Cabo Frio, o conflito durou 25 anos, isso e aquilo, dona

Rosa, realmente o depoimento dela era, assim, uma coisa... Depois eu fiquei sabendo que ela já tinha partido, sindicato, já tinha feito programas de rádio, isso e aquilo, ela...

K.K. - Comunicadora.

M.P. - É. Ela sentou, pedindo desculpas ali na universidade, foi sentando, falando, e foi, de repente, ela tinha um problema na perna, ficou em pé, falou: “agora eu vou falar em pé por isso por aquilo” e, mas essa parte, eu só sei direito, foi em versos, e foi uma coisa. Enquanto isso, as pessoas fascinadas, e eu estou vendo um outro dirigente que era do grupo Tenorista daqui da Baixada, que começou num pedaço de papel a fazer umas coisas isso e aquilo e foi, foi, foi abre os debates, e aí um rapaz de Goiás, estudante, que estava passando por aí, já interpelou em versos, e depois esse dirigente aqui da Baixada ele tinha feito uma rosa para ela e foi entregar. Então a coisa emocional e as situações que surgiram nesse e vários encontros foram muito especiais. Eu comecei, então, a tentar refletir sobre isso, sobre esse tipo de encontro. Mas enfim, há um material que pode ser muito útil para antropólogos, sociólogos, historiadores, que foi disponibilizado, depois acabou sendo usado, isso também foi o NuAP que... já o NuAP pós o período do projeto Antropologia da Política, que fez negociações, que foi esse levantamento sobre a repressão no campo durante a ditadura; me convocaram para uma reunião em Brasília e a Secretaria de Direitos Humanos e Ministério da Reforma Agrária, se tocaram que não havia nesses levantamentos feitos e mortes e desaparecidos, praticamente não havia nada do campo, quando todos sabemos que, sobretudo no primeiro momento, a repressão mais pesada foi no campo. O medo das ligas camponesas, o medo desse movimento dos sindicatos, movimento para a reforma agrária, etc, então assassinatos, além de prédios da Liga destruídos, intervenções abertas ou disfarçadas em sindicatos, a censura ao termo camponês na imprensa desapareceu, e coisas dessa ordem. Então queriam fazer isso e havia um empasse porque tinham alguns colegas estavam investindo já nos estados, nos arquivos do DOPS, mas eles queriam isso. Foi em julho de 2010, e eles queriam ter o livro pronto até o final do ano, que havia a mudança de governo, a Dilma ia assumir, essa coisa. E então conversamos, tinha gente da Universidade de Pernambuco, Universidade de Minas Gerais, as federais, enfim, outras pessoas, e, simplesmente o que saiu da reunião é que cada um manda um e-mail dizendo que contribuição pode dar. Como eu já tinha, talvez, uma vivência mais próxima da coisa, aí boleei um roteiro e sugeri ao Caio França que estava à frente da coisa, era um jornalista que ia fazer a coisa, que mandasse o jornalista dele para o Rio, porque nós tínhamos um arquivo bastante rico e além disso tinha o arquivo do centro de documentação da Leonilde e a Biblioteca Nacional, onde

you have collections like *Terra Livre* and others, and that then I put it at your disposal and I would suggest a route. And Caio topou. But he already said that I had two recent PhDs who had experience in journalism, if he didn't have anyone who could... It failed there the journalist he hired, he hired Marta Ciocari, Ana Carneiro, they discussed there, I said this route is just a suggestion, they preferred to do something biographical, and from that came that book about repression in the field, which I think had a certain impact, something was not covered, etc. Then this occupied also, it was more the own archive there of NuAP. NuAP it was taken extensively, things that we had accumulated of researches in the 70s, in the 80s, in the northeast, other areas, things that I had brought from my experience at CONTAG, etc. Good, but just to get closer and finish, then now, in this moment, Marta Ciocari was... we were invited, Marta has to transform this larger book into a collection of biographies of these leaders or of events that were important in this matter, it is there, three books are practically ready and it is in the negotiation of this project and such, that it will not necessarily go through NuAP, but that as it is, Zé Sergio is very involved in this also, etc. And parallel to this there was this thing of agronegocio, to say, how is it that it was put there? Good or bad, in the long run of these years, I still in graduation already had participated in some researches in rural area, a research about emigration in the Northeast, the father Fernando Bastos de Ávila oriented, and that after, I mentioned, our material was destroyed when the PUC came and destroyed our directory, it was archived there the thing. It is possible that there is some thing left here, I don't know, but after the experience in the period that I was in Bahia when there was the study of Social Sciences, with Thales de Azevedo, this thing all, in fact, I participated in at least two researches, doing field work, this thing all, and after from the 70s, systematically, in the canavieira area of the northeast, after with some then students spreading in Paraíba and Alagoas, and students also working here in Minas Gerais, in Rio de Janeiro, in other areas, in fact; I already had a while before told you and had talked with Sergio Pereira Leite there of CPDA, that I didn't know, I asked him if he had something, researches done in the called modern agriculture in Brazil, and the people looked and, basically, they didn't have anything. You already had, in this matter, especially from the 80s, an important number of researches about the small agriculture in the south, this articulation with the agroindustry, of the small farmer with the agroindustry and such. But the modern farms, modernized and with... post-modern, practically they didn't have anything, especially in anthropologists. The geographers were already investing

nisso, quando começamos a ir atrás da bibliografia, você que está lidando com isso também deve ter visto, havia um investimento importante da geografia. Então, já uns anos antes, tinha comentado com Sergio Leite, não valeria a pena investirmos nessa área. E nesse momento surgiu a Fundação Ford, estava interessada nessa coisa da expansão da soja, mas preocupada, sobretudo com a Amazônia, estavam preocupados com a soja chegando ao Pará. E nas conversas que tinham sido retomadas por nós, nossa preocupação não era tanto com a coisa da fronteira, até porque a problemática de fronteira, a problemática ambiental não estava... claro, partilhamos das preocupações de todo mundo, mas não era um foco de pesquisa. E para o que nós queríamos seria interessante pegar aquelas áreas onde o avanço tecnológico era maior, mas ao mesmo tempo você tinha, digamos assim, resultados econômicos já apreciáveis.

K.K. - Quando você fala “nós”, quem faz parte desse “nós”?

M.P. - Esse é o grupo que tinha feito a pesquisa anterior dos assentamentos, quer dizer, basicamente Beatriz Heredia, Sergio Leite, Leonilde Medeiros e eu. E algumas pessoas que já tinham, como a Bibi Cintrão, que já tinham trabalhado na pesquisa anterior e no que nós começamos a pensar na coisa convocamos o John Comerford e a Ana Claudia Marques que também demonstravam interesse por isso. E então finalmente negociamos com a Fundação Ford esse projeto, fizemos um *survey* nas regiões ditas de agronegócio, isso antes mesmo que tivéssemos financiamento, já começamos a investir nessa coisa, como agronegócio existe nos textos, onde é que surge esse termo, dez anos antes se falava muito na agroindústria, nos complexos agroindustriais, mas agronegócio não aparecia. No início dos anos 90 começa o negócio do *agribusiness* da própria Abag, Associação Brasileira *Agribusiness*, começa a ganhar força, mas nos anos 80 isso inexistia, quer dizer, não que não existissem fazendas desse tipo, mas socialmente isso não existia, isso fomos ver, foi sendo produzido nas instituições como Abag outras e tal, e dentro das universidades, é um processo extremamente interessante. Então já começamos isso, negociamos com a Fundação Ford, então tivemos um financiamento da Fundação Ford, que depois ampliamos com o financiamento do CNPQ e por último financiamento da Faperj, fizemos um *survey*, escolhemos como as duas regiões para pensar em determinados contrastes o norte do Mato Grosso, a área da BR-163, e o Triângulo Mineiro porque pensamos em não pegar apenas a soja, pegar outros produtos. E no Triângulo o que tinha nos impressionava essa experiência do café do cerrado, e o contraste, no caso do Mato Grosso, era uma área que era considerada território vazio, apesar de... já sabermos um pouco como foi esvaziado esse território, eram grupos indígenas que foram afastados, antigos

seringueiros ainda na várzea de alguns rios que foram também expulsos, grilagem, negociação de terra, mas, em tese, era uma área não povoada. E no caso do Triângulo, você tinha uma área já ocupada há muito tempo, essa combinação gado e agricultura, sobretudo com ênfase no gado, o cerrado era o lugar onde o gado era solto em determinadas épocas do ano, essa história toda, então achamos que seria um contraste interessante. O que nós encontramos nesse *survey* em Mato Grosso era como se os do lugar fossem os gaúchos, e os de fora eram os maranhenses, os nordestinos que viriam. Em Minas é diferente, em Minas os mineiros estavam lá e tal. Então os paranaenses, os paulistas em alguns municípios gaúchos eram vistos... Então já havia um esquema, uma sociedade com suas instâncias de poder próprias com espaços ocupados, não era essa... No Mato Grosso, inclusive a própria divisão municipal, você tinha, quando nós fizemos a reconstituição de mapas, quando você pega os anos 40, praticamente era um município só, toda a área da BR-163 que ia lá do que seria hoje o limite do sul, de Cuiabá até a divisa com o Pará, era o único município. Então havia uma série de transformações em curso e uma das coisas foi isso, essa mudança da própria divisão política administrativa. Então o contraste nos pareceu que seria muito produtivo. E havia, também, pensamos em determinado momento, em investigar o oeste baiano, aquela área de Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, onde também, aí não só a soja, mas, sobretudo nos últimos anos, o algodão teve uma expansão muito forte e, inclusive, já estavam criando um polo industrial, quando nós tivemos lá em torno de Luiz Eduardo de Magalhães. Mas faltava pernas para tanta coisa. Então concentramos... houve alguns estudos do pessoal do CPDA lá na Bahia, nós nos concentramos no Triângulo Mineiro, sobretudo na região do alto Paranaíba e no Mato Grosso. E foi uma...

M.G. - O Marcos Otavio não participou também?

M.P. - Participou. É, não, porque nós estabelecemos uma estratégia em fazer dois estudos de área e alguns estudos, que nós dizíamos *transversais*. Então o Marcos, a ideia era que o Marcos pensaria políticas públicas diferentes níveis, federal, estadual, municipal nessas duas áreas. Infelizmente ele não pode fazer como gostaria porque a própria equipe que ele tinha montado, os alunos desertaram, ficou meio prejudicado, mas ele escreveu sobre isso, comparando as duas áreas. Então alguns pesquisadores ficaram tentando fazer esse olhar. E criamos duas equipes, uma com a Ana Claudia Marques em Mato Grosso, outra com o John Comerford no Triângulo Mineiro e houve um momento, aí já um *survey* dentro de cada região, uma espécie de trabalho mais coletivo e depois os pesquisadores foram desenvolvendo seus temas e tal. Aí algumas dissertações de mestrado, até agora tem uma tese de doutorado, tem mais duas em andamento

e fizemos um relatório final para o CNPQ, que foi de um período menor, e depois para a Fundação Ford e estamos transformando em livro. Mas a ideia é fundamental, porque eu falei um pouco de como foi armado, era de nós tentarmos, de algum modo, mapear as relações sociais na área do agronegócio. Geralmente quando se fala em agronegócio ou você pensa numa situação em que se tem simplesmente máquinas operando, e essa enorme produção, e a balança comercial sendo sustentada em parte devido a isso, ou então aquela crítica que diz: “não, mas é a área do trabalho escravo”, disso e daquilo, denúncia ou exaltação como uma coisa absolutamente moderna e de vanguarda, essa história toda, ou a crítica pelos seus efeitos, pelas populações que desalojou, pela presença do trabalho escravo, por toda uma série de coisas. Mas a gente não consegue perceber, isso é uma dificuldade que eu tinha, não conseguia visualizar, enfim, que sociedade é essa, o que nós encontramos nesses lugares. Se você fala da área canavieira do Nordeste ou mesmo de São Paulo, você imagina, você tem uma imagem em forma das áreas de criação tradicional, mesmo das áreas de criação mais modernas, ou da pequena agricultura do Sul, você tem uma ideia, nessa coisa do agronegócio, um vazio. Então era um pouco uma espécie de estudo exploratório em que nós tentávamos cobrir esse conjunto de relações sociais. Alguns colegas, no caso, por exemplo, do CPDA, o Sergio Leite, alguns que trabalhavam com ele, economistas de formação, tentaram avançar nas questões mais propriamente econômicas. Mas os outros, sociólogos, antropólogos se voltaram para entender como é que funcionavam as relações sociais aí. Não sei se tem problema de tempo aí. Então surgiram algumas coisas interessantes. Primeiro essa história de gaúchos e maranhenses, que gaúcho não é quem nasceu no Rio Grande do Sul é um termo genérico, geralmente pega os sulistas, mas eventualmente incorpora também não sulistas, e maranhense pode ser qualquer nordestino, estou mais simplificando aqui para dar uma ideia. Primeiro essa grande oposição, depois a segregação nessas cidades, na cidade como Sorriso era impressionante porque são cidades planejadas, modernas, enfim, com todos os serviços urbanos que a gente tem, às vezes até melhores do que os nossos, serviços urbanos perfeitos, e me surpreendi porque num período de eleições – o uso da internet nas eleições, no processo eleitoral – e o candidato que dá o seu site na internet, coisas dessa ordem. Não investimos na política até para não... porque sabíamos que a coisa iria tirar nossa atenção. Esse é o lado dos gaúchos. Os nordestinos, maranhenses são sempre do outro lado da estrada, no caso de Sorriso, ou eles se referem como sendo o outro lado da estrada, às vezes é até do mesmo lado, mas mais distante, é uma segregação forte. Se por um lado você tem relações eu diria até muito democráticas, se compararmos com áreas

como o Nordeste mesmo, áreas de grandes propriedades do Sul, quer dizer, às vezes você tem gaúchos que têm fazendas imensas, outros que têm, sei lá, 400 hectares, que na área é considerado pequeno, e o relacionamento entre eles não parece sofrer nenhum problema. Mas entre um lado e outro, com os maranhenses há um corte, inclusive casos de segregação mesmo. Uma professora contava que foi recusada numa determinada outra cidade por ser maranhense. Então são dois mundos. O que não quer dizer que não se comuniquem, quer dizer, há trabalhos como empregadas domésticas, isso e aquilo, mas não circulam na cidade, a coisa é muito... Coisas dessa ordem. Depois coisas também, para nós...

K.K. - Essa questão da migração ganha bastante relevância, não é?

M.P. – É, exatamente. E a coisa da migração, tem uma coisa que vários de nós está voltando a mexer nesse momento, porque já nas pesquisas dos anos 70, sobretudo o trabalho do Afrânio Garcia com o Sul, *Caminho do Roçado*, mas até a tese do que o livro definitivo, esse trabalho já apresenta uma visão diferente daquele que seria a grande migração para o Sul, para o Sudeste, Rio – São Paulo. E trabalho do Afrânio, e depois um trabalho que eu não conhecia, mas mais ou menos da mesma época, uma dissertação de mestrado da Marilda Menezes feito em São Paulo, na periferia de São Paulo, se viu que essa... acho que toda... vocês são muito novas, mas a minha geração é como se o Nordeste tivesse se deslocando todo para o Sul, aquela história toda. E uma coisa que fica clara na história do Afrânio é que você tinha, era um movimento de ida e vinda, então eram grupos de irmãos e cunhados que desciam para trabalhar na construção civil no Rio de Janeiro, e sete anos depois, voltavam e os que tinham ficado lá vinham. Uma coisa que na época não chegou a ser explorado, percebi e tivemos depois pensando em torno disso, era que o centro da família não estava necessariamente na Paraíba, como nós pensávamos, ali onde estava a terra. Às vezes a terra era uma pequena propriedade, continuava lá, mas o chefe da família às vezes estava no Sul. E também se espalhavam às vezes por outras cidades. Na mesma época Alfredo Vargas e eu fizemos um trabalho criticando essa coisa de migração, mas isso dava outra dimensão na migração. Acho que já falei disso. Agora nessas áreas, nos chamou atenção isso, quer dizer, quando começamos a conversar com os gaúchos, esses gaúchos já se deslocavam muito antes de ir para o Mato Grosso, esses movimentos nessa faixa do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná...

[FIM DO ARQUIVO 01]

M.P. - Percebemos que esses gaúchos, já havia uma mobilidade dessas famílias entre esses estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Então às vezes um filho estava em Santa Catarina, o pai estava... depois virava, então havia uma circulação mais ou menos permanente. Então esse deslocamento para o Mato Grosso, não é exatamente excepcional, nem eles fecham o seu negócio no Rio Grande do Sul ou no Paraná, onde fosse. Então isso nos dá elementos para repensar isso aí. E do mesmo modo a coisa dos maranhenses. Os maranhenses também já se movimentavam, não começaram periodicamente vender a sua força de trabalho lá nas fazendas de soja ou de algodão, já há muitos anos desciam para Minas, São Paulo e, às vezes, norte do Paraná. Então, de repente aparecia uma oportunidade mais próxima, mas se a remuneração não estava satisfatória, eles continuam descendo. Você encontra esses trabalhadores, eles vêm do Maranhão, aí do Maranhão mesmo, às vezes “maranhense” envolve outra coisa, então já faziam esse movimento. A mesma coisa no caso do Triângulo Mineiro em que, aí eram os paulistas e os baianos, as duas grandes categorias nessa área do café do cerrado. Tem uma área de soja ainda, funciona essa coisa dos gaúchos e tal. Aí também, todo nordestino é baiano, e depois na história, no curso que eu estava dando ‘Antropologia e Literatura’ vi que o Guimarães Rosa falava dos baianos já passaram naqueles pontos do *Sagarana*, em 1939, então esse é um movimento constante. Mas no caso do Triângulo também; os paulistas muitas vezes eram paranaenses que reivindicavam, tinham vindo do Paraná, às vezes nascidos no Paraná, mas faziam questão de marcar a sua condição de cafeicultor ligados à cafeicultura paulista. Os pais, os avós plantavam café em São Paulo, foram para o Paraná, alguns inclusive prosperaram e tal, e a partir de determinado problema que surgiu no Paraná eles foram para Minas. Então havia, quer dizer, essas populações já se movimentavam, não era aquela coisa parada. Às vezes a gente concebe o colono no Sul como alguém que chegou, recebeu seu lote, está ali. E ao mesmo tempo esses movimentos são importantes de serem pensados, sobretudo a primeira leva de gaúchos que vão para o Mato Grosso, eles voltam para casar no Rio Grande do Sul e mesmo no período que estivemos lá, imagino que já tem alguns anos, dois, três anos...
H.B. - De certa forma reforça a ideia de segregação.

M.P. - Continuam casando entre gaúchos, casam lá, casam em Mato Grosso, mas com gaúchos. E regularmente, as festas, eles fazem viagens, inclusive teve um dos membros da pesquisa, estudante do CPDA, que fez uma dessas viagens em época de festas para o Rio Grande do Sul. Então eles reúnem a família no Rio Grande do Sul. E ao mesmo tempo você chega no lugar, jogam o filho mais para frente. Esses movimentos são administrados pela família. Então já há

coisas no Maranhão, por exemplo, não há disputa de terras entre gaúchos e maranhenses aí. Tipo de agricultura, o tipo de terra que os maranhenses procuram não é aquilo, não é o cerrado. Então aí, ganhar dinheiro, o dinheiro que eles conseguem investem no próprio Maranhão, ou comprando terra ou comprando um pouco mais de terra ou montando um negócio, e a família diferentemente da família do Rio Grande do Sul está muito centrada em torno da figura da mãe. Então a grande referência desses trabalhadores que descem para o Mato Grosso, quer dizer...

K.K. - A mãe fica ou a mãe que vai?

M.P. - Não, a mãe fica no Maranhão. O Maranhão continua sendo referência, eles se sentem ali como estrangeiros. Então, nos dois casos são famílias, são estratégias familiares que estão em jogo, mas com configurações de famílias diferentes e que de algum modo trombam, não é aquele negócio de conflito, estão disputando a terra, não, há conflitos, mas não estão disputando uma mesma terra.

K.K. - E há uma divisão social do trabalho também, não é?

M.P. - Sim. Divisão social do trabalho, sem dúvida.

K.K. - Porque em termos teóricos de certa forma, essas pesquisas, só as de hoje, não estou nem retomando, mas elas todas estão conversando com algumas preocupações que você traz de muito tempo.

M.P. - Claro, sem dúvida.

K.K. - O Bourdieu continua sendo um autor importante para pensar? Que autores estão mobilizados um pouco nesse tipo...?

M.P. - O Bourdieu continua sendo um autor importante, várias pessoas também que estavam ali em torno do Bourdieu, esse é um diálogo que continua aberto. Acho que eu tinha dito isso da outra vez, nunca tivemos a preocupação e sermos *bourdieusistas* ou coisa que o valha. Acho que eu cheguei também a mencionar isso, um dos meus senões com alguns dos seguidores mais próximos do Bourdieu é que o Bourdieu exatamente, em princípio não aceitava isso, a ideia dele era uma coisa aberta, de você não: “eu estou dizendo aqui, minha teoria é essa e acabou “.

K.K. – Incorporando a própria mudança.

M.P. – Os conceitos, ele questiona essa coisa das teorias substantivas e os conceitos que ele vai investir como campo, a ideia de campo, campo não existe substantivamente, instrumento de pesquisa para você... Entende?! A mesma coisa o *habitus* que ora foram absorvidos, a velha personalidade da cultura e personalidade, ora aos hábitos propriamente ditos, os costumes... Não era isso, não era por aí que ele ia. Ele se refere a *habitus* profissionais, a *habitus* de classe,

enfim, há uma multiplicidade e tal. Ele próprio chamava a atenção que não... Para entendê-lo você tinha que pegar a trajetória toda dele e não pegar momentos da obra. Pode soar uma coisa pretenciosa, mas não é, é porque nenhum autor é parado no tempo. Não adianta você, pega um autor: “é isso aqui”. Mas exatamente essa história de você voltar sempre aos mesmos objetos etc. Por isso exatamente, por esse lado relacional é que o Bourdieu continua sendo uma referência, para mim, central. Mas, por exemplo, ele não tem um autor também fixo, já, não no período que eu convivi com Bourdieu, não se colocava desse jeito. Mas um autor que eu acho que dá elementos para você repensar essa coisa da família, sobretudo essa coisa família e mercado de trabalho é o Claude Meillassoux. O Claude Meillassoux, no *Femmes Greniers et Capitaux*, ele chama a atenção para essa coisa que o Marx pensou na reprodução do capital, mas não teve tempo, não chegou, por alguma razão, a pensar o problema da reprodução da força de trabalho. Um pouco isso que eu estou dizendo da trombada tem a ver com essa história deles. Quer dizer, as famílias que oferecem sua força de trabalho, elas têm uma lógica de reprodução, que não é ditada pelo capital, há momentos, há lugares que se encontram com o capital no mercado, se encontram com o capital, aquela coisa do Marx, dentro da fábrica, etc. Bom, e uma série de coisas, ainda dentro dessa coisa da família, o próprio Eric Wolf que evoca, o Schumpeter, que evoca o Marx e o Engels dizendo que eles não se referiam propriamente ao operário, se referiam a famílias operárias. O que não significa que sejam famílias configuradas de uma determinada maneira, mas que, quer dizer, essa situação do trabalhador individualizado diante dessa coisa impessoal que é o capital e tal, isso, primeiro, é uma construção modelar, é um modelo, mas, de fato, cada um desses lados tem suas regras próprias de reprodução, ou de produção, reprodução até. Mas vocês iam perguntando alguma coisa.

H.B. - Eu queria fazer uma pergunta bem geral. Num certo sentido recupera a sua reflexão nesses três tempos. Os temas que você traz, as questões que a sua pesquisa e que os estudantes que você formou, são temas que são clássicos da Sociologia, da Ciência Política, e com essa entrada muito interessante da Antropologia que já é uma tradição que você tem um papel fundamental, inclusive, nisso. E eu fiquei pensando, em algum momento, você percebe como diferença o fato de você estar da Antropologia pensando isso, ou isso não faz diferença, ou isso faz diferença no interior de grupos de antropólogos, por exemplo, como você vê essa relação de uma abordagem, que é um pouco metodológica, mas é também um pouco até de definição de recorte, de tratamento. Que diferença a Antropologia faz num tipo de pesquisa como a que

você nos relatou tão ricamente, que a gente identifica com as questões centrais dos campos das Ciências Sociais?

M.P. - Não me lembro tanto do que disse [risos], mas quando eu estava pensando em me definir profissionalmente, eu pensava na Sociologia. As experiências com a Antropologia não me seduziam muito. O tipo de Antropologia com que eu me defrontei na época de faculdade, não... Bom, tinham algumas coisas que me tocavam, mas fundamentalmente eu estava, enfim, pensando em termos de umas sociologias, referências teóricas, eram esses grandes teóricos da Sociologia, etc. E a Antropologia foi entrando um pouco, digamos assim, pelos lados. E depois quando eu vim para o Museu Nacional, havia aquela história de áreas de concentração, eu vim para a Sociologia. Naquela história de dar nome, número a curso, você tinha, como é que é? A N... coisa assim... Estou somente lembrando isso, não tinha essa pretensão, sei lá, de fazer Antropologia diferente de Sociologia, etc. Só que de um lado, o tipo de sociologia que eu conheci, por exemplo, através do Bourdieu, é uma sociologia que tem muito a ver com a antropologia. Já foi uma primeira aproximação, mas, sobretudo depois que cheguei no Museu, esse contato com antropólogos, com a literatura antropológica, eu precisava enfrentar, então fui percebendo que havia maior contato entre aquilo que o Bourdieu e outros autores estavam fazendo na época, e a Antropologia, do que aquilo que estava sendo feito pela Sociologia, falando naturalmente em termos genéricos. E fundamentalmente...

K.K. - Só uma pergunta, você está indo justamente para Manchester e o Gluckman, e você, pelo menos o Bailey, alguns autores que são ligados a chamada Escola de Manchester são muito importantes para as tuas reflexões. Isso também seria uma entrada para a Antropologia, os africanistas?

M.P. - Ah, sim, sim. Nisso que eu... Só fazendo a ponte, uma das coisas era essa, esse problema de como você lidar de um lado com a teoria, como juntar isso com o seu material empírico, que é um pouco o drama de todos... Todo mundo faz pesquisa em Ciências Sociais. E pareceu que a Antropologia, o investimento feito na pesquisa etnográfica, isso foi ganhando um formato que, para mim, era mais consistente do que o que se estava tentando em outras Ciências Sociais, por exemplo, a Ciência Política, sem dúvida nenhuma, tem contribuições notáveis, mas há um formalismo muito grande na coisa dos recortes. O que a Antropologia foi abrindo para mim, era você tentar relativizar esses recortes que você opera. Se há alguma objetividade em jogo ela passa por uma reflexão crítica sobre a sua própria suposta objetividade. Então essa coisa dos recortes e a coisa da política veio muito por aí, Karina, sempre me chocava esse negócio

de: você vai estudar política, então tem todo um conjunto de conceitos, é Estado, é governo, é isso, é aquilo, nação, bom, e mesmo as coisas miúdas, mais do nosso dia a dia, é partidos e eleições. Então, você lê os textos teóricos, é um mundo, quando você começa se aproximar das coisas é outro mundo. Mas na pesquisa de campo, nessa convivência mais longa com as pessoas, na observação disso aí, começa a aparecer, quer dizer, essa coisa não é casual, não está em jogo um afastamento dos grandes conceitos, mas há concepções que respaldam isso. Há recortes da realidade, essa história do tempo da política, tempo da eleição, não sei que, que estava lembrando ainda pouco, nos estudos de comunidade três por dois isso aparece, mas de repente caiu um pouco a ficha para mim de aquelas pessoas todas pensavam aquelas situações que elas viviam, não em termos mais espaciais, como nós fazemos: isso é jurídico, isso é econômico, isso é político, coisas assim, e as discussões são em torno de político, político jurídico, jurídico separado do político, a gente fica nisso aí, eles têm um recorte em termos de tempos: tempo de festa, tempo da política, tempo da colheita, tempo disso, tempo daquilo. Será que posso tratar isso como sendo uma imprecisão, ignorância deles, e insistir no meu recorte? Não. O tipo de experiência que a gente fez, o que acontece, se eu levo a sério isso que está sendo... não é somente dito da boca para fora, está sendo experimentado, vivido por essa população. Então é um pouco a coisa do conceito, uma coisa impressionante. Com os alunos isso termina sendo mais visível que, evidentemente, tem menos experiência, mas há uma naturalização nossa mesmo dos profissionais, da coisa do conceito, como se o conceito fosse abstrato. O Weber resolveu isso há sei lá há quantos anos atrás, o tipo ideal, não essa vulgata, tipo ideal que a sociologia americana produziu. Mas quando ele diz: o que está em jogo? Seria o conceito próprio, o artefato próprio da Sociologia, era um pouco isso, você lida com as idealizações, as formulações, os recortes de determinada população, e tenta dar consistência lógica e buscar algum tipo de sistematicidade com as outras utopias, como ele diz. Então é um pouco isso, o trabalho, não sei se dos antropólogos, de alguns antropólogos, implica, isso que está em jogo. Então me parece que indo por aí acho que dá para gente entender uma série de coisas que de outro modo não se conseguiria entender. E como tudo tem limites, até isso, aceitar que há limites, não há teorias toda poderosas, esse é outro problema das Ciências Humanas. Aquela história que você preserva a teoria, a grande teoria, então, não, mas isso é o que: marxismo, não sei que, funcionalismo, formalismo, que diabo for, o problema não é tanto esse, quer dizer, a teoria serve para você produzir mais conhecimento e as teorias tem que ser permanentemente reformuladas, como em outras ciências. Acho que isso é uma coisa que a

gente pode aprender com a exatas, não há teoria definitiva. E há uma certa recusa nossa, digamos assim, de desafiar os nossos próprios paradigmas. Então a coisa da Antropologia, para mim, e digamos assim, de várias antropologias, é isso, se gerou um tipo de produção conceitual e de reelaboração conceitual, que eu acho que abre perspectivas, que eu não vejo sendo abertas com tanto vigor, com tanta força em outras Ciências Humanas. Agora, isso pode ser inclusive passageiro, não tenho nenhuma afirmação...

H.B. - Era só um depoimento mesmo pessoal, quanto que a Antropologia, ainda hoje na pesquisa agora, estou pensando nessa... ela te orienta?

M.P. - É isso. Nessa do agronegócio é um pouco o que eu estava dizendo ainda há pouco. Tudo bem, essa ideia do agronegócio se implantou e de repente parece que sempre existiu. Uma coisa recente, eu pessoalmente acho que isso amarra um pouco certas decisões a respeito, certas decisões políticas, agronegócio versus...

H.B. - Quando eu fiz a pergunta, você tinha acabado de escrever quase que uma equipe da escola sociológica francesa, tem lá os economistas, os sociólogos, não é, os demógrafos e os antropólogos, então o que eu estava interessada em saber é quanto que da sua perspectiva, para você, a tua entrada, a Antropologia te ajuda...

M.P. - É um pouco por aí, como também esses colegas que eu mencionei são economistas também muito heterodoxos, mas a formação deles é Economia, então eu acho que esse diálogo, para mim, por exemplo, se eu não tivesse ficado esse período lá no PPGAS ou eventualmente em outro centro de Antropologia, possivelmente não teria chegado a formulações que eu cheguei que acho que tem algum valor etc. O caminho teria sido outro, podia ter feito coisas também interessantes...

H.B. - O inverso também?

M.P. - Pois é, tem essas...

K.K. - Mencionei rápido que você está indo para a Inglaterra passar um período lá, e eu acho que seria interessante, a gente conversando com a Mariza [Peirano] semana passada, falar um pouco o que tem sido a Antropologia em outros centros que formaram um pouco a tradição, e ao mesmo tempo, novos, das relações sul, África, Ásia que tem produzido outras reflexões. A Índia, por exemplo, no caso da Mariza mesmo, uma referência muito importante. Se você podia falar um pouco, se você quiser, claro, se há Antropologias, Sociologias, Ciências Sociais sendo feitas em outros lugares que não o Brasil, que te interessam, que tem te instigado, mobilizado

a ler, a pensar, e depois eu queria fazer uma ponte com o que a gente falou sobre a leitura dos clássicos nesse contexto internacional que é... Mas a gente desdobra depois.

M.P. - Um dos problemas que a gente tem hoje, que eu sinto e que fica, é uma certa impossibilidade, por mais que haja essas facilidades da internet, isso e aquilo, a gente cobrir, ter uma ideia de tudo que está se fazendo nas Ciências Sociais, ou mesmo que a gente tome especificamente Antropologia. Quer dizer, se a gente tenta fazer esse tipo de investimento, a gente não consegue aprofundar minimamente aquele tema, aquelas questões que você está mexendo. Então há uns anos atrás, recebi um convite, um convite genérico desses para um congresso de Antropologia na China. E eu tenho muita curiosidade de conhecer a China e tal, então era um congresso de Antropologia, Sociologia na China, fui lá ver o programa e tal. Eu nunca tinha ouvido falar em nenhum dos nomes. Eram sociólogos e antropólogos noruegueses, chineses, uns poucos americanos, canadenses, então era uma configuração, acho que holandeses, com questões que não eram nessa mesma faixa, não eram questões que você se defrontasse nessas revistas mais conhecidas de Antropologia que gente lida, *American Ethnologist*, do *Current*, enfim, *L'Homme*, essa coisa toda, aquele era um outro conjunto de nomes, de questões e tal, mas estava lá a coisa da Antropologia. Dava um certo... não tenho ideia do que está acontecendo no mundo. E cada vez que você puxa uma coisa dessa, essa coisa diversifica. Eu não tenho... pode ser que tenha uma ideia de tudo que está ocorrendo, a gente acaba ficando, acompanhando um conjunto relativamente pequeno de antropólogos, e esse conjunto pequeno todo dia tem gente nova se incorporando aí, já é uma dificuldade. Então, enfim, é difícil. Essa coisa da Índia, em determinado momento eu fui – como também de alguns antropólogos africanos e tal – nessa história do pós-colonial fui atrás da coisa, fiz um investimento com base nessa literatura, em parte me pareceu extremamente interessante, mas também de uma variedade. Tem toda a coisa do pessoal que vem da literatura que eu não... quando eu fui não tinha ideia disso. E dessa coisa do entorno do inglês, da língua inglesa e se justifica um inglês oficial que seria o inglês britânico, essa história toda, um pouco eu dei uma bordejada nesse mundo, cheguei alguns desses trabalhos que tinham interesse para aquilo que eu estava fazendo, incorporei, de vez em quando busco, dou uma olhada nisso e tal, mas não tenho como avaliar esse conjunto. Os próprios limites desse conjunto são difíceis de você visualizar; a gente fica, naturalmente, preso aquela literatura com que você lida. Acho que é um drama...

K.K. - Essa discussão de que você valorizou muito, não só hoje, como nas outras conversas, a leitura dos clássicos, a riqueza que é recuperar. A gente de certa forma tem ouvido isso aqui. Por outro lado, há uma cobrança; a gente tem um interesse dentro do projeto que é sobre o ensino. Como se ensina Antropologia hoje, tanto na graduação como na pós-graduação. E nesse processo de escolha da formação, de certa forma há uma tensão entre propor os clássicos, retomar os clássicos ou a cobrança de se estar, entre aspas, atualizado, em dia. Como você vê essa tensão?

M.P. - Eu acho que a coisa dos clássicos é fundamental. Você não está primeiro, abrindo porta aberta, evidentemente que cada vez que os clássicos você está abrindo a nova porta dos clássicos, você não volta passivamente. Não é uma leitura única desses clássicos. Ainda há pouco estava falando, essa coisa do Weber, eu estava criticando o tipo de identificação que uma sociologia americana, numa certa época, depois já houve coisas escritas a esse respeito, identificavam tipos ideias e tipologias. Isso, realmente... Eu aprendi assim, um belo dia eu vou diretamente ao Weber e não é nada disso. Não está escrito isso aqui não. Por outro lado, também, isso, em até certo momento, eu quando fiz Memorial, dei conta disso, às vezes até equívocos seus em cima da leitura de um autor pode ser produtivo, então, por exemplo, há uma crítica grande a versão, a tradução do Weber feita pelo Parsons. Eu acho que por um lado perfeito, simplifica. Por outro lado, essa versão do Parsons é muito interessante também. Enquanto essa versão que circulou muito entre nós, essa tradução para o espanhol do *Fondo de cultura económica*, é dura de roer, porque a tradução que é meio literal, o tradutor tentou seguir isso à risca. A minha impressão é que a tradução brasileira também se inspirou muito nisso aí, o confronto foi feito. Quando eu pego *Economia e sociedade* versão Parsons, pode até estar se afastando do Weber, mas me sugere coisas interessantes. Então tem essas coisas. A mesma coisa, bastante tempo atrás, eu estava às voltas com o Simmel, *The web of group-affiliations*, tem o Bendix que fez a tradução, tem uma nota dizendo que em nenhum momento o Simmel fala de grupo. A tradução, o termo que ele usa, a melhor tradução círculo e tal. Entre círculo e grupo você tem uma... Grupo nos anos 50 vira o conceito, sociedade é um tipo de grupo, a gangue é outro tipo de grupo.

K.K. - Já começava com a questão, é um grupo ou não é um grupo.

M.P. - Aquele período que a teoria dos pequenos grupos se vira quase uma disciplina, a dinâmica, uma disciplina entre a Psicologia social e... todas essas coisas. O Simmel era uma referência permanente. Quando você vai ao texto, está lá, não era esse o termo que ele usava.

E não usava, não era por acaso que não usava e por aí vai. A mesma coisa na história do conflito. Mais recentemente em cima dessa experiência, estava às voltas com essa história de conflito, e também, a nota do Wolf, que ele usa diferentes termos para conflito e... Mas que ele vai traduzir como conflito para simplificar e tal, e já no título é *Kämpfen*, que a gente traduz como luta. E o Simmel é extremamente meticuloso nessas coisas, não muda o termo gratuitamente. Sei lá, cada formulação dessas abre um espectro de questões e possibilidades imensas. Ao pensar, voltando a coisa dos clássicos, eu tenho um certo temor com essa coisa da ortodoxia. Ortodoxia se existe é extremamente negativa, primeiro duas pessoas leram a mesma coisa, enfim, terem o mesmo entendimento já é complicado, depois os próprios autores têm as suas ambiguidades e ainda temos que operar com a coisa das traduções. Claro, com tudo isso você encontra uma fonte, uma contribuição, um ponto de partida que é importante. As vezes até entendo mal esse autor. Então acho que temos que atuar nas duas frentes, nos clássicos e o recente. Não é simplesmente a história dos últimos dois anos, três anos ou cinco anos como fazem algumas revistas, só resenham coisas produzidas nesse período, mas o problema é o que está sendo... Esse movimento de ir atrás, esse movimento de pesquisa de ir atrás da informação, de mais uma vez questionar a teoria, de checar, de reelaborar e tal. Não sei, veria a coisa um pouco por aí. De vez em quando surgem algumas polêmicas em torno disso e tal, sem dúvida alguma, não é à toa que esses autores foram virando clássicos, Weber, Durkheim, Mauss, Marx, enfim, Boas, uma variedade grande aí nas diferentes Ciências Humanas. Thomas e [Znaniecki](#), por exemplo, que para mim tinha aprendido na faculdade isso e aquilo, quando nos cursos de Ciências Sociais camponesas, voltei aos dois, tive a paciência de pegar o livro todo, ler, realmente, naquela época estão fazendo uma proposta específica de uma psicologia social, estão propondo, estão muito próximos... Tem muita coisa próxima ao Weber, mas é um livro de uma criatividade enorme. O que eles vão dizer a respeito da família é aquele negócio do ciclo, desenvolvimento doméstico, vai ser retomado 30 anos depois pela Antropologia, mas está lá. Então essas voltas podem ser muito produtivas. Não é para você ficar cultivando o ancestral do ancestral, do ancestral, do ancestral. Não é isso não. Mas é você evitar, quer dizer, não só abrir portas abertas e buscar formulações que são um instrumento, que dão um aparato para você abordar aí a realidade. Não sei se fui claro.

K.K. – Foi claro. A gente termina geralmente, também, perguntando se você gostaria de acrescentar alguma coisa que nós não abordamos que você acha importante. Uma coisa que o projeto tem mostrado, uma riqueza muito grande é a curiosidade, o interesse dos jovens, às

vezes graduandos, no início de graduação em ver essas entrevistas, em conhecer, e a gente sabe que tem muitas dificuldades. Você, aliás, tocou agora nesse ponto da dificuldade hoje de selecionar informação, então abrir um pouco, se você quiser falar alguma coisa que você acha que seria interessante para um aluno hoje de Ciências Sociais.

M.P. - Uma coisa que eu tenho mexido aí, que eu falado algumas vezes... Bom, uma coisa é isso que a gente estava discutindo. Agora, eu acho que uma... às vezes é só uma coisa de perspectiva momentânea, depois de tanto tempo mexendo com isso, mas como há uma preocupação com essa história das Ciências Sociais no Brasil e tal, e uma coisa que dá uma certa satisfação, que eu acho que houve uma mudança de qualidade. Eu acho que isso não somos nós, o PPGAS, esse conjunto, esse investimento em pesquisa, em ensino que foi feito, sobretudo nas pós-graduações no Brasil, realmente eu cada vez mais me convenço que houve avanços e avanços significativos. E não é por acaso, não é só em função da crise europeia, da crise econômica europeia e norte-americana e tal, que há um interesse grande dos cientistas sociais, dos chamados países desenvolvidos, pelo Brasil e pela academia no Brasil e tal. Acho que estão se tocando que houve desenvolvimentos, quer dizer, houve um investimento que deu frutos aqui e que estão colocando questionamentos para eles próprios pensarem. Então acho que estamos mexendo numa situação que sempre foi complicada. Por exemplo, se um francês, um inglês, acho até que os americanos nisso são mais flexíveis, te pedem um artigo, eles não conhecem a... eles supõem que o leitor deles, as vezes ele próprio, não conhecem a história brasileira, então querem que você explique tudo da história brasileira para falar de um tema determinado. Agora, já eles escrevem sobre não importa o que, e a gente que se vire para saber como é a história da Argélia, da Turquia, do Japão, disso e daquilo. Aquelas informações básicas e tal. Então esse tipo de exigências que me defrontei, tive conversas com o próprio Bourdieu na época, tinha lá um artigo e queriam que eu desse uma porção de explicações, [risos] “não, não faço isso”. Quer dizer, havia um formato, a gente já recebia um arcabouço de produto intelectual pronto, você tinha que se ajustar a ele. Isso, por exemplo, está sendo quebrado. Isso está sendo quebrado. Então há uma certa mudança. E o que eu chamaria atenção, isso é o que tenho batido mais recentemente, é que as vezes que uma resistência nossa, do pessoal que está a mais tempo, de reconhecer que trabalhos mais recentes estão fazendo pontos, estão vendo mais longe, e não vejo nenhum problema de alguns mais velhos...

H.B. - Por exemplo, dá alguns exemplos.

M.P. - Citar é sempre complicado, mas algumas teses que foram... falando da coisa mais próxima, que foram produzidas lá no PPGAS, alunos de diferentes orientadores, o pessoal que se orienta comigo ou com amigos, têm sido produzidas teses que as vezes vão além daquilo que o seu orientador colocou ou outros colegas, há avanços substantivos nessa coisa.

H.B. - Não é um problema, é um bom sinal.

M.P. - Pois é, mas há uma certa resistência dos colegas de aceitarem isso, há uma certa resistência. É como se o mestre sempre tivesse que estar acima disso aí, e acho que não faz muito sentido. Houve uma tese de um colega, hoje colega, mas aluno meu há alguns anos atrás, de uma aluna e na época eu fiz esse comentário na banca: “agora fizeram isso, temos que ir atrás”. Os colegas não gostaram nenhum pouco. Você sabe porque estava por lá na época. É uma certa resistência: “não então tá, porque não viu isso...” Todo e qualquer trabalho tem imperfeição, não há impossibilidade, a gente fica com essa história. E às vezes essa história de você achar que esse produto mais recente é imperfeito, você atrasa passos importantes que podem ser dados. Então isso me parece crucial para a gente caminhar.

H.B. - E um estímulo enorme para os jovens.

M.P. - Para os jovens, pois é. Isso que eu estou dizendo, reconhecer o que está sendo feito. Não quer dizer que todos os trabalhos sejam melhores e tal, inclusive porque os mais velhos também continuam trabalhando, produzindo, isso e aquilo. Mas é um pouco romper essa barreira. Se o mais jovem faz um trabalho que vai adiante daquilo que eu vi, ótimo, então vamos agora tentar ir adiante do que ele fez e coisas desse tipo. Então, enfim, era isso. Eu acho que é muito gratificante, depois da gente estar anos, algumas décadas na universidade, a gente perceber essa transformação. Você ver que conseguiu de algum modo interferir nisso aí, deixar a sua contribuição e ver que esse é um movimento que segue. Não tem aquele negócio, houve um pique, agora... não, a coisa está indo e há um reconhecimento de que esta coisa está se transformando, isso é profundamente gratificante.

H.B. - Eterna juventude.

K.K. - Obrigada, Moacir.

M.P. - Obrigado vocês.

[FIM DO DEPOIMENTO]

